

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**

AMANDA BARRETO DA SILVA

**PESSOAS, CORPOS E LUGARES:  
ESTUDO DE GÊNERO NO BAIXO SÃO FRANCISCO PRÉ-COLONIAL**

LARANJEIRAS

2020

AMANDA BARRETO DA SILVA

**PESSOAS, CORPOS E LUGARES:**

ESTUDO DE GÊNERO NO BAIXO SÃO FRANCISCO PRÉ-COLONIAL

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

LARANJEIRAS

2020

AMANDA BARRETO DA SILVA

PESSOAS, CORPOS E LUGARES: ESTUDO DE GÊNERO NO BAIXO SÃO  
FRANCISCO PRÉ-COLONIAL

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Aprovado em 23 de janeiro de 2020

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

Orientadora

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida

1º Examinador – Membro Interno

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva

2º Examinador – Membro Interno

Universidade Federal de Sergipe

À flor mais bonita, minha avó Selvina, por me conceder a honra de partilhar do teu sangue e me ensinar o que livro nenhum ensina: as grandezas de ser uma mulher forte.

## AGRADECIMENTOS

Ainda sem acreditar, finalmente chego à parte mais esperada deste trabalho. Embora seja a realização de um sonho meu, nada disso seria possível e muito menos faria sentido se algumas pessoas não estivessem ao meu lado ao longo dessa trajetória. Afinal, como cantava Raul Seixas, “sonho que se sonha junto, é realidade”.

Agradeço inicialmente às minhas raízes, minha base, meu umbuzeiro frondoso: minha família. Pai e mãe, obrigada por me ensinarem que o caminho dos estudos e da leitura é mágico e deve ser priorizado. Obrigada também pela confiança e incentivo, por terem vibrado comigo durante minhas conquistas e por estarem comigo nessa empreitada. Sou apenas parte da vida de vocês, mas vocês são toda a minha história! Amo vocês!

Aos meus irmãos Rafael e Ian por todo suporte e incentivo. Às minhas tias Maria e Nilza por me tratarem como filha, serei sempre grata pelo cuidado e carinho que têm por mim. À minha avó Selvina por sempre me receber com um grande sorriso, que continua lindo mesmo banguelo e me dá a coragem que preciso pra seguir em frente.

Ao meu companheiro, Luan, por absolutamente tudo! Por despertar meu interesse por aventuras e pela natureza, por me apoiar nos momentos difíceis e vibrar comigo nos felizes, por me inspirar a ser alguém melhor a cada dia, por ser quem és. Amo você demais, Luba!

Gratidão também à minha segunda família, a família da Pedra: à minha sogra querida (Luciana), tia Carla, Sofis, Pedrinho, Fedo, Sinhô, dona Antonina e todos aqueles que não citei, mas que têm Oliveira, Lima ou Américo no sobrenome. Não existe carregador turbo melhor do que a energia de vocês! Os momentos que passei com todos foram essenciais para manter o ânimo e retirar o cansaço do dia-a-dia.

No âmbito acadêmico, agradeço à professora Márcia por ter proporcionado meu primeiro contato com a pesquisa acadêmica, serei sempre grata pela confiança e ensinamentos. Agradeço também ao professor Fernando pelas indicações (musicais e profissionais), campos e resenhas. Muito do que aprendi devo a você!

À professora Daniela Klokler por todos os ensinamentos e orientações. À professora Lorena pela ajuda, indicações de leituras e comentários. Vocês são grandes exemplos de pesquisadoras para mim e me sinto honrada por ter recebido orientações suas na construção deste trabalho.

No campo profissional, agradeço a todos da Ambientec e da Sílex. Em especial à antiga geração: Sérgio, Vani e Dani. Nada do que eu diga é capaz de descrever a minha admiração e respeito pelos três. Grande parte da profissional que sou/serei, devo a vocês! Obrigada ao Professor João D'Ávila, Arthur, Marcelo e Matheus pela confiança e oportunidade de crescer junto à empresa. Gratidão também ao pessoal do meio ambiente, à Jacque e sr. Luiz!

Aos estagiários que se tornaram grandes amigos: Geocana, Joemir, Buza e Bruno. Muito obrigada pela parceria e brincadeiras, vocês tornam tudo mais divertido. Também incluo aqui a melhor historiadora de Sergipe que se tornou uma grande amiga nessa reta final, obrigada pelo companheirismo, Helô! E vida longa à nossa amizade!

Às equipes de campo que tive a honra de trabalhar no meio acadêmico, em especial a do PROBASÃO e da Ponta da Castanha. Tão importante quanto, às equipes que estiveram comigo na arqueologia preventiva: a equipe do Marcos Faro, do Manildo, do Missonga e do Belo. Muito provavelmente não lerão isso, mas o respeito que tiveram comigo enquanto única mulher da equipe foi essencial para manter meu encantamento pela arqueologia.

Ao pessoal da turma de 2016.1 que compartilhou comigo as dores e as delícias de cursar arqueologia: Sofia, Jaci, Luana, Victor, Bruna, George, Dani, Cayo, Tati, Thatson, Bia e Larissa.

Aos docentes que tive ao longo da vida, em especial os do Departamento de Arqueologia pela excelente formação. Obrigada também aos membros da banca Bruno e Fernando por aceitarem participar deste momento e contribuir com meu trabalho!

Às minhas melhores amigas: Thayane, Brenda, Láisa, Mica, Moi, Marina, Veida e Kelly. Obrigada pelo amor que vocês me dão e por comemorarem minhas conquistas como se fossem suas. Amo vocês demais, irmãs!!!

Por fim, a todas e todos que mesmo não sendo mencionados aqui, contribuíram com a realização desse sonho. Muito obrigada!!!

*Tudo o que os homens escreveram sobre as  
mulheres deve ser suspeito, pois elas são, a um  
tempo, juiz e parte.*

*(François Poullain de la Barre)*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva trazer a perspectiva de gênero à discussão arqueológica, caracterizada durante muito tempo pelo discurso androcêntrico e hierarquização de papéis sociais ligados ao sexo biológico dos indivíduos. O sítio Justino, alvo desta pesquisa, foi identificado no município de Canindé de São Francisco, estado de Sergipe, e caracteriza-se por ser a maior necrópole pré-colonial do Brasil. A densa quantidade de sepultamentos fornece informações acerca da presença – ou não – de diferenciações sociais com base no sexo dos indivíduos, dando suporte à discussão de gênero aplicada aos povos nativos. As metodologias empregadas englobaram o estudo de dados etnográficos referentes às sociedades indígenas atuais e a análise dos sepultamentos com sexo biológico estimado e seus respectivos aspectos funerários, a exemplo dos tipos de deposição e acompanhamentos. Os resultados indicam uma relação entre mobiliários funerários e diferenciações sociais que vão além do sexo biológico e que confrontam modelos aplicados ao período pré-colonial. Dessa forma, abriam-se possibilidades para novas abordagens e perspectivas sobre as sociedades indígenas do Baixo São Francisco.

**Palavras-chaves:** Arqueologia Funerária; Estudos de Gênero; Sítio Justino.

## ABSTRACT

This research proposes to bring the gender perspective to the archaeological discussion, that has been characterized along the years by the androcentric discuss and social role hierarchy linked to the biological individual sex. Justino site, object of study of this paper, was identified in the city of Canindé de São Francisco, state of Sergipe, and is characterized by being the largest pre-colonial Brazilian necropolis. The dense amount of burials can provide information about the presence – or absence – of social differentiations based on individual sex, supporting gender discussion applied to native people. The methodologies employed in this research have encompassed the study of ethnographic data regarding the current indigenous society and the burial analysis with estimated biological sex and their respective funerary characteristics, an instance of the types of deposition and accompanies. The results indicate a relationship between funeral offering and social differentiations that go beyond biological sex and that confront models applied to pre-colonial period. Thereby, new discussions and perspectives about the indigenous societies from the Lower Sao Francisco River are now possible.

**Key Words:** Funerary Archaeology, Gender Studies, Justino site.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da área arqueológica de Xingó.....	17
Figura 2 – Trincheiro no sítio Topo através do método de sondagem (Fonte: Acervo MAX)	18
Figura 3 – Escavação através do método de superfície ampla no sítio Justino (Fonte: Acervo MAX).....	19
Figura 4 – Perfil estratigráfico do sítio Justino (Fonte: Acervo MAX).....	21
Figura 5 – Planta baixa do sítio Justino (Adaptado de CARVALHO, 2006; Acervo MAX) ..	22
Figura 6 – Vista aérea do sítio Justino (Fonte: Acervo MAX).....	23
Figura 7 – Sepultura 118 com vasilhames cerâmicos associados (Acervo MAX).....	27
Figura 8 – Tembetás em amazonita e arenito, respectivamente (Foto: Vinícius Pereira, 2018) .....	28
Figura 9 – Furão <i>Galactis cuja</i> (Fonte: Ciências Resumos, 2018).....	28
Figura 10 – Pingente metatarsiano de um cervídeo (Foto: Vinícius Pereira, 2018).....	29
Figura 11 – Fogueira 04 do sítio Justino (Fonte: FAGUNDES, 2007) .....	29
Figura 12 – Planta baixa da decapagem 12 proveniente do acervo do MAX .....	36
Figura 13 – Ficha utilizada para coleta de dados das plantas baixas .....	37
Figura 14 – Região do Baixo Rio São Francisco no Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendaju (Fonte: IBGE, 1987).....	39
Figura 15 – Mapa de localização dos grupos indígenas estudados do tronco linguístico Macro-Jê .....	42
Figura 16 – Cesto produzido para guardar os ossos do morto (Fonte: CAIUBY NOVAES, 2006) .....	44
Figura 17 – Estrutura funerária dos grupos Kaingang (Fonte: MANIZER, 1914 apud VEIGA, 2016) .....	46
Figura 18 – Antiga forma de levar o morto ao local do sepultamento entre os Kaingang antigos (Fonte: MANIZER, 1930 apud VEIGA, 2000).....	46
Figura 19 – Configuração espacial da amostra geral.....	52
Figura 20 - Configuração espacial e amostragem do cemitério C.....	53
Figura 21 – Configuração espacial e amostragem do cemitério B .....	55
Figura 22 – Configuração espacial e amostragem do cemitério A.....	59

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de indivíduos masculinos, femininos e infantis na amostra geral .....	51
---------------------------------------------------------------------------------------------	----

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Acervo do sítio Justino (SANTANA & FEITOSA, 1998; CARVALHO, 2006) .	20
Quadro 2 – Divisão do sítio Justino em cemitérios (Adaptado de Vergne, 2004) .....	23
Quadro 3 – Divisão do sítio Justino em fases de ocupação (Adaptado de Fagundes, 2010) ...	24

Quadro 4 – Tronco linguístico Macro-Jê (Adaptado de Rodrigues, 2012).....	40
Quadro 5 – Informações acerca dos dados etnográficos utilizados.....	42
Quadro 6 – Dados da amostra geral.....	51
Quadro 7 – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério C.....	53
Quadro 8 – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério C.....	54
Quadro 9 – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério B.....	56
Quadro 10 – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério B.....	58
Quadro 11 – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério A.....	60
Quadro 12 – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério A.....	62
Quadro 13 – Quantificação dos tipos de deposição e acompanhamentos associados a cada sexo .....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CHESF**            Companhia Hidrelétrica do São Francisco

**FUNDHAM**       Fundação do Homem Americano

**PAX**             Projeto Arqueológico de Xingó

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. Do macro ao micro: contextualizando o sítio e seu entorno</b> .....	15
<b>1.1</b> Breve caracterização geoambiental .....	15
<b>1.2</b> Projeto Arqueológico de Xingó.....	16
<b>1.3</b> O sítio arqueológico Justino .....	19
<b>1.4</b> Além dos remanescentes humanos .....	27
<b>2. Entre o abstrato e o concreto: Bases teóricas e metodologia</b> .....	30
<b>2.1</b> Arqueologia de gênero .....	30
<b>2.2</b> Arqueologia funerária .....	33
<b>2.3</b> Metodologia.....	35
<b>3. Sobre passados presentes: Dados etnográficos como estratégia de pesquisa</b> .....	39
<b>3.1</b> Dados etnográficos e potencialidades investigativas.....	39
<b>3.2</b> Noção e construção da pessoa indígena .....	41
<b>3.3</b> Aspectos cosmológicos e funerários entre povos falantes de línguas Macro-Jê.....	41
<b>3.4</b> Apontamentos prévios.....	49
<b>4. Dados antigos, novos manuseios: Resultados e discussões</b> .....	51
<b>4.1</b> Apresentando os dados do Cemitério C.....	52
<b>4.2</b> Apresentando os dados do Cemitério B.....	55
<b>4.3</b> Apresentando os dados do Cemitério A.....	59
<b>4.4</b> Discussão dos resultados.....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	68
<b>APÊNDICES</b> .....	73

## INTRODUÇÃO

As questões de gênero somente tornaram-se elemento da discussão arqueológica a partir da segunda metade do século XX (GILCHRIST, 2009; NELSON & ROSEN-AYALON, 2002), chegando ao Brasil apenas no final deste. Compreender as sociedades passadas estejam elas em um contexto histórico ou pré-colonial, requer aprofundar-se em seus aspectos políticos, simbólicos, econômicos e sociais. Sendo assim, torna-se fundamental a interpretação dos remanescentes humanos e culturais com uma perspectiva acerca de como o grupo (ou grupos) em questão lidava(m) com os papéis de gênero e de que modo isso influenciava a vida cotidiana e, conseqüentemente, o registro arqueológico.

Caracterizado pela densa quantidade de sepultamentos, o sítio Justino, foco deste trabalho, foi identificado na região de Canindé de São Francisco, estado de Sergipe, através do Projeto Arqueológico de Xingó, na década de 90 (VERGNE, 2004; FAGUNDES, 2007). Por se tratar de um cemitério pré-colonial, o sítio fornece dados essenciais sobre a organização social de populações passadas, uma vez que a morte, encarada de maneira diferente em cada sociedade, exerce influência sobre as ações e emoções dos indivíduos. Logo, quem a pessoa era em vida - e como ela era vista, suas atividades e importância social - será representado em seu sepultamento (SENE, 2007).

A primeira etapa desta pesquisa esteve associada a um projeto de iniciação científica, em que foram coletadas as informações sobre os acompanhamentos funerários dos sepultamentos com sexo estimado, além da seleção dos níveis associados ao “cemitério B” a fim de identificar a localização desses indivíduos. Os resultados obtidos possibilitaram a delimitação de possíveis conjuntos de sepultamentos com contextos deposicionais e acompanhamentos funerários específicos.

O objetivo, portanto, foi compreender os aspectos de gênero associados ao sítio Justino, cujo enfoque abrange os elementos relacionados aos sepultamentos e à localização destes no sítio. Frente à complexidade funerária associada ao sítio Justino, é evidente a diferenciação no tratamento ao morto, em que as variações se apresentam tanto nos acompanhamentos quanto nos tipos de deposição. Partindo desse pressuposto, este trabalho pretende discutir a existência – ou não – de diferenciações com base no sexo biológico dos indivíduos, cujos objetos de pesquisa serão os aspectos funerários (faixa etária, formas de deposição e acompanhamentos) ligados aos indivíduos adultos com sexo estimado e suas respectivas localizações no sítio.

A elaboração e organização deste trabalho ocorreram através de quatro capítulos. Dessa forma, o primeiro capítulo permeia os estudos anteriores sobre o sítio, bem como sua configuração e aspectos geográficos. O segundo discorre sobre as metodologias e bases teóricas utilizadas, a exemplo da arqueologia funerária e a arqueologia de gênero. Enquanto o terceiro capítulo traz dados etnográficos a fim de proporcionar uma reflexão sobre os aspectos simbólicos e funerários associados aos povos indígenas atuais. Por fim, o quarto capítulo engloba os dados obtidos e, conseqüentemente, as discussões sobre estes.

Os resultados alcançados mostraram-se oportunos, uma vez que além de dialogar com os dados etnográficos apresentados, também confrontam os paradigmas associados à discussão arqueológica no que tange as percepções de gênero. Dessa forma, as discussões e resultados obtidos sobre as diferenciações funerárias associadas aos indivíduos do sítio Justino abriram oportunidade para novas perspectivas e abordagens diante dos aspectos sociais e simbólicos inerentes ao sítio.

## **1. Do macro ao micro: contextualizando o sítio e seu entorno**

O rio São Francisco, de acordo com Martin (1998), foi povoado por povos pré-coloniais desde o final do Pleistoceno, fato atestado pelas pesquisas arqueológicas aplicadas em toda a sua extensão (CALDERÓN, 1967; HENRIQUES, 2012; KOOLE, 2007; MARTIN, 2005; VERGNE, 2007 apud DANTAS, 2018). Os levantamentos realizados na área de Xingó, no Baixo São Francisco, indicaram um grande potencial arqueológico, haja vista a pluralidade de sítios, sobretudo aqueles de caráter ritualístico, a exemplo do sítio Justino, objeto deste trabalho. Dessa forma, este capítulo contextualiza tanto o ambiente em que o sítio estava inserido, quanto os métodos de pesquisa e resultados alcançados através da escavação.

### **1.1 Breve caracterização geoambiental**

Localizado no extremo noroeste do estado de Sergipe, o município de Canindé de São Francisco está inserido no polígono das secas e caracteriza-se pelo clima semiárido, com temperaturas entre 24°C e 33°C e precipitação pluviométrica média de 485,5mm/ano. Na região predomina a vegetação de caatinga, sobretudo hiperxerófila arbustivo-arbórea sobre os solos arenosos e rasos (BOMFIM, 2002).

A região está inserida na bacia hidrográfica do rio São Francisco, e está situada próxima às drenagens do riacho Lajedinho e do rio Curituba (BOMFIM, 2002). De sua nascente, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, até a foz na divisa entre Alagoas e Sergipe, o rio São Francisco tem sua extensão em torno de 2800 quilômetros, percorrendo 6 estados e mais de 500 municípios, o que o torna uma das principais drenagens da América do Sul (ALMEIDA; KLOKLER, 2016; IBGE, 2018).

O território que abrange o Baixo São Francisco é formado por serras, planícies cristalinas, tabuleiros e vales aluviais. A unidade geomorfológica é denominada por Pediplano do Baixo São Francisco, que pode ser definida como uma grande superfície aplainada através de processos erosivos, comum em ambientes áridos (CHESF, 1979 apud VERGNE, 2004). Em algumas faixas afloram sedimentos da Bacia do Tucano Norte, que se relacionam às formações Curituba, Santa Brígida e Tacaratu, compostas principalmente por arenitos e silixitos. Os principais solos da região são os neossolos, caracterizados por serem de ordem mineral com aspecto pedregoso, não hidromórficos e pouco desenvolvidos, estando presentes em toda região semiárida (JACOMINE, 2009).

O local de implantação do sítio Justino é caracterizado como um terraço, cuja formação ocorreu através do transporte de sedimentos por meio do rio Curituba, tributário do São Francisco. Esse transporte resultou em deposições de características deltaicas, predominando o depósito de areia e silte (CHESF, 1979 apud VERGNE, 2004). Dessa forma, os terraços do Baixo São Francisco foram os principais locais de atividades humanas no período pré-colonial, sobretudo se considerar as potencialidades ofertadas pelo ambiente, a exemplo da piscosidade e da água, como proposto por Ab'Saber (1997).

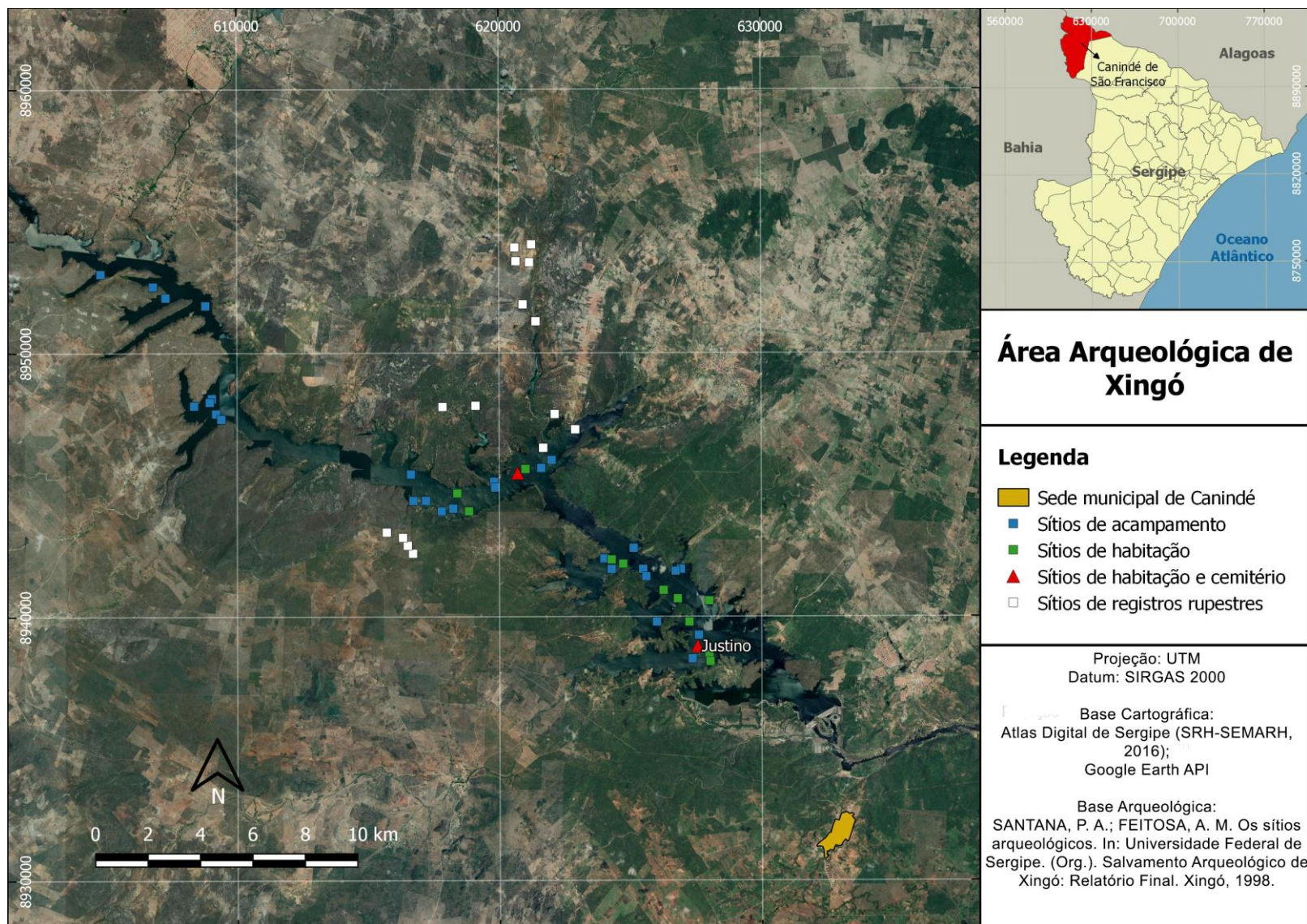
## **1.2 Projeto Arqueológico de Xingó**

O histórico de pesquisas em Xingó teve início na década de 80, quando pesquisadores do Departamento de Sociologia e Psicologia da Universidade Federal de Sergipe identificaram quatro sítios de registros rupestres na região (VERGNE, 2004). Posteriormente, diante do projeto de construção da Usina Hidrelétrica de Xingó pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF, ocorreu o convênio com a Universidade Federal de Sergipe a fim de realizar o levantamento e salvamento arqueológico da área, uma vez que esta seria descaracterizada (VERGNE; NASCIMENTO, 1998).

As atividades de levantamento tiveram início em 1988 e duração de cinco anos, cujos resultados abrangeram a identificação de 56 sítios arqueológicos e coleta de mais de 50.000 vestígios, incluindo cerâmicas, líticos, sepultamentos humanos, entre outros que datam até 9.000 anos AP<sup>1</sup>. Diante dos dados obtidos, a área arqueológica de Xingó (Figura 1) foi dividida em quatro categorias de sítios, sendo: acampamento; registros gráficos; habitação e cemitério (MARTIN, 1998; SANTANA; FEITOSA, 1998).

---

<sup>1</sup> AP significa “antes do presente”, ou seja, “antes de 1950”, que é o padrão estabelecido pelo método de datação do carbono-14, comumente utilizado para datar materiais arqueológicos de origem orgânica, a exemplo de ossos e vegetais (SCHEEL-YBERT, 1999).



**Figura 1** – Mapa da área arqueológica de Xingó

A execução da pesquisa dividiu-se em quatro etapas: levantamento, prospecção sistemática, sondagem e escavação. A fase de levantamento ocorreu através de dados bibliográficos, estudo de cartas aéreo-fotogramétricas e análise de informações obtidas através do sobrevoo na região. Para a prospecção sistemática a região foi dividida em quatro áreas, cujo enfoque inicial abrangeu os terraços e boqueirões (FAGUNDES, 2007).

A metodologia do projeto foi orientada pela Fundação do Homem Americano – FUNDHAM, em que:

(...) os procedimentos de duas escolas diferentes foram utilizados para concretização dos objetivos de pesquisa: a inglesa, representada por Mortimer Wheeler (1961), e a francesa, com André Leroi-Gourhan (1950). O primeiro com o princípio de leitura vertical, privilegiando a estratigrafia por meio de bermas ou muros-testemunhos, e Leroi-Gourhan dando ênfase à orientação horizontal, com a observação minuciosa dos solos de ocupação e distribuição espacial dos vestígios arqueológicos (VERGNE, 2004, p. 20).

De acordo com Fagundes (2007), as sondagens (Figura 2) correspondem às escavações em área delimitada, ou seja, através do procedimento de trincheiras, uma vez que este método permite a visualização dos perfis estratigráficos e, conseqüentemente, melhor interpretação dos sítios. A etapa denominada como escavação (Figura 3) surgiu como uma reformulação da metodologia, que foi aplicada nos casos que, durante as sondagens, foram identificados sepultamentos. Sendo assim, escavações ocorreram somente nos sítios Justino e São José, cujo diferencial metodológico consistiu na execução do método de superfícies amplas (LEROI-GOUHRAN, 1950 apud FAGUNDES, 2010).



**Figura 2** – Trincheira no sítio Topo através do método de sondagem (Fonte: Acervo MAX)



**Figura 3** – Escavação através do método de superfície ampla no sítio Justino (Fonte: Acervo MAX)

A justificativa para a mudança metodológica é pautada na ocorrência de sepultamentos humanos, tornando-se necessário aprofundar o levantamento nas áreas (VERGNE, 2004). O resultado dessa alteração correspondeu à identificação de centenas de enterramentos ao longo de uma cronologia de 8980 +/- 70 anos AP (VERGNE, 2004). Portanto, devido ao maior número de sepultamentos, o sítio Justino fornece dados fundamentais para investigações em múltiplos âmbitos, sobretudo aqueles de caráter ritualístico e social, foco desta pesquisa.

### **1.3 O sítio arqueológico Justino**

Identificado em 1990 e alvo de intervenções até 1994, o sítio Justino estava localizado na fazenda Cabeça de Nêgo, no município de Canindé de São Francisco, especificamente sob a UTM 24L 627561E 8938881N. O local situado em um terraço fluvial às margens do rio São Francisco e seu tributário, o rio Curituba, e atualmente submerso em decorrência da hidrelétrica, era caracterizado pelo cultivo de milho e feijão durante a etapa de pesquisa (FAGUNDES, 2007; SILVA, 2017; VERGNE, 2004;).

Com uma área aproximada de 1500m<sup>2</sup>, o sítio Justino forneceu o maior acervo das pesquisas do Projeto Arqueológico de Xingó – PAX, uma vez que a intervenção atingiu o embasamento rochoso (FAGUNDES, 2007). Além dos 177 esqueletos dispostos em 165 estruturas funerárias (CARVALHO, 2006), foram coletados vestígios cerâmicos, líticos, faunísticos, entre outros (Quadro 1).

**Quadro 1** – Acervo do sítio Justino (SANTANA & FEITOSA, 1998; CARVALHO, 2006)

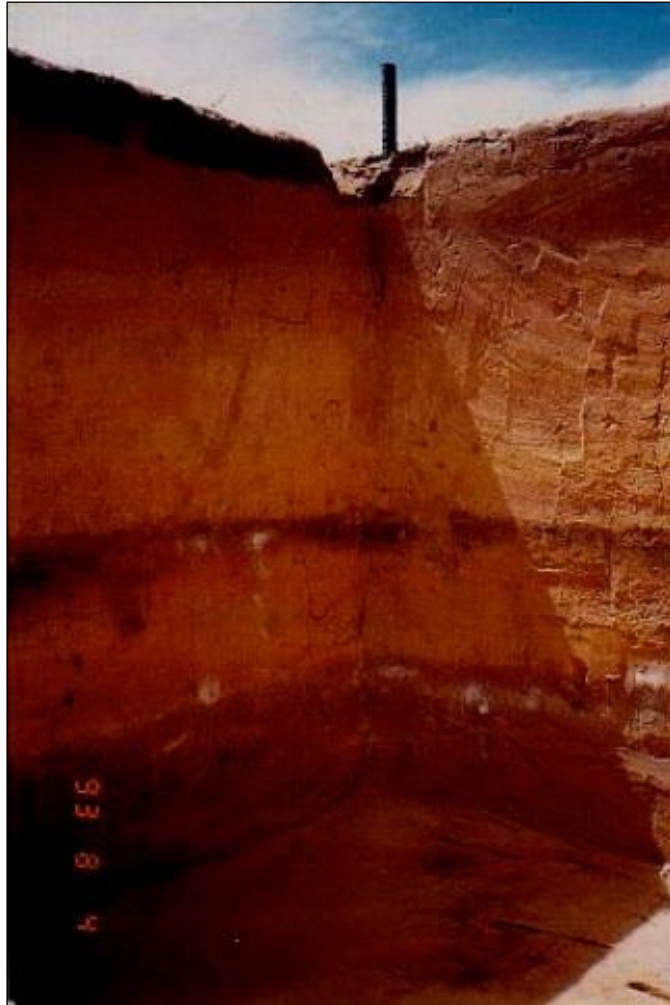
<b>Material</b>	<b>Quantidade</b>
Carvão	17.020 gramas
Cerâmica	14.743 peças <sup>2</sup>
Esqueleto	177 conjuntos
Fauna	18.624 peças
Fogueira	27 conjuntos
Lítico	6.080 peças
Ocre	174 peças

A metodologia de campo adotada pelo PAX inicialmente se baseou nos parâmetros de sondagem, uma vez que haviam sido identificados fragmentos cerâmicos na superfície, o que justificou a abertura de trincheiras. Entretanto, foram evidenciados sepultamentos nos primeiros níveis, sendo necessária uma readequação metodológica, adotando, dessa forma, o procedimento de escavação em ampla superfície (VERGNE, 2004).

O método utilizado se baseou na delimitação de quadrículas com 25m<sup>2</sup>, cuja nomeação ocorreu através de um sistema alfanumérico, totalizando uma área total de 1265m<sup>2</sup> (23x55m). Posteriormente, ocorreu a limpeza de superfície, sendo retirados 10cm de sedimento e, por fim, deu-se início à escavação (FAGUNDES, 2007). Apesar de Verne (2004) considerar que foram realizadas escavações por níveis naturais, observa-se que as atividades obedeceram a níveis artificiais de 10cm. A escavação alcançou o embasamento rochoso, em que foram totalizados 64 níveis, ou seja, 6,4 metros de profundidade.

---

<sup>2</sup> Quanto aos elementos cerâmicos, foram contabilizadas as peças inteiras e fragmentadas.

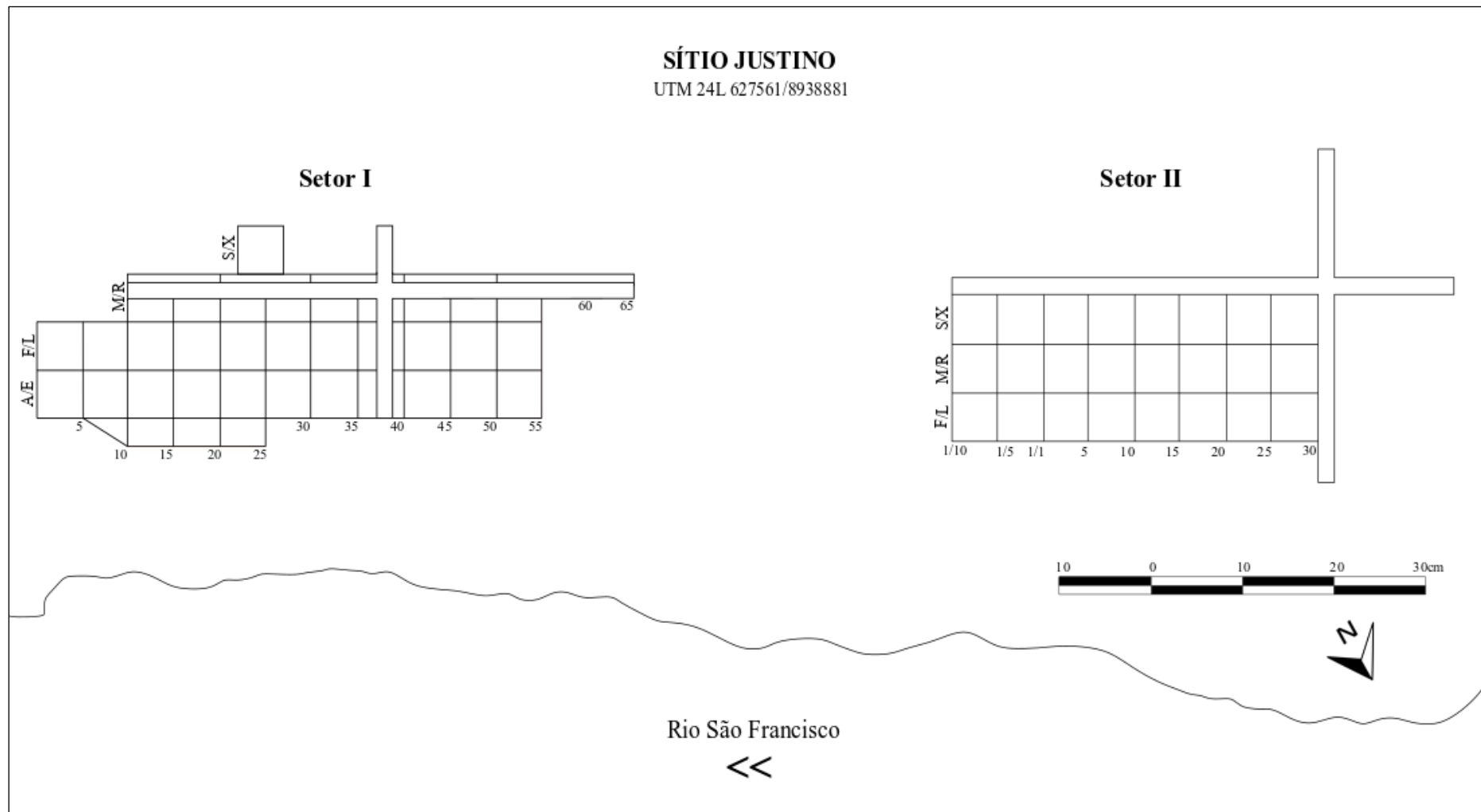


**Figura 4** – Perfil estratigráfico do sítio Justino (Fonte: Acervo MAX)

Mencionado por Carvalho (2006) e brevemente por Silva (2017), o sítio Justino, em algum momento das intervenções, foi compreendido como possuindo dois setores: I e II. As pesquisas em quase sua totalidade abordam apenas o que seria o Justino I, embora o setor II também disponha de sepultamentos. De acordo com Carvalho (2006), em ambos os setores haviam sido feitas duas trincheiras, sendo as medidas de 54x2m e 20x2m para o Justino I, e 55x2m e 34x2m para o II, em que, de acordo com o acervo do MAX, cada setor teria área de 1259,50m<sup>2</sup> e 824m<sup>2</sup>, respectivamente. A Figura 6 apresenta a planta baixa<sup>3</sup> de ambos os setores, enquanto a Figura 5 a vista aérea do sítio, em que é possível visualizar o setor I e o que indica ser o II.

---

<sup>3</sup> O posicionamento do sítio na planta baixa e a localização do rio São Francisco divergem com o que é apresentado na fotografia aérea, em que o setor II se apresenta mais alinhado ao sentido norte-sul e o rio é mostrado no lado oposto.



**Figura 5** – Planta baixa do sítio Justino (Adaptado de CARVALHO, 2006; Acervo MAX)



**Figura 6** – Vista aérea do sítio Justino (Fonte: Acervo MAX)

Através da análise do perfil estratigráfico, Vergne (2014) interpretou o sítio a partir da definição de quatro conjuntos, nomeados por cemitérios A, B, C e D (Quadro 2), em que somente este último não estaria associado a ocupações ceramistas, mas sim a um período pré-cerâmico.

**Quadro 2** – Divisão do sítio Justino em cemitérios (Adaptado de Vergne, 2004)

<b>Cemitério</b>	<b>Camadas</b>	<b>Datação</b>	<b>Número de sepultamentos</b>
A	4 a 8	1280 +/- 45 AP	40
		1770 +/- 60 AP	
		2530 +/- 160 AP	
B	9 a 15	2650 +/- 160 AP	70
		3270 +/- 135 AP	
C	16 a 28	4380 +/- 70 AP	37
		5570 +/- 70 AP	
D	43 a 52	8980 +/- 70 AP	5

O cemitério A é característico por ser o mais recente, abrangendo ao todo 40 sepultamentos distribuídos nos níveis 4 a 8. De acordo com Vergne (2004), as sepulturas desse conjunto são distribuídas de forma alongada, em que três destas encontram-se isoladas

das demais. A referência cronológica para este cemitério teve como base três fogueiras localizadas nos níveis 3, 6 e 8, cujas datações vão de 1280 +/- 45 a 2530 +/- 160 anos AP.

O cemitério B é composto pelo maior número de sepultamentos, sendo 70 ao longo dos níveis 9 a 15. As datações de 2650 +/- 160 a 3270 +/- 135 AP foram obtidas através de duas fogueiras localizadas nos níveis 10 e 13. De acordo com Vergne (2004), embora parte do conjunto tenha sido erodida:

(...) ele apresenta forma aproximadamente circular com sepultamentos bastante agrupados, sugerindo que o espaço principal do cemitério é delineado, talvez, pelo contorno de uma habitação. (p. 133).

O cemitério C é mais antigo entre as ocupações ceramistas, localiza-se entre os níveis 15 a 28 e é delineado como um período de transição acerca do uso do espaço, uma vez que é a partir deste cemitério que se inicia uma padronização nos locais de enterramento (VERGNE, 2004). As datações obtidas através de fogueiras nos níveis 20 e 30 indicam 4380 +/- 70 a 5570 +/- 70 anos AP.

Diante da baixa frequência de materiais líticos, fogueiras e sepultamentos (apenas 5), o cemitério D foi associado a grupos nômades, em especial caçadores-coletores-pescadores (VERGNE, 2004). Os enterramentos estão dispostos entre os níveis 43 a 52, cuja datação através de uma fogueira no nível 40 indicou 8980 +/- 70 anos AP.

Embora não exclua a ideia de cemitérios, através de métodos e perspectiva diferentes, Fagundes (2010) propõe a interpretação do sítio Justino através do viés de solos paleoetnográficos, definindo cinco fases distintas de ocupação (Quadro 3). A análise utilizada se baseou na distribuição espaço-temporal dos vestígios culturais, em que, de acordo com o autor:

(...) os episódios ocupacionais do sítio Justino foram pensados (e guiados) não exclusivamente pelas decapagens realizadas em campo, mas pela somatória de resultados das pesquisas científicas realizadas em Xingó, sobretudo após da sistematização dos dados pela equipe de geoprocessamento do MAX/UFS (FAGUNDES, 2010, p. 74).

**Quadro 3** – Divisão do sítio Justino em fases de ocupação (Adaptado de Fagundes, 2010)

Cemitério	Fases	Número das ocupações	Decapagens
A	Fase 5	2	1 a 3
		1	4 a 8
B	Fase 4	1	9 a 15
C	Fase 3	3	16 a 21

		2	22 a 28
		1	34 a 29
	Fase 2	1	35 a 42
D	Fase 1	2	43 a 50
		1	51 a 64

A fase 1, de acordo com Fagundes (2010), está associada a um período de acampamento temporário, cujo espaço ainda não era utilizado sob um viés simbólico-ritualístico. Esta fase divide-se em dois momentos de ocupação, entretanto, os sepultamentos inseridos nas decapagens da fase 1 são entendidos como pertencentes à fase 2. Os parâmetros que guiaram a definição desta fase foram as distribuições irregulares de material, bem como as características de parte do material lítico, que indicavam outro local de manufatura e posterior transporte ao sítio.

Na fase 2 passam a aparecer estruturas de combustão, além de manchas escuras. Paralelo a isso, o material lítico indica uma produção *in situ* a julgar pelo aumento na ocorrência de lascas, núcleos e percutores. A partir dessa fase é que o sítio passa a ser interpretado como um local persistente, uma vez que é a partir desta que passam a ocorrer os rituais funerários (FAGUNDES, 2010).

A fase 3 coincide com o cemitério C, entretanto, divide-se em três períodos de curta ocupação, em que os dois primeiros estariam ainda associados a acampamentos temporários, enquanto o terceiro estaria relacionado ao momento de transição ligado à produção ceramista. Para esta fase, Fagundes (2010) levanta o questionamento acerca da ausência de vestígios durante 800 anos, cuja justificativa, segundo o autor, seria a destruição por ações naturais ou a permanência dos grupos em outros locais e a consequente visitação durante curtos períodos de tempo.

Já a fase 4 é marcada por apenas uma única ocupação, não havendo interrupções neste caso. Localizada entre as decapagens 9 e 15, esta fase compreende todo o cemitério B e é marcada pelo aumento na quantidade, variabilidade e distribuição dos remanescentes culturais. A fase 5, última do sítio, é entendida através de duas ocupações, sendo a primeira ligada aos sepultamentos e a segunda pela ausência destes. Esta fase é a que evidencia o maior número de vestígios e é marcada pelo maior índice de manufatura em relação às outras (FAGUNDES, 2010).

Trazendo novos resultados ao compreender o sítio Justino até o período do contato nativo-europeu, Silva (2017, p.121) enfatiza a individualização de unidades, em vez de níveis, uma vez que “um mesmo estrato pode ter sido ocupado espacialmente em momentos distintos”, sugerindo, dessa forma, o desuso da linguagem de cemitérios. Essa sugestão, conforme explica a autora, está associada a uma nova percepção do espaço, pois quando o sítio foi interpretado a partir da divisão de cemitérios, não foram levados em consideração os intervalos de profundidade referente a cada sepultamento. Portanto, Silva (2017) aponta que, embora as sepulturas abranjam pacotes estratigráficos relativamente profundos, estes não eram realizados através de um controle rígido de profundidade. Há, entretanto, fatores determinantes para as dimensões das sepulturas.

Os fatores citados por Silva (2017) abrangem a associação do sepultamento com ferramentas específicas e a morfologia óssea humana. Para o primeiro caso, a autora tem como exemplo a inserção de vasilhames cerâmicos nas estruturas funerárias, em que estes expandiriam as dimensões das covas. O segundo caso abrange não apenas a morfologia, mas também a posição do indivíduo sepultado, visto que para um enterramento em decúbito dorsal estendido, leva-se em consideração o comprimento máximo do crânio (16-19cm) para estabelecer uma profundidade mínima. Já para os indivíduos em decúbito lateral, o que serve de base para tal proposição é o comprimento máximo da cintura pélvica (SILVA, 2017).

Dessa forma, Silva (2017) estabelece como intervalo de profundidade a medida de 30cm para cada sepultura, em que se ressalta a importância de compreender de maneira individualizada as unidades do sítio, uma vez que as múltiplas ocupações da área podem ter ocorrido de maneira particular no que tange a espacialidade.

Para compreender o sítio Justino é necessário partir do pressuposto de que sua área foi utilizada por diversos grupos, cujas ocupações do espaço não ocorreram necessariamente de maneira paralela, conforme apresentado por Silva (2017). É evidente o avanço nas pesquisas sobre o sítio, sobretudo o que versa sobre a bioarqueologia. No entanto, é comum a manutenção da ideia de cemitérios definida por Vergne (2004), perpetuando, dessa forma, interpretações generalizantes sobre os padrões funerários e não particulares de cada conjunto com sepultamentos. Portanto, diante de novas análises e revisitas ao acervo do sítio Justino, torna-se evidente que mesmo que a linguagem de cemitérios apresente coerência, é necessário considerá-la a partir da proposta de Silva (2017), de modo a abranger e interpretar as múltiplas particularidades presentes no sítio.

#### 1.4 Além dos remanescentes humanos

O acervo do sítio Justino é enaltecido pela grande quantidade de enterramentos, embora também chame atenção pela diversidade associada à cultura material. Os enxovais funerários são compostos por cerâmicas (vasilhames, fragmentos e cachimbos), líticos (lascados e polidos) e vestígios faunísticos, o que evidenciam potencialidades arqueológicas que vão além da análise com viés bioantropológico.

Abordando a cerâmica, Luna (2001) aponta que o antiplástico presente tanto nos vasilhames quando nos fragmentos é areia, enquanto o tratamento de superfície empregado consiste em alisamento interno e externo, além de haver combinações com o corrugado, ungulado, escovado e polido. Quanto às vasilhas (Figura 7), estas ocorrem em 24 enterramentos, em um pacote com cronologia de 3280 a 1280 anos AP, sendo a maioria em deposição primária (LUNA, 2001). Na análise dos cachimbos, são contabilizados 7 e se apresentam em quatro morfologias, que, segundo Alcântara (2018), indicam mudanças no estilo e processos de manufatura ao longo do tempo devido à redução do tamanho das peças, bem como da granulometria do antiplástico.



**Figura 7** – Sepultura 118 com vasilhames cerâmicos associados (Acervo MAX)

Os materiais líticos, tanto lascados quanto polidos, se apresentam em todas as fases de ocupação do sítio e através de formas diversas, como raspadores, lascas, lâminas de machado, bigornas, moedores, entre outros. As matérias-primas compreendem quartzo, sílex, arenito, granito e feldspato, por exemplo. Há também a ocorrência de tembetás em amazonita e arenito (Figura 8), como evidencia Silva et al. (2001).



**Figura 8** – Tembetás em amazonita e arenito, respectivamente (Foto: Vinícius Pereira, 2018)

Os remanescentes faunísticos encontram-se associados a 29 sepultamentos e se apresentam de múltiplas maneiras (CARVALHO et al., 2002). A ocorrência de esqueletos em conexão ocorre em duas sepulturas, cujos animais foram identificados como um falconídeo adulto e um furão *Galactis cuja* (QUEIROZ et al., 2017) (Figura 9).



**Figura 9** – Furão *Galactis cuja* (Fonte: Ciências Resumos, 2018)

Os vestígios de origem animal no sítio Justino também se apresentam como flautas e são descritas em pelo menos quatro sepultamentos (JESUS, 2014). Entretanto, o uso predominante dos remanescentes faunísticos, conforme a bibliografia disponível (OLIVEIRA, 2013; QUEIROZ et al., 2017; QUEIROZ et al., 2018), refere-se aos adornos (Figura 10), que abrangem uma variedade de dentes, ossos e conchas perfuradas.



**Figura 10** – Pingente metatarsiano de um cervídeo (Foto: Vinícius Pereira, 2018)

Embora não componham os enxovais funerários de maneira direta, as fogueiras (Figura 11) integram os aspectos ritualísticos do sítio Justino, como mostra Silva dos Santos (2018). Através da análise das estruturas de combustão presentes no sítio, o autor aponta como diâmetro médio o valor de 45 cm e ressalta a associação de líticos e vestígios faunísticos, o que provavelmente indicaria a ocorrência de banquetes funerários.



**Figura 11** – Fogueira 04 do sítio Justino (Fonte: FAGUNDES, 2007)

Diante dos dados apresentados quanto à pluralidade de vestígios, torna-se evidente a complexidade que tange o sítio Justino. Embora existam trabalhos que abordem os remanescentes culturais associados direta ou indiretamente aos sepultamentos, é necessário aprofundar ainda mais a discussão. A produção científica acerca do sítio envolve majoritariamente a temática bioantropológica, mesmo havendo potencialidade – e necessidade – de um maior detalhamento sobre a fauna, cerâmica e lítico. Portanto, muito se conhece sobre os corpos, mas pouco se sabe sobre os objetos.

## **2. Entre o abstrato e o concreto: Bases teóricas e metodologia**

O diálogo entre teoria e prática é essencial para a elaboração de um trabalho coeso, fazendo-se necessário a consonância entre ambas as partes. Partindo desse pressuposto, o abstrato é compreendido neste capítulo como a base teórica levantada de modo a aprofundar a discussão proposta, referindo-se, então, à revisão bibliográfica das temáticas funerária e de gênero aplicadas à arqueologia. Quanto ao concreto, englobam-se os métodos e materiais aplicados a fim de explicitar os caminhos delineados durante o decorrer da pesquisa.

### **2.1 Arqueologia de gênero**

Inerente às relações sociais humanas, gênero tem como pressuposto as semelhanças e diferenças percebidas ou atribuídas culturalmente a partir do sexo biológico (CONKEY e GERO, 1991), em que este é compreendido como estático, ou seja, há apenas duas categorias para tal: feminino e masculino. Entretanto, a concepção de gênero é dinâmica, representando, dessa forma, as interpretações culturais diante das múltiplas diferenças corporais (GILCHRIST, 2009).

Os estudos de gênero, enquanto segmento da Arqueologia Social, constituem a discussão arqueológica desde a segunda metade do século XX e tiveram início através de conferências, artigos e sessões em congressos nas décadas de 70 e 80. O objetivo inicial consistia em expandir as perspectivas acerca da cultura material e, a partir desta, agregar à discussão o papel da mulher nas sociedades pré-coloniais a fim de aprofundar o debate referente às relações sociais destes grupos (BERROCAL, 2009; WYLIE, 2017).

Conforme o corpo teórico foi enriquecendo a discussão, criaram-se duas maneiras de analisar e compreender gênero, sendo uma enraizada à segunda onda do feminismo e que objetiva visibilizar as mulheres, enquanto a outra se pauta na ideia de gênero como um conceito fluído e não binário, dando ênfase à interseccionalidade (NELSON, 2006 apud WYLIE, 2017). Ambas as formas de conceber os estudos de gênero são válidas, sobretudo se considerarmos o atual cenário político que tem encabeçado cada vez mais a ideia de gênero enquanto uma ideologia. Logo, é preciso cautela em qualquer destes caminhos, uma vez que as origens do feminismo e sua carga etnocentrista, não atendendo a todas as categorias do ser “mulher”, além da complexidade em trazer a não-binariedade a contextos pré-coloniais, uma vez que aspectos desse tipo não se apresentam de maneira explícita no registro arqueológico.

Tendo como pressuposto que qualquer relação social não é resultado do acaso e, sim, de uma história, é necessário particularizar cada sociedade e, através dos estudos de gênero, tentar entender a dinâmica social ligada ao sexo biológico dos indivíduos. Dessa forma, o foco desta perspectiva não é realizar descobertas transculturais referentes ao que compõe o universo feminino ou masculino (CONKEY; GERO, 1991), mas suprimir a perspectiva androcentrista e dar nova visão aos dados arqueológicos, de modo que os registros que permitem análises acerca de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos possam ser utilizados e interpretados com um novo viés.

Dentre os diversos modos de fazer arqueologia, o estudo de gênero busca desvencilhar-se das premissas estereotipadas associadas aos homens, mulheres e sociedades como um todo. Sendo assim, para melhor compreender as sociedades pré-coloniais, faz-se necessário abster-se da concepção ocidental sobre gênero. Do contrário a pesquisa justificaria conceitos pré-estabelecidos. Questionar somente a existência de divisão sexual de trabalho reitera a invisibilidade arqueológica da mulher. Desse modo, é fundamental aprofundar o debate e estender a crítica feminista, além de igualar o tratamento dado às informações, haja vista trabalhos mais antigos, cujos dados associados aos homens eram repassados em verbos ativos, enquanto para as mulheres, os passivos (CONKEY; SPECTOR, 1984).

São múltiplas as metodologias da arqueologia de gênero. Estas podem abranger desde documentos etno-históricos à análise do uso dos espaços domésticos. Considerando a possibilidade de estimativa de sexo em esqueletos humanos, contextos funerários fornecem informações relevantes, uma vez que pode-se comparar as oferendas associadas aos sepultamentos e analisar a ocorrência de padrões que condizem (ou não) com as expectativas de acordo com cada sexo (NELSON; ROSEN-AYALON, 2002).

No Brasil, as discussões em que apontam gênero como problema central surgem apenas no final do século XX. Trabalhos como o de Lima (1995; 1997), Wüst e Vaz (1998), Rodrigues-Carvalho e Souza (1998) e Landa (1999) deram o pontapé inicial a esta temática, que atualmente conta com aproximadamente meia centena de títulos e têm dado aporte teórico às críticas feministas e descolonialistas da atualidade (CAROMANO et al., 2017; PASSOS, 2017; RIBEIRO, 2017; RIBEIRO et al., 2017).

Majoritariamente analisado através da perspectiva bioarqueológica, o sítio Justino somente foi pesquisado sob o viés da arqueologia de gênero recentemente. Lima (2012) trouxe em sua dissertação a discussão dos papéis associados aos homens e às mulheres com base na análise das patologias dentárias. A pesquisa apresenta a associação entre casos de

hipoplasia e indivíduos femininos, indicando períodos de carência alimentar; enquanto os masculinos estariam mais relacionados às cáries, sugerindo um maior consumo de carboidratos.

Tratando da cultura material, Lima (2012) considerou os vasilhames cerâmicos como indicadores de gênero, uma vez que estes se associam majoritariamente aos sepultamentos masculinos. Enquanto as ferramentas líticas foram entendidas como caracterizadoras de idade. Embora apresente novos resultados e novos vieses, a autora não ponderou a diferença entre a quantidade de sepultamentos femininos e masculinos (24 e 58, respectivamente), o que se torna uma problemática diante das considerações propostas.

Anos depois, Oliveira (2018) em sua monografia trouxe a temática *Queer* ao sítio Justino, cujo objetivo voltou-se a compreender a presença de gêneros não-binários. O autor trabalhou com uma amostra de 57 indivíduos (16 femininos e 41 masculinos), em que além do sexo biológico, observou a faixa etária, marcas patológicas, posição do corpo, crânio e face e as oferendas funerárias associadas a cada sepultamento.

Apesar de não trazer conclusões positivas sobre a ocorrência da não-binariedade no sítio, Oliveira (2018) ressalta o grau de elaboração dos sepultamentos femininos, muitas vezes compostos por líticos, cachimbos e adornos, o que vai de encontro a modelos tradicionais e trabalhos anteriores. Por fim, o autor considera a desigualdade da amostra e conclui que:

(...) os rituais funerários realizados para os indivíduos poderiam ter sido mais igualitários entre os sexos e desta maneira não sendo possível destacar que certos remanescentes esqueléticos, quando em vida, pudessem apresentar uma identidade de gênero diferente do sexo biológico (OLIVEIRA, 2018, p. 60).

A arqueologia de gênero vem, aos poucos, ganhando espaço no sítio Justino, uma vez que este recorte teórico tem reforçado a complexidade arqueológica do local. A necessidade de novas pesquisas com vieses sobre gênero, como também idade, status e/ou etnicidade torna-se evidente diante da potencialidade fornecida pelo acervo, uma vez que estamos tratando da maior necrópole pré-colonial do Brasil.

De maneira geral, a arqueologia brasileira tem caminhado de modo a dar mais espaço a debates voltados às relações entre o universo feminino e masculino, cujos resultados até então apresentados devem servir de gatilho para intensificar discussões e críticas acerca dos aspectos sociais tanto de grupos históricos quanto pré-coloniais. Por fim, é visível que ao longo dos anos o movimento feminista tem se inserido de maneira cada vez mais intensa na arqueologia, modificando não apenas o jeito de fazer e pensar arqueologia, mas também de estar na arqueologia.

## 2.2 Arqueologia funerária

Embora as práticas funerárias não se apresentem em sua totalidade no contexto arqueológico, compreendê-las é ter acesso a uma parte da organização social do grupo. Diante da possibilidade de obter informações referentes aos acompanhamentos funerários, aspectos deposicionais, causas da morte e/ou patologias, por exemplo, é possível argumentar sob os vieses demográficos, econômicos, hierárquicos e assim por diante (KLOKLER; GASPAR, 2013; SILVA, 2005).

Os remanescentes mortuários tornaram-se objeto de estudo para arqueólogos e arqueólogas no início do século XIX, entretanto, somente a partir da década de 60 as análises se apresentaram de maneira coerente e intensa. A mudança na perspectiva funerária teve início através do simpósio “Associação Antropológica Americana<sup>4</sup>”, que ocorreu em 1966 e originou, em 1971, a obra de James Brown, intitulada por “Abordagens às Dimensões Sociais das Práticas Mortuárias<sup>5</sup>” (CHAPMAN, 2003).

Os rituais funerários abrangem a execução de distintos atos simbólicos, em que estes variam na forma, no número e nos tipos de oferendas com reconhecimento simbólico. Diante da variabilidade do tratamento mortuário, Binford (1971) elenca sexo, idade e outros aspectos como dimensões que irão influenciar nestes atos simbólicos. Paralelo a este pensamento, Hertz (1960 apud Binford, 1971) indica as diferenças nos rituais como diretamente associadas ao status da pessoa dentro da comunidade viva, em que, segundo Rapp Py-Daniel (2016), ao lidar com um sepultamento, deve-se compreendê-lo como uma etapa na vida do indivíduo, e não como sua história por completo.

A transformação no viés teórico trouxe à tona a necessidade de dar maior atenção aos métodos interpretativos e aos significados atribuídos aos dados, sendo necessária a união entre teoria e metodologia atrelada à “filosofia científica”, de modo a obter diretrizes sobre como realizar a pesquisa. Prova disso é a abertura de caminhos interpretativos através do uso de métodos quantitativos em contextos com maiores dados, a exemplo de cemitérios (CHAPMAN, 2003). Dessa forma, ao abordar a perspectiva funerária, é importante não fazê-la sob métodos simplistas, uma vez que esta corresponde a contextos importantes sobre (e para) as sociedades do passado, embora somente uma fração dos rituais seja passível à compreensão da arqueóloga ou arqueólogo (RAPP PY-DANIEL, 2016).

---

<sup>4</sup> *American Anthropological Association*

<sup>5</sup> *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*

Partindo do pressuposto de que a cultura material é entendida como um registro não objetivo, sobretudo ao considerar seu caráter não discursivo, Pearson (1982) propõe sua interpretação a partir do conceito de comunicação ritual. Esta ideia entende os artefatos e seus respectivos contextos como parte de um discurso não verbal e de caráter implícito, que, quando detentores de padrões repetitivos, podem indicar valores fundamentais no âmbito social (HUNTINGDON; METCALF, 1979; KEESING, 1976 apud PEARSON, 1982).

Como não há um modelo específico para obter as informações sociais oriundas dos rituais funerários, Pearson (1982) apresenta três possíveis caminhos de interpretação. O primeiro indica o acompanhamento funerário como um conjunto de representações das várias identidades do indivíduo, de modo que a posição social possua forma material após a morte. O segundo caminho aponta que estas representações podem ser comparadas entre sepultamentos, em que as diferenças percebidas podem ser interpretadas através do viés hierárquico, caracterizando, dessa forma, o terceiro caminho.

Trazendo a questão da idade à discussão, Fry (1996 apud GOWLAND, 2009) aponta que os processos de crescimento, maturação e degeneração não devem ser concebidos apenas como uma mera passagem do tempo. Dados etnográficos têm revelado que os conceitos cronológicos, biológicos e culturais atrelados à idade atuam de maneira direta na identidade dos indivíduos, influenciando, por consequência, nas distintas maneiras dos grupos compreenderem o ciclo da vida (GOWLAND, 2009).

Após a análise de pesquisas arqueológicas, Gowland (2009) evidencia a aplicação – equivocada – da nossa divisão etária, enquanto sociedade ocidental, sobre a de grupos do passado. Portanto, mesmo que dados históricos apontem que as transições sociais ligadas à idade se relacionem aos aspectos fisiológicos, isto não deve ser tornado um fato universal, mas sim uma necessidade de teorizar a identidade etária e investigar maneiras de interpretá-la no registro arqueológico (GILCHRIST, 2000; LA FONTAINE, 1986; SOFAER-DEREVENSKI, 1997 apud GOWLAND, 2009).

A morte enquanto um processo transicional é marcada pela materialização das relações socialmente idealizadas, em que o gênero atua como uma das múltiplas categorias que indicam diferenciações mortuárias. Essas variações podem estar associadas, por exemplo, à localização dos sepultamentos, assim como à orientação dos indivíduos na sepultura (ARNOLD, 2007).

A arqueologia vem trazendo novos estudos sobre gênero, e no que tange a temática funerária, tem-se buscado a compreensão do que é nomeado por “materialidade de gênero”.

No entanto, mesmo que sejam questionamentos válidos, deve-se ter como pressuposto que as representações de gênero no registro arqueológico não fazem, necessariamente, uma linha direta e clara com o que se apresenta nas populações do passado quando em vida (ARNOLD, 2007).

Dessa forma, é oportuno considerar que as características funerárias não representam a mulher ou o homem a partir das construções ideológicas de gênero, mas, sim, a pessoa em sua sepultura. Por conseguinte, os acompanhamentos não se associam apenas às ideias de feminilidade ou masculinidade, mas à concepção de que são os itens necessários para a transição do mundo dos vivos para o dos mortos (TARLOW, 1999 apud ARNOLD, 2007).

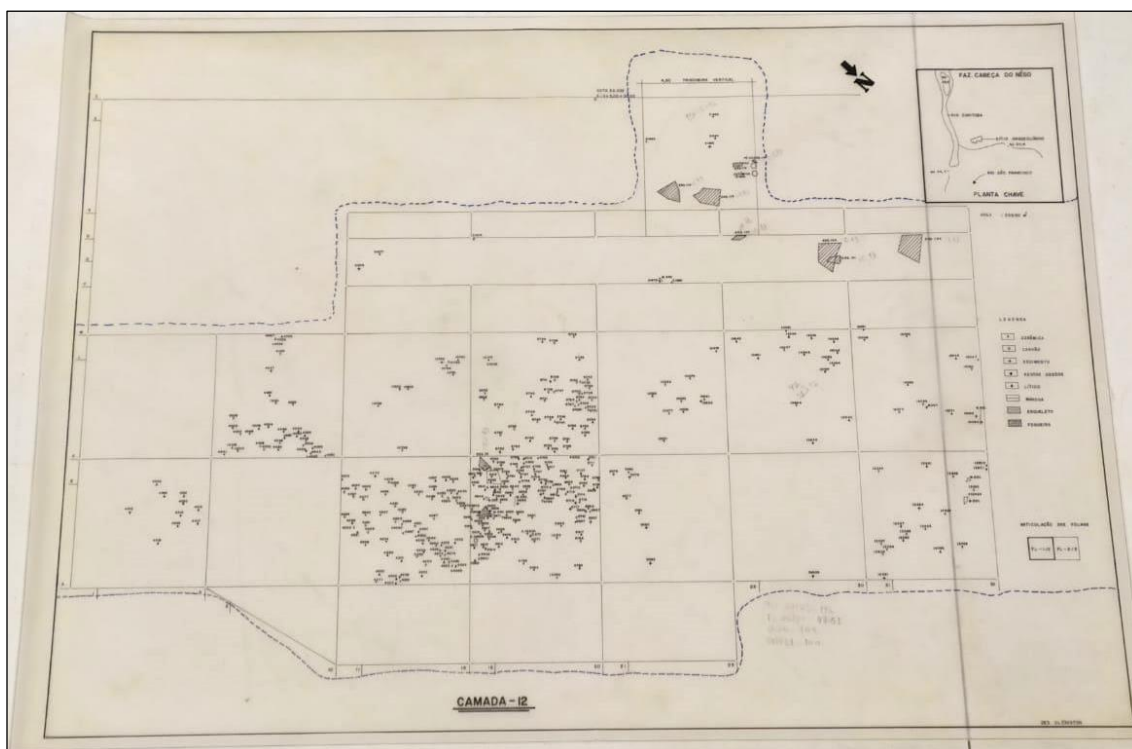
### **2.3 Metodologia**

Esta pesquisa teve como objetivo trazer a perspectiva de gênero à discussão arqueológica, de modo a discutir não apenas os papéis sociais entre povos indígenas pré-coloniais, mas também a existência – ou não – de diferenciações nos mobiliários funerários a partir do sexo biológico. Para isso, foram consultadas fontes etnográficas e a documentação do sítio Justino, em especial as plantas baixas, uma vez que estas fornecem dados acerca da configuração espacial do sítio.

Para a construção do capítulo 3 foi realizada uma revisão da literatura etnográfica sob o recorte dos povos do tronco linguístico Macro-Jê. O critério utilizado se baseou na atual ocupação indígena da região do Baixo São Francisco, além de elementos no material cerâmico da região que indicam esta conexão (SCHUSTER, 2018). Dessa forma, foram consultados os dados referentes aos aspectos funerários que tangem esses povos a fim de obter possíveis correlatos com o passado arqueológico.

O manuseio da documentação do sítio Justino deu forma ao quarto capítulo, onde foi possível discutir a configuração do sítio e as características funerárias associadas aos indivíduos com sexo biológico estimado. Inicialmente foi realizado um denso levantamento bibliográfico de modo a criar um banco de dados (Apêndices A e B) com as informações referentes aos sepultamentos e suas respectivas localizações e acompanhamentos. Para a criação do banco de dados apenas foram considerados os indivíduos com sexo estimado.

Posteriormente, tornou-se necessária uma visita ao acervo do sítio, salvaguardado pelo Museu de Arqueologia de Xingó, em Canindé de São Francisco. O material consultado abrangeu as plantas baixas (Figura 12), que possibilitou o mapeamento dos sepultamentos.



**Figura 12** – Planta baixa da decapagem 12 proveniente do acervo do MAX

Quanto ao mapeamento, foi elaborada uma ficha para a coleta dos dados (Figura 13), em que esta corresponde à planta baixa, cujo preenchimento visou reproduzir a localização dos sepultamentos (Apêndices D a AC). Embora a bibliografia (CARVALHO, 2006; FAGUNDES, 2007; SILVA, 2017; VERGNE, 2004) aponte que o sítio é composto por 63 decapagens, somente foram utilizadas 32 destas, uma vez que parte foi desconsiderada devido à ausência de sepultamentos com sexo estimado, enquanto algumas inexistem no acervo. Além disso, também é válido citar que a bibliografia (CARVALHO, 2006; OLIVEIRA, 2017; VERGNE, 2004) permitiu a criação de um banco de dados inicial com 82 sepultamentos adultos com estimativa de sexo, porém, apenas 74 foram identificados nas plantas baixa do Justino I.

**Sítio Justino - Planta Baixa**  
 Responsável: Amanda Barreto  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Camada/Decapagem: \_\_\_\_\_

Legenda:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Observações:

**Figura 13** – Ficha utilizada para coleta de dados das plantas baixas

Para a análise dos dados foi feito um recorte estratigráfico e, conseqüentemente, temporal. De modo a trazer uma discussão coerente e concisa, foi selecionado o pacote que compreende as decapagens de número 2 a 21, abrangendo, dessa forma, os cemitérios A e B em sua totalidade e a terceira ocupação – e mais recente – do cemitério C. Portanto, a amostragem final englobou 74 sepultamentos (Apêndice C).

As plantas baixas auxiliaram na compreensão da configuração espacial do sítio. Dessa forma, elas foram reproduzidas através de três categorias: visão de toda a amostragem (compreende todas as decapagens); visão de cada cemitério (compreende somente as decapagens de cada ocupação); visão de cada decapagem.

A partir do banco de dados e das informações referentes à localização dos sepultamentos, foram realizadas as análises que dão forma a esta pesquisa. As informações consideradas englobam as categorias de localização (decapagem e unidade), sexo biológico, faixa etária e tipo de deposição, além dos acompanhamentos funerários, cujos dados foram obtidos através da literatura sobre o sítio, a exemplo de Vergne (2004), Carvalho (2006) e Oliveira (2018).

Quanto aos elementos de localização, em especial sobre a decapagem de cada sepultamento, foram inseridos os dados tanto do acervo do MAX quanto os fornecidos por Vergne (2004), uma vez que foi percebida uma disparidade entre as informações. Logo, nota-

se que enquanto o acervo indica como decapagem o início da cova, Vergne (2004) aponta o final, ou seja, a base da sepultura.

Os intervalos de faixa etária utilizados foram: 18 a 29, 30 a 39, 40 a 49 e 50 a 59 anos. Os tipos de deposição, ou seja, a forma como os indivíduos foram depositados dividiu-se entre primária (que indica o sepultamento do indivíduo ainda com as partes moles) e secundária (quando há o desarticulamento dos ossos). Os acompanhamentos funerários foram classificados como adornos, cachimbo, fragmentos cerâmicos, vasilhames cerâmicos, fauna, lítico e ocre. Dessa forma, a análise apreendeu a disposição dos indivíduos no sítio e considerou paralelamente os atributos associados a cada enterramento. Por fim, os dois tipos de informação foram interpretados em conjunto, cujos resultados se apresentam no quarto capítulo.



Os povos Xocó, Pankararu e Kariri são compreendidos como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, embora constituam grupos de “difícil classificação linguística” (SCHUSTER, 2018, p. 24). Através de estudos com povos do Brasil Central, Urban (1992) sugere que a origem das migrações dos povos Macro-Jê pode abranger as nascentes do rio São Francisco e do rio Araguaia. Além disso, as ocupações tanto no interior quanto no sertão associam-se aos Tapuias – ou seja, os não Tupi –, cuja produção cerâmica está ligada à tradição Aratu, caracterizada por vasilhas esféricas e urnas piriformes (CARVALHO, 2003; LUNA, 2006; MARTINS 2008; OLIVEIRA, 2001; PROUS, 1992 apud SCHUSTER, 2018), o que justifica o recorte linguístico.

Compreendido como um grupo de famílias linguísticas, o tronco Macro-Jê é composto por doze prováveis integrantes: Jê, Maxakalí, Krenák, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató, Rikbáktsa, Kamakã, Purí e Karirí. As três últimas não dispõe mais de nenhuma língua viva (RODRIGUES, 2012). De maneira sintetizada, o Quadro 4 apresenta parte das famílias e línguas associadas ao tronco Macro-Jê.

**Quadro 4** – Tronco linguístico Macro-Jê (Adaptado de Rodrigues, 2012)

Tronco linguístico Macro-Jê								
Família	Jê			Ofayé	Karajá	Maxakalí	Karirí	Boróro
Ramo	<i>Setentrional</i>	<i>Central</i>	<i>Meridional</i>					
Língua	Apinajé	Xavánte	Kaingáng	Ofayé	Karajá	Maxakalí	Kirirí	Boróro Oriental
	Kayapó	Xerénte	Xoklém				Kipeá	
	Panará							
	Suyá							
	Timbira							

Os dados etnográficos serão aqui utilizados como um auxílio nas interpretações, uma vez que se pretende compreender o universo social de grupos indígenas com similaridades linguísticas e perceber confluências – ou não – com o mundo material, entendendo que essas populações estão conectadas a histórias indígenas de longa-duração (SILVA E NOELLI, 2016). Contudo, este trabalho não pretende estabelecer qualquer analogia etnográfica ou correlações históricas entre o contexto arqueológico e etnográfico observados, mas, sim, refletir sobre a morte a partir de algumas noções ameríndias sobre a construção de corpos e pessoas (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979). Por esse caminho, nos aproximamos de etnografias clássicas realizadas entre povos falantes de línguas Jê e Bororo, como veremos mais adiante (ver Quadro 5).

### **3.2 Noção e construção da pessoa indígena**

Diferente da sociedade ocidental, os grupos indígenas da América do Sul compreendem a pessoa e, conseqüentemente, o corpo humano como uma categoria, que representa os aspectos socioculturais particulares a cada povo. Abordar a noção de corporalidade entre os grupos nativos é uma tarefa complexa devido à ligação e dominação por aspectos simbólicos e fluídos. Entretanto, compreendê-la é essencial para interpretar os elementos que tangem o universo cosmológico, ritual e social das sociedades ameríndias (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979).

A complexidade atrelada a esta discussão está diretamente ligada à visão ocidental acerca do que é o ser humano, cuja tendência é que ocorra uma projeção dos nossos princípios sobre o do(s) grupo(s) em questão. Para as sociedades indígenas, a pessoa enquanto entidade é mais importante que o grupo, assim como é significativa a relação entre corpo e nomes, visto que, de acordo com Seeger, Da Matta, Viveiros de Castro (1979, p. 13), o corpo:

(...) é o elemento pelo qual se pode criar a ideologia central, abrangente, capaz de totalizar uma visão particular dos cosmos, em condições histórico-sociais específicas, onde se pode valorizar a pessoa, sem reificar nenhum grupo corporado (como os clãs ou linhagens), o que acarretaria a constituição de uma formação social radicalmente diversa.

Dessa forma, a corporalidade é entendida como princípio da organização social entre os povos nativos e, conseqüentemente, como uma construção coletiva e constituída por distintos idiomas simbólicos. A fabricação da pessoa, por fim, se baseia em oposições polares, em prescrições e restrições, cuja ordenação da vida é guiada pelas linguagens do corpo (podendo se estender à linguagem do espaço), atuando, dessa forma, como chaves analógicas para compreensão dos ciclos da vida (CÂMPERA, 2017; SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979).

### **3.3 Aspectos cosmológicos e funerários entre povos falantes de línguas Macro-Jê**

A morte nas populações indígenas costuma ser recebida como um evento repleto de aspectos cosmológicos, em que as múltiplas visões de mundo influenciam diretamente nos rituais funerários. Os grupos indígenas estudados neste capítulo correspondem aos Bororo, Kaingang, Apinajé, Kayapó-Xikrin e Timbira (Figura 15), localizados nas regiões norte, sul e centro-oeste do Brasil.



**Figura 15** – Mapa de localização dos grupos indígenas estudados do tronco linguístico Macro-Jê

As etnografias utilizadas foram produzidas entre as décadas de 70 e 90 (Quadro 5). Os dados forneceram informações acerca das etapas do rito funerário, a cultura material utilizada e descartada. Além disso, também foram apresentadas características elencadas como fatores para a diferenciação nos cuidados ao morto, cuja discussão será apresentada nos subcapítulos seguintes.

**Quadro 5** – Informações acerca dos dados etnográficos utilizados

Povo indígena	Etnografia consultada	Autoria	Período/Década
<i>Apinajé</i>	A questão de gênero na etnologia Jê: a partir de um estudo sobre os Apinajé	ROCHA, Raquel	1990
<i>Bororo</i>	Funerais entre os Bororo, imagens da refiguração do mundo	CAIUBY NOVAES, Sylvia	1970 a 1980
	Tranças, cabaças e couros no funeral Bororo: a propósito de um processo de constituição de identidade	CAIUBY NOVAES, Sylvia	1970 a 1980
	A refeição das almas: Uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo, Mato Grosso	VIERTLER, Renate	1980

<i>Kaingang</i>	Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas	BECKER, Ítala	1970 a 1990
	Contribuição da etnografia dos Jê Meridionais à Arqueologia	VEIGA, Juracilda	90
	Cosmologia e práticas rituais Kaingang	VEIGA, Juracilda	1990
<i>Kayapó-Xikrin</i>	Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté	VIDAL, Lux	1970
<i>Timbira</i>	A morte, o morrer e o morto entre os Timbira	GIRALDIN, Odair	2000

### 3.3.1 O ciclo funerário

Em seu trabalho com os Bororo nas décadas de 70 e 80, Caiuby Novaes (2006) aponta que a morte traz consigo um desequilíbrio à sociedade, que, como maneira de se reconstruir, realiza um conjunto de ritos funerários (danças, cantos, ornamentações, entre outros) repletos de processos de transformação e desfiguração. O ciclo funerário pode durar até três meses, em que a partir da perda do sopro vital, iniciam-se os procedimentos de enterrar o corpo ainda na aldeia e regá-lo para auxiliar a decomposição. Além disso, outros eventos ocorrem concomitantemente e atuam de forma a ampliar o sentido de comunidade, a exemplo das atividades de caça, pesca e coleta, que ocorrem, neste caso, de maneira coletiva e ritual.

Responsável pela morte, o *bope* é entendido pelos Bororo como o agente das grandes mudanças de ordem natural, como o nascimento, puberdade e a morte. Dessa forma, o *bope* se alimenta da carne crua e é quem dá início à desfiguração do morto, que acaba por perder seu corpo, nome e pertences (CAIUBY NOVAES, 1981; 2006).

Após a decomposição das partes moles, os ossos do morto são lavados na beira de um rio e posteriormente levados de volta à aldeia, onde passam por um processo de ornamentação, em que são tingidos com urucum e os recobrem com penas. Para os Bororo, nesta etapa os ossos tornam-se alma, configurando, assim, um segredo o qual as mulheres e crianças não devem presenciar. Por fim, um grande cesto é produzido para armazenar os ossos (Figura 16), em que acaba sendo perfurado e enterrado em uma baía (CAIUBY NOVAES, 2006).



**Figura 16** – Cesto produzido para guardar os ossos do morto (Fonte: CAIUBY NOVAES, 2006)

Em seu trabalho com os Kayapó-Xikrin durante os anos 70, Vidal (1977) informa que a morte ocorre quando o *mekarõn* (espírito) da pessoa a deixa e, partir daí, desencadeia uma série de rituais mortuários, interpretados como ritos de passagem, cujo morto está deixando a sociedade dos vivos e não regressará. Diferente dos Bororo, os Kayapó-Xikrin não ornamentam os ossos, mas sim o corpo, tendo em vista que os sepultamentos costumam ser primários. Para isso são feitas pinturas com jenipapo e penas de urubu-rei são colocadas nos cabelos. Quando o morto é do sexo masculino, acrescentam-se braçadeiras de pena de arara na ornamentação.

A sepultura costuma ser cavada por jovens sem filhos e seu formato é arredondado ou retangular. O morto é colocado em decúbito lateral e com os membros inferiores flexionados, a direção da cabeça é no sentido leste, onde se localiza a aldeia. Em alguns casos, o bicho de estimação é sacrificado devido à possibilidade do *mekarõn* sentir falta do animal. Próximo à sepultura, acende-se uma ou duas fogueiras, a fim de evitar que o morto sinta frio e volte à aldeia, também se acrescenta água e comida de modo a fortalecê-lo e auxiliá-lo no caminho para a aldeia dos mortos (VIDAL, 1977).

Segundo Vidal (1977), há casos em que os Kayapó-Xikrin desenterram os ossos, lavando-os e pintando-os com urucum. Com o intuito de reunir todos os membros da família, os ossos são depois enterrados em conjunto, ou talvez seja uma tentativa ligada aos homens de tentar conectar a família materna à sua esposa e filhos.

### **3.3.2 Enterramentos infantis**

Em sepultamentos infantis, uma vasilha com leite é inserida próximo à sepultura e assim evita-se que a criança volte para procurar sua mãe. O caminho para a aldeia dos mortos costuma ser dificultoso para as crianças, que acabam se perdendo ao longo do percurso. Por isso, os Kayapó-Xikrin as enterram, sempre que possível, com um adulto (VIDAL, 1977).

### **3.3.3 Locais dos enterramentos**

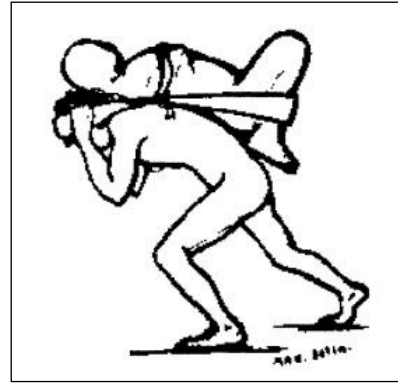
Um fato observado entre as etnografias analisadas é que o local de enterramento, no caso o cemitério, costuma estar implantado a certa distância da aldeia. No caso dos Kayapó-Xikrin, o espaço localiza-se em uma distância de aproximadamente trezentos metros (VIDAL, 1977). Entre os Apinajé, encontra-se a cerca de um quilômetro, de acordo com Rocha (2001), que trabalhou com o grupo durante a década de 90.

Ao descrever o transporte do morto até o cemitério realizado pelos Kaingang, Maniser (1930 apud VEIGA, 2000, p.158-159) relata que “depois de algumas centenas de passos, os cantos cessam. Os carregadores se revezam várias vezes; às vezes são as mulheres que levam o cadáver. Há aproximadamente meia hora de marcha até o cemitério”. Dessa forma, torna-se nítido que a distância entre aldeia e cemitério é uma característica comum entre os povos indígenas analisados.

Ainda sobre os Kaingang, cada aldeia costumava ter o próprio cemitério e nele ocorriam as cerimônias de enterramento. A presença de um montículo (Figura 17) é característica das estruturas funerárias desse grupo, que também acompanham uma vasilha com água para que o morto não sinta sede, bem como uma fogueira para que não haja o incômodo de moscas, como indica Becker (1994), que pesquisou os Kaingang entre os anos 70 e 90.



**Figura 17** – Estrutura funerária dos grupos Kaingang (Fonte: MANIZER, 1914 apud VEIGA, 2016)



**Figura 18** – Antiga forma de levar o morto ao local do sepultamento entre os Kaingang antigos (Fonte: MANIZER, 1930 apud VEIGA, 2000)

Durante a cerimônia funerária entre os Kaingang, cantos são entoados de modo a elucidar os procedimentos para que o espírito alcance a aldeia dos mortos (VEIGA, 2000). Posteriormente, o indivíduo tem seus membros atados com cipó e é levado ao local do sepultamento como apresenta a Figura 18.

### 3.3.4 Acompanhamentos funerários

Tratando da cultura material no enterramento Kaingang, Becker (1994) informa que os pertences do indivíduo sepultado são colocados na cova junto ao corpo. Esse dado é reforçado por Borba (1908 apud VEIGA, 2000, p.159), que explica “se morre, imediatamente o enterram, deitado com seu arco, flechas, curú e machado, em uma cova superficial”. Maniser (1930 apud VEIGA, 2000, p.158) ainda descreve que “(...) colocam-lhe no pescoço seu colar; todos seus pequenos utensílios são embalados numa cesta”, logo, esta inclusão justifica-se pela compreensão de que o morto irá precisar destes objetos mais à frente. Enquanto isso, os pertences restantes são destruídos de modo a evitar que o espírito volte para buscá-los (BARBOSA, 1947 apud FIDALGO, RODRIGUES, BONFANTE, 2019).

Voltando aos Bororo, é comum a destruição dos pertences do morto ao longo das várias etapas do ciclo funerário. Portanto, “os objetos mais gastos e menos valiosos que ele usou durante a vida são incinerados em fogo próximo à sua choupana (...)”, como propõe Caiuby Novaes (1981, p. 30). Abordando as tranças de cabelos, as cabaças e o couro de onça pintada que são inseridos no enterramento e confeccionados após a morte, estes:

(...) atestam a permanência de uma identidade social, esta sim, concebida como algo que é perene, e que, ao contrário da carne, não desaparece com a morte. São objetos que informam sobre as várias facetas que constituem a identidade Bororo (CAIUBY NOVAES, 1981, p. 31).

Na cerimônia dos grupos Timbira, como observa Giralдин (2012) durante sua pesquisa nos anos 2000, todos os bens do falecido são distribuídos aos visitantes presentes. É válido voltar à maneira como este povo compreende a morte, dado que quando esperado o abandono do corpo pelo espírito, recomenda-se o choro ritual, de modo a formalizar e sinalizar a aceitação da morte.

Entretanto, quando a aceitação ocorre de maneira inesperada – sobretudo quando em indivíduos jovens –, é aconselhado que não haja choro, pois dessa forma o morto absorve que sua partida não era aguardada e, assim, tenta voltar ao mundo dos vivos (GIRALDIN, 2012). Diante dessa preocupação em mostrar ao indivíduo falecido a expectativa – ou ausência desta – de sua morte, levanta-se o questionamento sobre isso ser ou não representado de forma material no sepultamento, visto que o autor não fornece informações sobre os acompanhamentos funerários.

Entre os Kayapó-Xikrin, Vidal (1977) cita a presença de um objeto pessoal do falecido em cima da sepultura, mas que nem todos os itens são enterrados com ele, sendo distribuídos entre os mais próximos.

### **3.3.5 Categorias sociais e diferenciações**

Os aspectos sobre gênero foram vagamente explorados nas etnografias consultadas. Dessa forma, é possível sugerir que as distinções com base no sexo não se apresentam nos ritos funerários ou que as autoras e autores não as consideraram relevantes para tal detalhamento. Sobre os Kayapó-Xikrin, Vidal (1977, p. 164) aponta que o grupo compreende “mulheres e homens como duas entidades bem diferenciadas” e isso reflete em alguns rituais. A vida feminina é diretamente ligada à residência, haja vista o costume matrilocal, enquanto o universo masculino abrange as atividades rituais na casa dos homens, além das atividades de caça e pesca. Entretanto, quando um homem se destaca na fabricação de artesanato, é possível receber folga das atividades na roça a fim de dedicar-se à tarefa.

Um ponto relevante na sociedade Kayapó-Xikrin é a clara distinção com base na idade e/ou número de filhos entre os homens e as mulheres. Entre o grupo masculino, as categorias abrangem os jovens não iniciados; os jovens já iniciados ou ainda na casa dos homens; os homens casados com até três filhos; os homens maduros com quatro ou mais filhos; e os homens maduros/velhos. Já no âmbito feminino, a divisão compreende meninas que passaram a usar bandoleira vermelha; meninas que usam bandoleira preta (o que indica que já houve a

menarca); mulheres com até três filhos; mulheres com quatro filhos ou mais; e, por fim, mulheres que passaram pela menopausa (VIDAL, 1977).

Durante sua pesquisa com os Apinajé, Rocha (2000, p. 68) levantou o questionamento acerca de diferenciações na cerimônia funerária com base no sexo, idade ou status, cuja resposta obtida foi a de que “qualquer pessoa tinha igual tratamento pós-morte, seja criança, adulto, velho, homens ou mulheres”. Quanto aos indivíduos em vida, as crianças ainda na 1ª infância recebem tratamento neutro referente ao sexo, porém passa a haver uma distinção sexual acentuada a partir da 2ª infância até a velhice.

Entretanto, Lea (1994 apud ROCHA, 2000) evidencia que a idade dissolve a distinção entre os sexos, dessa forma, uma senhora idosa é vista como tão sábia quanto os homens. Abordando o antagonismo sexual, Lasmar (1996 apud ROCHA, 2000) cita que os dados etnográficos o apontam basicamente nas relações de trabalho. Sendo assim, as atividades masculinas geralmente recebem maior prestígio que as desempenhadas por mulheres. No entanto, esta abordagem não conjectura um motivo palpável para compreender o status feminino como condicionado ao poder masculino.

Na sociedade Kaingang, de acordo com Veiga (2000), a mulher é guiada para desempenhar a maternidade e ser companheira de seu marido. Embora o poder seja masculino, visto que a comunidade é patrilinear, as mulheres exercem certa influência, mas sempre de maneira indireta. A maternidade costuma ser entendida através do caráter social e, não, biológico. Dessa forma, a não-obrigação de criar os filhos dá a possibilidade da mulher Kaingang se relacionar com outras pessoas. Entretanto, a mulher “mãe” é passada por Veiga (2000) como alguém de importância para a sociedade, uma vez que esta é a responsável pela transmissão de valores.

O choro ritual entre os Bororo, que abrange o ato de arrancar os cabelos, é intimamente associado à categoria social. Portanto, os participantes tendem a pertencer à mesma família, uma vez que estes compartilham com o morto as mesmas substâncias vitais – sangue e sêmen –, como proposto por Caiuby Novaes (1981).

Viertler (1991), em seu trabalho com os Bororo durante os anos 80, apresenta as variações relacionadas ao status dos indivíduos. Segundo o autor, quando se trata de alguém que exerceu função de xamã, seus pertences são amarrados a uma estaca que vai para o fundo do rio, assim como acontece com o cesto funerário, e um vasilhame cerâmico é depositado próximo a um pé de jatobá. Entretanto, se forem indivíduos comuns, “é melhor sepultá-los na

terra, preparando-lhes túmulos cobertos com paus, para que a alma possa ter um lugar de refúgio durante chuvas ou tempestades” (VIERTLER, 1991, p. 106).

### **3.4 Apontamentos prévios**

Diante dos aspectos observados sobre os atuais grupos do tronco Macro-Jê, são nítidas as semelhanças e diferenças entre as etapas e concepções dos ritos funerários. A morte é indicada como um estágio da vida e geralmente está relacionado à ida a um mundo somente dos mortos. O funeral entre os Bororo atua como um agente de mudanças políticas, culturais e econômicas (VIERTLER, 1991). Entretanto, é possível ampliar essa ideia aos grupos aqui citados se considerar a sincronia de atividades em torno do que é concebido como a morte e que acompanha uma série de mudanças no cotidiano do grupo a fim de realizar a celebração.

Embora as etnografias utilizadas não abordem necessariamente os mesmos tópicos, é possível elencar aquelas em que as temáticas coincidem. Portanto, ao tratar de gênero, faixa etária e/ou status, percebe-se que, em vida, é comum a diferenciação entre sexos, sobretudo nas relações de trabalho. Porém, esta distinção não costuma ser apresentada no enterramento e nem mesmo como sinônimo de subalternidade, mas, sim, de complementaridade (GRUBITS, DARRAULT-HARRIS, PEDROSO, 2005).

As indicações de destaque nos ritos funerários referem-se, dessa forma, à idade e/ou status, em que os mais velhos ou pertencentes a categorias sociais específicas recebem um tratamento mais elaborado (ROCHA, 2000; VEIGA, 2000; VIDAL, 1977; VIERTLER, 1991). Quanto aos acompanhamentos funerários, alguns grupos destroem parte dos pertences do morto, sacrificam seus animais de estimação e depositam na sepultura somente os itens menores e/ou de uso pessoal (VEIGA, 2000), enquanto outros povos ofertam objetos e os enterram junto ao morto (CAIUBY NOVAES, 1981; GIRALDIN, 2012).

A materialidade associada às estruturas funerárias requer uma maior cautela em contextos arqueológicos, haja vista as múltiplas formas de apresentação no registro etnográfico e os distintos significados atribuídos pelos grupos indígenas em questão. Dessa maneira, mesmo diante de um levantamento prévio sobre os povos atuais, torna-se evidente a multiplicidade de significados e ações atribuídas ao ciclo funerário.

Partindo do pressuposto de que as sociedades indígenas concebem a noção de pessoa através de aspectos cosmológicos e idiomas simbólicos, a materialização dessa corporalidade torna-se uma hipótese plausível. Portanto, análises que almejem discutir as linguagens

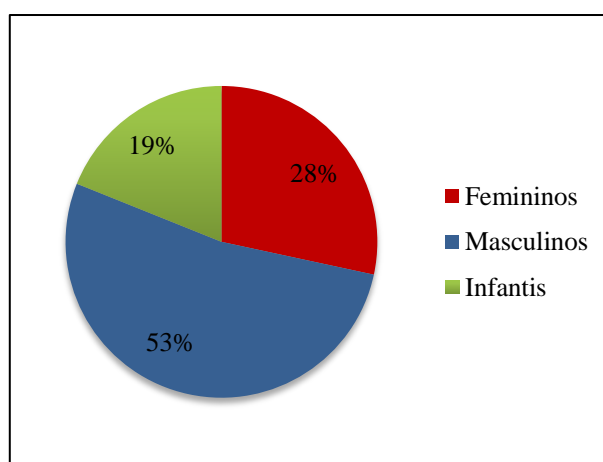
corporais e, conseqüentemente, o ciclo da vida para as sociedades indígenas são imprescindíveis, embora complexas.

#### 4. Dados antigos, novos manuseios: Resultados e discussões

Com o objetivo de apresentar a parte prática dessa pesquisa, este capítulo irá abordar os dados obtidos e, conseqüentemente, a discussão acerca da presença – ou não – de diferenciações com base no sexo dos indivíduos. Dessa forma, a amostra utilizada compõe o intervalo do nível 2 ao 21, em que dispõe de 60 indivíduos adultos com sexo estimado (21 femininos e 39 masculinos), 14 infantis e 60 adultos indeterminados (Quadro 6). Abordando os adultos, é nítido o desequilíbrio na amostra (Gráfico 1), uma vez que os masculinos se encontram em maior quantidade (quase o dobro em relação aos femininos), entretanto, não se descarta a possibilidade de interpretações com base no sexo biológico.

**Quadro 6** – Dados da amostra geral

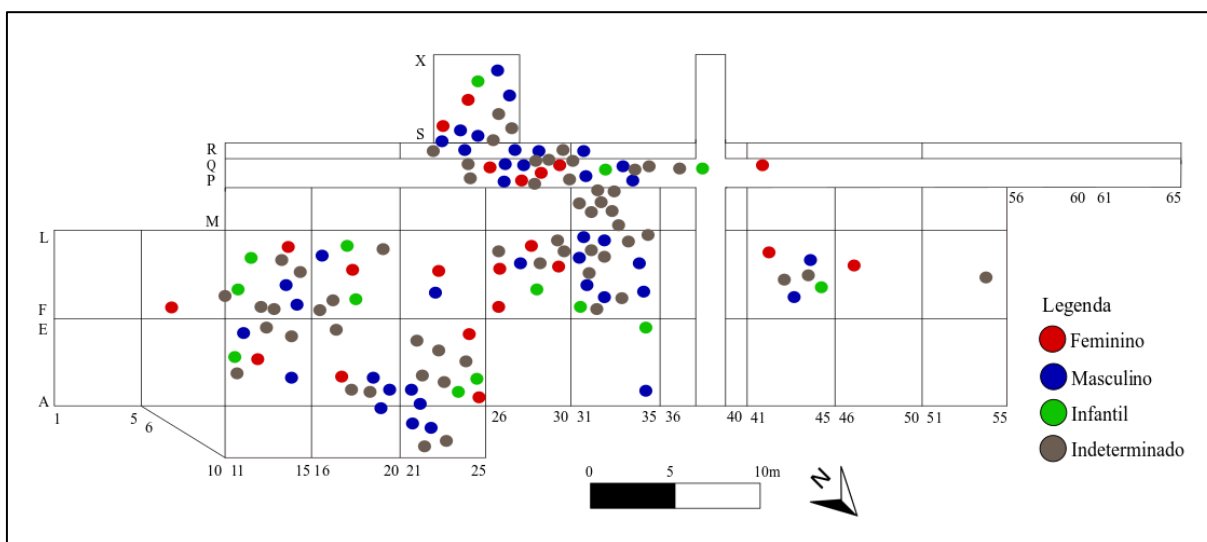
Cemitério	Níveis	Indivíduos adultos femininos	Indivíduos adultos masculinos	Indivíduos infantis	Indivíduos adultos indeterminados
A	2 a 7	7	18	6	26
B	9 a 13	10	17	3	25
C	17 a 21	4	4	5	9
<b>TOTAL</b>		<b>21</b>	<b>39</b>	<b>14</b>	<b>60</b>



**Gráfico 1** – Proporção de indivíduos masculinos, femininos e infantis na amostra geral

O questionamento que guia esta pesquisa refere-se a haver ou não relações entre a disposição dos indivíduos no sítio e seus respectivos tratamentos mortuários. Diante disso, tornou-se válida a ideia de reproduzir a planta baixa do sítio. É possível perceber na Figura 19 que o espaço escavado não foi ocupado em sua totalidade de forma similar, havendo, dessa forma, regiões com concentrações de enterramentos e também áreas com ausência destes.

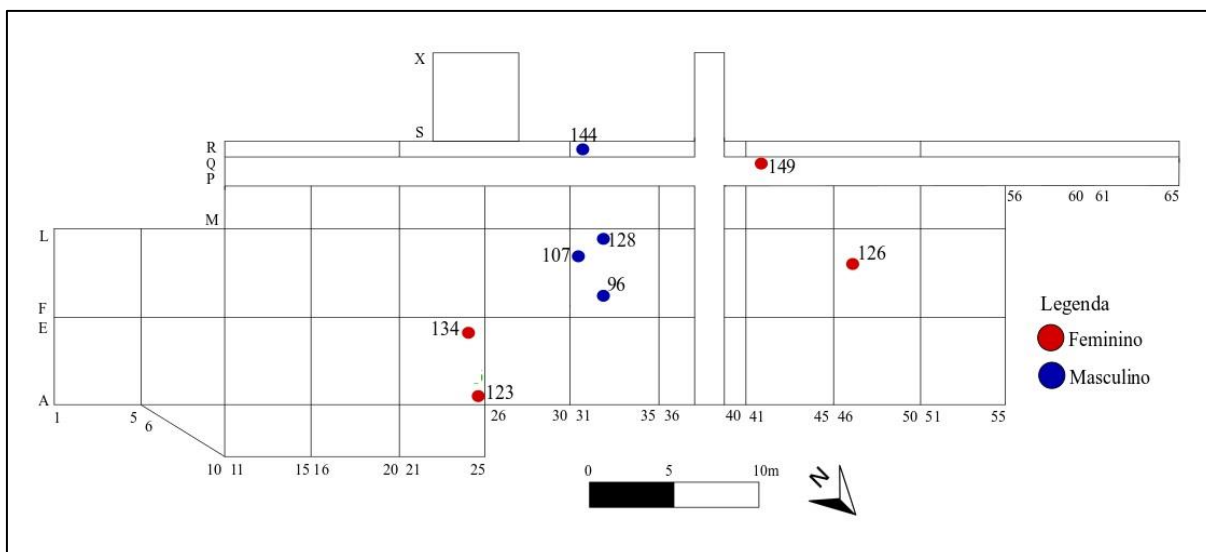
Diante da longa cronologia associada ao sítio, cada período de ocupação (A, B e C) foi interpretado individualmente e, posteriormente, foi elencado onde os conjuntos de sepultamentos convergem e/ou divergem. Dessa forma, os dados associados a cada período serão apresentados separadamente e de acordo com a sequência estratigráfica, ou seja, a discussão se moldará do cemitério C ao A.



**Figura 19** – Configuração espacial da amostra geral

#### 4.1 Apresentando os dados do Cemitério C

O cemitério C se caracteriza por englobar 13 níveis, que vão da decapagem 28 a 16, e dispõe a cronologia de 4380 +/- 70 anos AP referente à fogueira localizada na decapagem 20, de acordo com Vergne (2004). No total, são 37 sepultamentos, entretanto, a amostra referente a este cemitério engloba apenas 8 indivíduos, pois, como explicitado anteriormente, foi realizado um recorte a fim de tornar a discussão coerente e concisa. Portanto, a amostra abrange somente os enterramentos com sexo e/ou faixa etária estimados da 3ª ocupação da fase 3 proposta por Fagundes (2010), ou seja, as camadas 16 a 21 (Figura 20).



**Figura 20** - Configuração espacial e amostragem do cemitério C

#### 4.1.1 Os sepultamentos femininos

Localizados nas unidades AE21/25, FL46/50 e Q41/45, os sepultamentos femininos são contabilizados em 4, sendo estes: 123, 126, 134 e 149. O sepultamento 123, caracterizado por ter a faixa etária mais antiga da amostra feminina (50 a 59 anos), detém também a maior quantidade e variabilidade de acompanhamentos funerários, sendo o único a dispor de vestígios faunísticos e ocre. Também na unidade AE21/25 está o sepultamento 134, com faixa etária de 18 a 29 anos e enxoval composto por 5 fragmentos cerâmicos e 8 líticos, características igualmente presentes no sepultamento 126, cuja diferença observada consiste apenas na localização (unidade FL46/50). Diferente dos demais, o sepultamento 149 caracteriza-se pela faixa etária de 18 a 29 anos e destaca-se por ser o único desta amostra em deposição secundária, além da associação com vasilhame cerâmico e cachimbo (Quadro 7).

**Quadro 7** – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério C

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
123	AE21/25	50-59	Primária	-	-	10	-	Sim	12	Sim
126	FL46/50	-	Primária	-	-	5	-	-	8	-
134	AE21/25	18-29	Primária	-	-	5	-	-	8	-
149	Q41/45	18-29	Secundária	-	1	3	1	-	9	-

#### 4.1.2 Os sepultamentos masculinos

Semelhante aos femininos, os sepultamentos masculinos também são contabilizados em 4. Localizados de maneira mais próxima um dos outros, as unidades de origem foram apenas a FL 31/35 que abrange os sepultamentos 96, 107 e 128, além da R31, que engloba o indivíduo 144 (Quadro 8).

Os sepultamentos 96 e 107 dispõem do mesmo tipo de deposição, faixa etária e acompanhamentos funerários. No caso, ambos foram enterrados de maneira secundária, possuem em torno de 50 a 59 anos e têm como mobiliário funerário 7 a 8 fragmentos cerâmicos e 4 líticos. O sepultamento 128, localizado também na unidade FL31/35, caracteriza-se pela faixa etária de 30 a 39 anos, deposição primária e um maior número de líticos presentes no enxoval, sendo 11 peças desta categoria, 3 fragmentos cerâmicos e ocorrência de ocre.

Distanciado dos demais, o sepultamento 144 não teve sua faixa etária estimada, portanto, suas características são a deposição primária e um mobiliário relativamente parecido com os descritos anteriormente, sendo 3 fragmentos cerâmicos e 9 líticos, mas diferencia-se por haver um cachimbo.

**Quadro 8** – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério C

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
96	FL31/35	50-59	Secundária	-	-	7	-	-	4	-
107	FL31/35	50-59	Secundária	-	-	8	-	-	4	-
128	FL31/35	30-39	Primária	-	-	3	-	-	11	Sim
144	R31	-	Primária	-	1	3	-	-	9	-

#### 4.1.3 Breves considerações sobre o cemitério C

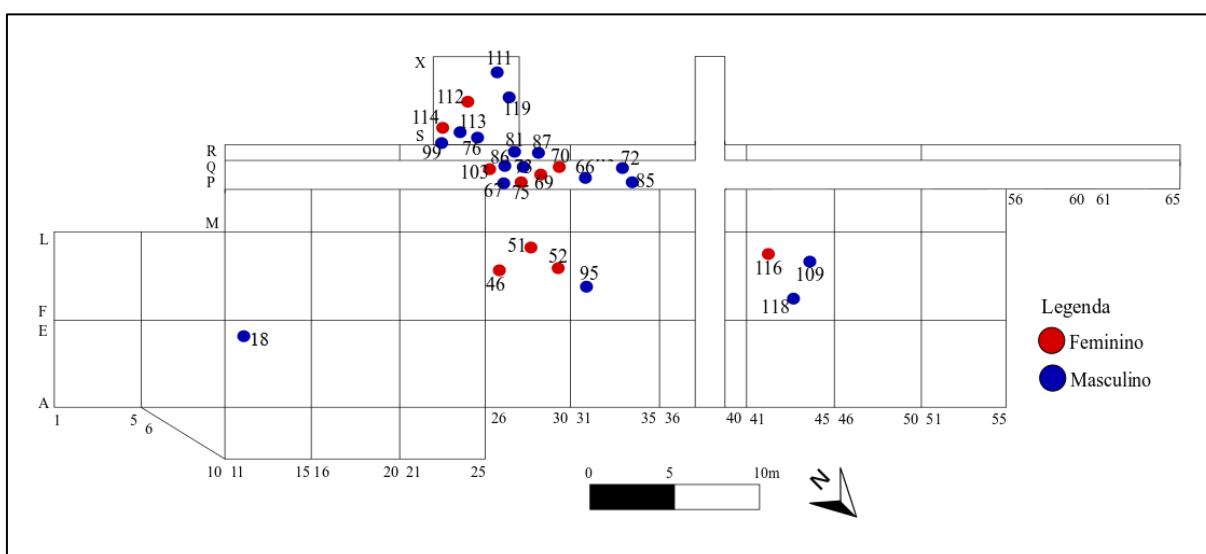
A amostra referente ao cemitério C é a menor em relação às demais desta discussão, sendo ao todo 8 indivíduos: 4 femininos e 4 masculinos. Os indivíduos idosos, ou seja, aqueles que possuem entre 50 e 59 anos, indicam possíveis diferenciações no tratamento mortuário, uma vez que o feminino dispõe de uma quantidade e variedade considerável de

acompanhamentos, inclusive com a presença de remanescentes faunísticos e ocre. Enquanto os masculinos com 50 a 59 anos são marcados pela deposição secundária, uma vez que esta forma demanda mais tempo e um maior tratamento.

A amostra, além de pequena, não indica padrões de sepultamento e/ou mobiliário funerário associados ao sexo ou faixa etária dos indivíduos. Porém, é possível perceber que alguns recebem elementos e/ou tratamentos diferenciados, a exemplo de vasilhame cerâmico associado a um indivíduo feminino e da deposição secundária, associada a ambos os sexos.

## 4.2 Apresentando os dados do Cemitério B

Caracterizado pelo maior número de sepultamentos (70), o cemitério B engloba as decapagens 15 a 9. As datações apontam uma cronologia de 3270 +/- 70 e 2650 +/- 160 anos AP para os níveis 13 e 10, respectivamente. A amostra referente à ocupação B abrange apenas 30 dos 70 sepultamentos, uma vez que há somente 27 indivíduos com sexo estimado (10 femininos e 17 masculinos) (Figura 21).



**Figura 21** – Configuração espacial e amostragem do cemitério B

### 4.2.1 Os sepultamentos femininos

Os sepultamentos femininos estão arranjados em 4 unidades, sendo elas: FL26/30, PR26/30, SX23/25 e FL41/45. No quadrante FL26/30, estão os indivíduos 46, 51 e 52, todos em deposição primária e sem faixa etária estimada. Com exceção do enterramento 52, que não foi identificado nenhum acompanhamento funerário, os sepultamentos se caracterizam pela presença de fragmentos cerâmicos e líticos, além de ocre associado ao 46 (Quadro 9).

Identificados na unidade PR26/30, os sepultamentos 69, 70, 75 e 103 possuem semelhanças nos enxovais funerários, compostos apenas por fragmentos cerâmicos e líticos. Quanto à deposição, a forma secundária está associada aos indivíduos 69 e 103, que também apresentam idade mais avançada: 40 a 49 anos e 30 a 39 anos, respectivamente. Já a deposição primária se apresenta nos enterramentos 70 e 75, cuja faixa etária está em torno de 15 a 29 anos.

Na unidade SX23/25 estão os sepultamentos 112 e 114, com faixa etária de 30 a 39 anos e 18 a 29 anos, respectivamente. Ambos se caracterizam pela deposição primária e presença de adornos (colares de ossos), além da presença de fragmentos cerâmicos e líticos. O enterramento 116, afastado dos demais, localiza-se na unidade FL41/45, caracteriza-se pela deposição primária e faixa etária de 18 a 29 anos, além de se destacar em relação aos outros já apresentados devido à presença de adornos diversos (tembetá, braceletes e tornozelira), vasilhame cerâmico e líticos, a exemplo de ponta de projétil, a única no sítio.

**Quadro 9 – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério B**

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
46	FL26/30	-	Primária	-	-	3	-	-	5	Sim
51	FL26/30	-	Primária	-	-	5	-	-	6	-
52	FL26/30	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-
69	PR26/30	40-49	Secundária	-	-	9	-	-	6	-
70	PR26/30	18-29	Primária	-	-	6	-	-	5	-
75	PR26/30	15-19	Primária	-	-	3	-	-	7	-
103	PR26/30	30-39	Secundária	-	-	4	-	-	5	-
112	SX23/27	30-39	Primária	Sim	-	7	-	-	7	-
114	SX23/27	18-29	Primária	Sim	-	15	-	-	7	-
116	FL41/45	18-29	Primária	Sim	-	4	1	-	4	Sim

#### 4.2.2 Os sepultamentos masculinos

Os sepultamentos masculinos são totalizados em 17 e estão arranjados de maneira mais diversificada que os femininos, ocupando 6 unidades: AE11/15, FL31/35, PR31/35, SX24/27 e FL41/45 (Quadro 10). Na unidade AE 11/15 há apenas o indivíduo 18, com faixa etária de 40 a 49 anos, deposição primária e mobiliário funerário composto por 7 fragmentos

cerâmicos e 7 líticos, além de vasilhame cerâmico. O sepultamento 95 compartilha da mesma faixa etária e tipo de deposição descrita anteriormente, porém localiza-se no quadrante FL31/35 e tem como acompanhamentos apenas 2 fragmentos cerâmicos e 4 líticos.

Na unidade PR31/35 estão os sepultamentos 66, 72 e 85, todos em deposição primária e enxovais funerários constituídos por fragmentos cerâmicos e líticos, além de ocre associado ao indivíduo 72. Tratando da faixa etária, esta é de 40 a 49 anos para o indivíduo 66, não identificada para o 72 e de 18 a 29 anos para o 85.

Localizados no quadrante PR26/30, os sepultamentos 67, 73, 81, 86 e 87 estão em deposição primária e têm semelhanças também com os enxovais funerários descritos anteriormente, sendo composto apenas por fragmentos cerâmicos e líticos, exceto o sepultamento 73, que não dispõe de acompanhamentos e nem estimativa de faixa etária. A idade mais avançada desse conjunto está associada ao indivíduo 67, que é de 40 a 49 anos. Enquanto o intervalo de 30 a 39 anos engloba os sepultamentos 86 e 87, o 81 traz indícios de ser o mais jovem (18 a 29 anos).

Os sepultamentos 76, 99, 111, 113 e 119 estão arrançados na unidade SX24/27 e foram depositados de maneira primária, com exceção apenas do 99 que se deu de forma secundária. A faixa etária de 30 a 39 anos predomina, não abrangendo o indivíduo 119, estimado em torno de 50 a 59 anos. Este mesmo sepultamento se caracteriza por ser o único do conjunto a ter tanto um vasilhame cerâmico quanto vestígios faunísticos como acompanhamentos, enquanto os demais dispõem de adornos (colar de contas e de ossos). A presença de fragmentos cerâmicos e líticos também se faz presente entre os indivíduos, sendo a única exceção o indivíduo 99.

Na unidade FL41/45 estão os sepultamentos 109 e 118, ambos com faixa etária em torno de 50 a 59 anos e deposição primária. Os mobiliários funerários são diversificados, englobando adornos, a exemplo de tembetá e colar de osso, respectivamente. Há também a ocorrência de líticos, vasilhames e fragmentos cerâmicos, além de remanescentes faunísticos associados ao 118.

**Quadro 10** – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério B

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
18	AE11/15	40-49	Primária	-	-	7	1	-	7	-
95	FL31/35	40-49	Primária	-	-	2	-	-	4	-
66	PR31/35	40-49	Primária	-	-	6	-	-	6	-
72	PR31/35	-	Primária	-	-	3	-	-	4	Sim
85	PR31/35	18-29	Primária	-	-	3	-	-	5	-
67	PR26/30	40-49	Primária	-	-	3	-	-	4	-
73	PR26/30	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-
81	PR26/30	18-29	Primária	-	-	3	-	-	5	-
86	PR26/30	30-39	Primária	-	-	6	-	-	7	-
87	PR26/30	30-39	Primária	-	-	3	-	-	6	-
76	SX23/27	30-39	Primária	-	-	4	-	-	14	-
99	SX23/27	30-39	Secundária	Sim	-	-	-	-	-	-
111	SX23/27	30-39	Primária	Sim	-	7	-	-	7	Sim
113	SX23/27	30-39	Primária	Sim	-	5	-	-	6	-
119	SX23/27	50-59	Primária	-	-	-	1	Sim	6	-
109	FL41/45	50-59	Primária	Sim	-	2	1	-	5	-
118	FL41/45	50-59	Primária	Sim	-	7	2	Sim	8	-

#### 4.2.3 Breves considerações sobre o cemitério B

Caracterizado pelo maior número de sepultamentos, 70 no total, o cemitério B foi representado por 27 indivíduos, sendo 10 femininos e 17 masculinos. A amostra, embora forneça um número considerável de enterramentos, é desigual, o que dificulta a análise se considerar a discrepância no número de indivíduos masculinos e femininos.

Os enxovais funerários são compostos basicamente por líticos e fragmentos cerâmicos, estando ausentes apenas em 3 sepultamentos. Em alguns casos, há complementação com vestígios faunísticos, vasilhames cerâmicos e/ou adornos, caracterizando, dessa forma, diferenciações na elaboração de parte dos enterramentos. À primeira vista, esta distinção não indica relação com o sexo dos indivíduos, sobretudo se considerar que ambos os sexos recebem tais elementos, variando apenas quanto à quantidade.

Por fim, quanto à organização espacial dos sepultamentos, foi observado que aqueles que dispõem de adornos se localizam no mesmo quadrante (SX23/27). Além disso, dos cinco enterramentos com vasilhames cerâmicos e adornos, três também estão inseridos em uma única unidade (FL41/45). Tratando dos indivíduos com mobiliários compostos apenas por líticos e/ou fragmentos cerâmicos, é válido considerar a proximidade entre estes, cuja disposição no sítio ocorre em áreas específicas, a exemplo dos quadrantes FL26/30, PR26/30 e PR31/35.

### 4.3 Apresentando os dados do Cemitério A

O cemitério A, caracterizado por abranger as decapagens 8 a 1, apresenta um total de 40 sepultamentos, dos quais apenas 25 serão aqui trabalhados, sendo: 7 femininos e 18 masculinos. A cronologia para esta ocupação indica um período entre 2530 +/- 160, 1770 +/- 60 e 1280 +/- 45 anos AP, a partir de datações obtidas nas decapagens 8, 6 e 3, respectivamente (Figura 22).

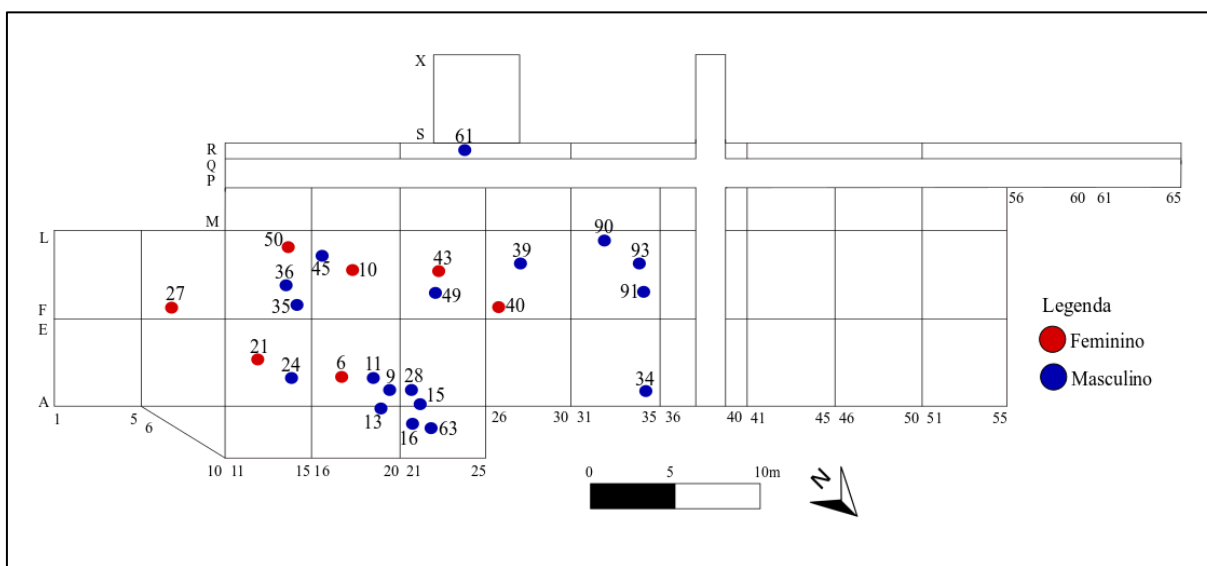


Figura 22 – Configuração espacial e amostragem do cemitério A

#### 4.3.1 Os sepultamentos femininos

Nesta ocupação, os sepultamentos femininos estão dispostos de maneira mais dispersa, onde cada indivíduo está arranjado em uma distância de aproximadamente 5 a 10 metros. No quadrante AE16/20, está o enterramento 6, cuja deposição é primária e dispõe de faixa etária

de 40 a 49 anos. Quanto aos acompanhamentos, estes são adornos, 1 fragmento cerâmico e 8 líticos. Na unidade FL21/25, a deposição e o mobiliário do sepultamento 43 se assemelham, sendo 2 cerâmicas e 9 líticos, tratando da idade, esta é de 50 a 59 anos.

Os sepultamentos 10 e 27, localizados nas unidades FL16/20 e FL6/10, respectivamente, além da mesma faixa etária – 30 a 39 anos –, são os únicos femininos em deposição secundária. Entretanto, enquanto o indivíduo 10 dispõe de 6 fragmentos cerâmico e 10 líticos, o 27 não dispõe de nenhum acompanhamento funerário.

O sepultamento 21 ocupa a unidade AE11/15, tem faixa etária de 40 a 49 anos, deposição primária e 11 líticos em seu mobiliário funerário. Os sepultamentos 40 e 50 são marcados pela deposição primária e apresentam 2 fragmentos cerâmicos, além de 9 e 10 líticos, respectivamente. Quanto à faixa etária, não há identificação para o enterramento 40, enquanto o indivíduo 50 se insere no intervalo de 40 a 49 anos. (Quadro 11).

**Quadro 11** – Dados dos sepultamentos femininos do cemitério A

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
6	AE16/20	40-49	Primária	Sim	-	1	-	-	8	-
10	FL16/20	30-39	Secundária	-	-	6	-	-	10	-
21	AE11/15	40-49	Primária	-	-	-	-	-	11	-
27	FL6/10	30-39	Secundária	-	-	-	-	-	-	-
40	FL26/30	-	Primária	-	-	2	-	-	9	-
43	FL21/25	50-59	Primária	Sim	-	2	-	-	9	-
50	FL11/15	40-49	Primária	-	-	2	-	-	10	-

#### 4.3.2 Os sepultamentos masculinos

Diferente dos sepultamentos femininos, os masculinos se organizam de maneira mais conjunta, estando mais próximos uns dos outros, mas com algumas exceções. Os sepultamentos 9, 11 e 13, localizados na unidade AE16/20, se caracterizam pela deposição primária e faixa etária de 30 a 39 anos. Quanto ao mobiliário funerário, somente o indivíduo 13 dispõe de 7 líticos, o restante não dispõe de acompanhamentos.

Na unidade AE21/25, estão os indivíduos 15 e 28, enquanto no quadrante Aa21/25 está o enterramento 16, estes não dispõem de enxoval funerário. Entretanto, as faixas etárias

diferem, bem como o modo de deposição, cuja forma secundária está associada ao sepultamento 15, que tem faixa etária de 18 a 29 anos. O intervalo de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos está associado aos indivíduos 28 e 16, ambos em deposição primária.

Os sepultamentos 63 e 24, arranjados nos quadrantes Aa21/25 e AE11/15, respectivamente, têm faixa etária de 50 a 59 anos e deposição secundária. O mobiliário funerário é composto por 3 líticos para o indivíduo 63, enquanto o 24 possui 6 fragmentos cerâmicos e 5 líticos.

Os enterramentos 35 e 36 estão localizados na unidade FL11/15, a faixa etária é de 30 a 39 anos para o primeiro e não identificada para o segundo. Quanto à deposição, esta é secundária e primária, respectivamente. O enxoval funerário é constituído por 6 fragmentos cerâmicos e 8 líticos para o indivíduo 36, enquanto o 35 detém 6 líticos.

Ambos em deposição primária e faixa etária de 18 a 29 anos, os sepultamentos 45 e 49 estão inseridos nas unidades FL16/20 e FL21/25, respectivamente. Os vestígios faunísticos constituem o mobiliário funerário do indivíduo 45, enquanto 4 cerâmicas e 5 líticos compõem o enxoval do enterramento 49.

O sepultamento 39 encontra-se na unidade FL26/30, não dispõe de faixa etária identificada e sua deposição é secundária. Quanto aos acompanhamentos, estes são 2 cerâmicas e 7 líticos. Na unidade FL31/35, estão os sepultamentos 90, 91 e 93, todos em deposição primária e faixa etária de 30 a 39 anos, não identificada e 18 a 29 anos, respectivamente. Os enxovais funerários são compostos apenas por fragmentos cerâmicos (4 a 6 peças) e líticos (3 a 7 peças).

O sepultamento 34 caracteriza-se pelo afastamento em relação aos demais no sítio, onde ocupa a unidade AE31/35 e maior elaboração dos acompanhamentos, havendo a associação de adornos, 15 fragmentos e 2 vasilhames cerâmicos, além de 10 líticos. O indivíduo tem faixa etária de 40 e 49 anos e sua deposição é primária.

Também afastado dos demais, o sepultamento 61 está arranjado na unidade QR21/25, a faixa etária não foi identificada, a deposição foi de maneira secundária. Quanto aos acompanhamentos, estes se baseiam em 3 líticos (Quadro 12).

**Quadro 12 – Dados dos sepultamentos masculinos do cemitério A**

Sepultamento	Unidade	Faixa etária	Deposição	Acompanhamentos						
				Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmentos)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre
9	AE16/20	30-39	Primária	-	-	-	-	-	-	-
11	AE16/20	30-39	Primária	-	-	-	-	-	-	-
13	AE16/20	30-39	Primária	-	-	-	-	-	7	-
15	AE21/25	18-29	Secundária	-	-	-	-	-	-	-
28	AE21/25	30-39	Primária	-	-	-	-	-	-	-
16	Aa21/25	40-49	Primária	-	-	-	-	-	-	-
63	Aa21/25	50-59	Secundária	-	-	-	-	-	3	-
24	AE11/15	50-59	Secundária	-	-	6	-	-	5	-
35	FL11/15	30-39	Secundária	-	-	-	-	-	6	-
36	FL11/15	-	Primária	-	-	6	-	-	8	-
45	FL16/20	18-29	Primária	-	-	-	-	Sim	-	-
49	FL21/25	18-29	Primária	-	-	4	-	-	5	-
39	FL26/30	-	Secundária	-	-	2	-	-	7	-
90	FL31/35	30-39	Primária	-	-	5	-	-	5	-
91	FL31/35	-	Primária	-	-	4	-	-	3	-
93	FL31/35	18-29	Primária	-	-	6	-	-	11	-
34	AE31/35	40-49	Primária	Sim	-	15	2	-	10	-
61	QR21/25	-	Secundária	-	-	-	-	-	3	-

### 4.3.3 Breves considerações sobre o cemitério A

A amostra referente ao cemitério A se caracteriza por ter mais que o dobro de indivíduos masculinos em relação aos femininos identificados. Nesta ocupação também ocorreu o aumento no índice de sepultamentos sem enxoval funerário, fato identificado em 1 enterramento feminino e 5 masculinos, logo, levanta-se o questionamento sobre ser consequência de uma ação intencional ou se houve o depósito de acompanhamentos, e se processos erosivos ou inundações por parte do rio São Francisco seria os causadores da ausência destes.

A redução qualitativa de materiais associados aos sepultamentos também foi uma característica associada a este cemitério, uma vez que 5 enterramentos dispõem apenas de uma categoria material (Lítico, em maioria). Ao trazer a questão da faixa etária à discussão,

percebe-se que, com exceção do indivíduo 43, os sepultamentos com 50 a 59 anos foram realizados de maneira secundária.

Diante dos dados apresentados, é possível apontar que os sepultamentos femininos e masculinos recebiam, de certa forma, mobiliários semelhantes, sobretudo se considerar a predominância de conjuntos compostos apenas por cerâmicas e líticos, além das exceções que abrangem adornos, por exemplo, e que acomete ambos os sexos. Dessa forma, as diferenças englobam apenas a quantidade de materiais, porém, com variação entre os sexos, mesmo que não seguindo um padrão.

#### **4.4 Discussão dos resultados**

Os três cemitérios alvos desta análise apontam uma cronologia que vai de 4380 +/- 70 a 1280 +/- 45 anos AP, delineando um período em torno de três milênios. A problemática em trabalhar com esse longo intervalo tornou-se evidente diante das áreas onde havia sepultamentos sobrepostos e muito próximos estratigraficamente. Consequentemente, tornou-se complexo pensar em relações sociais de um único grupo, sobretudo quando se considera as especificidades associadas à configuração espacial de cada ocupação.

O cemitério C, em relação aos outros, possui a amostra mais equilibrada, mas é a menor dentre as demais. A proximidade entre alguns sepultamentos é um fato observável, havendo um menor distanciamento entre os indivíduos de mesmo sexo, apesar de alguns enterramentos encontrarem-se dispersos. Enquanto isso, o cemitério B apresenta certa aglomeração entre os indivíduos, que indica uma relação com o tipo de mobiliário funerário, uma vez que sepultamentos com adornos estão em uma porção do sítio, enquanto aqueles com vasilhames cerâmicos estão afastados dos demais, por exemplo.

Caracterizado pela maior dispersão dos enterramentos, o cemitério A apresenta a amostragem mais desigual e ocupa novas áreas do sítio. A relação entre indivíduos com vasilhames cerâmicos e isolamento se mantém nesta ocupação. Além disso, é válido apontar que, em relação aos sepultamentos masculinos dos outros cemitérios, os do cemitério A possuem um mobiliário funerário mais simples, compostos por pequenas quantidades de líticos e/ou fragmentos cerâmicos.

Embora os sepultamentos infantis não tenham sido abordados neste trabalho, durante a análise foi percebida a proximidade entre estes indivíduos e os adultos, independentemente do sexo, uma vez que dentre os 14 enterramentos infantis, 12 foram sepultados próximos a

adultos. Logo, este padrão pode estar atrelado a uma relação de parentesco e/ou proteção, como previamente observado nos dados etnográficos.

Quanto ao sexo biológico, tornou-se nítido que há algumas diferenciações nos tratamentos funerários a partir desse aspecto. O Quadro 13 indica, à primeira vista, haver maior elaboração nos sepultamentos masculinos, a julgar pelo número de deposições secundárias e acompanhamentos funerários associados a estes. Entretanto, tendo como base a desigualdade amostral (21 indivíduos femininos e 39 masculinos), a média aritmética dos conjuntos indica que há elementos funerários associados mais aos enterramentos femininos que aos masculinos, a exemplo dos adornos, cachimbo, fragmentos cerâmicos, líticos e ocre. Em contrapartida, itens como vasilhames cerâmicos e vestígios faunísticos estariam mais ligados ao sexo masculino. De qualquer forma, não há padronizações e nem uma relação direta entre categorias de vestígios e sexo dos indivíduos, uma vez que tanto enterramentos femininos quanto masculinos recebem os mesmos elementos, variando apenas a frequência.

**Quadro 13** – Quantificação dos tipos de deposição e acompanhamentos associados a cada sexo

	<b>Feminino</b>		<b>Masculino</b>	
	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Média</i>
<b>Deposição primária</b>	5	0,23	10	0,25
<b>Deposição secundária</b>	16	0,76	29	0,74
<b>Adorno</b>	5	0,23	5	0,12
<b>Cachimbo</b>	1	0,04	1	0,02
<b>Cerâmica (fragmentos)</b>	92	4,38	130	3,33
<b>Cerâmica (vasilhame)</b>	2	0,09	7	0,17
<b>Fauna</b>	1	0,04	3	0,07
<b>Lítico</b>	150	7,14	193	3,56
<b>Ocre</b>	5	0,23	4	0,1

Diante dos resultados, ao trazer a discussão de gênero e compreendendo a ausência de padrões funerários associados ao sexo dos indivíduos, é possível levantar duas possibilidades. A primeira é de que realmente não havia esta distinção entre os grupos pré-coloniais do Baixo São Francisco, o que os caracterizariam como povos que tinham relações sociais sem impor papéis de gênero. A segunda, e talvez mais provável, é de que havia percepções de gênero, porém estas não se apresentavam nos ritos funerários – ou o que permaneceu destes –. Assim sendo, os elementos diferenciadores podem ter se deteriorado ao longo do tempo ou podem ter existido apenas em vida, mas não em morte.

Além disso, os dados etnográficos apresentados no capítulo anterior reforçam a ideia de que as diferenciações percebidas nos sepultamentos podem estar relacionadas a outros aspectos além de gênero, a exemplo de status social, afinidades específicas ou até mesmo noções cosmológicas. Portanto, é possível que o contexto funerário associado a um indivíduo (ou até mesmo a um grupo) seja resultado da corporalidade construída ao longo da vida dessa pessoa. Caracteriza-se, dessa forma, um idioma simbólico que não foi possível acessar neste momento e que atesta a necessidade de que novas perguntas sejam feitas para o sítio Justino.

É válido reforçar que é comum que povos indígenas delineiem papéis sociais a partir do sexo biológico dos indivíduos, o que dá base à discussão de gênero. Entretanto, diferente da sociedade ocidental, essa distinção poder não indicar relações de sobreposição por parte de um ou outro gênero, visto que os dados etnográficos previamente apresentados apontam vínculos de cooperação em vez de subordinação entre os povos indígenas falantes do tronco linguístico Macro-Jê.

Dessa maneira, é provável que os fatores que deram forma às diferenciações no sítio Justino se baseassem em outros critérios sociais, a exemplo de status e/ou idade, uma vez que parte dos sepultamentos com faixa etária mais avançada detém maior elaboração. De qualquer maneira, são perguntas e perspectivas a serem elucidadas posteriormente, cujas abordagens certamente trarão novos vieses sobre as populações pré-coloniais que ocuparam o Baixo São Francisco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática de gênero engloba outras disciplinas das ciências humanas além da arqueologia. Assim, justifica-se o crescente número de pesquisas interdisciplinares, sobretudo diante da polêmica que gira em torno do conceito na sociedade atual. Logo, este trabalho surgiu com o intuito de contribuir com as investigações acerca dos papéis de gênero, neste caso, aplicados a povos indígenas pré-coloniais.

A diversidade funerária associada ao sítio Justino possibilitou concluir que os sepultamentos recebem tratamentos semelhantes, uma vez que ambos os sexos detêm todas as categorias de acompanhamentos funerários e tipos de deposição. Entretanto, ao considerar a média aritmética, é possível propor que os enterramentos femininos teriam maior relação com adornos, fragmentos cerâmicos e líticos, enquanto os masculinos estariam mais associados a vasilhames e vestígios faunísticos.

De qualquer forma, os enterramentos com acompanhamentos funerários diversos – a exemplo de vasilhames cerâmicos, adornos, cachimbos e vestígios faunísticos – não determinam padrões. Portanto, isso pode indicar que o grau de elaboração do ciclo funerário se baseia (ou se complementa) a partir de outros aspectos que estejam atrelados, por exemplo, a status social, faixa etária, afinidades específicas ou até mesmo noções cosmológicas. Consequentemente, essa perspectiva deve ser amadurecida por trabalhos futuros, visto que por se tratar de uma abordagem inicial, não dispusemos de espaço para o devido aprofundamento de tais questões.

Além das reflexões acerca das diferenciações funerárias, foi possível perceber mudanças ao longo da ocupação do sítio, cuja configuração espacial apresentou características específicas para cada cemitério. Consequentemente, fazem-se pertinentes análises que almejem discorrer sobre tais mudanças e possíveis causas para tal. Paralelo a isso, também se mostra relevante o desenvolvimento de pesquisas mais abrangentes sobre os remanescentes que constituem o acervo do sítio Justino, a exemplo dos vestígios faunísticos, nunca trabalhados em sua totalidade, o que deixa uma lacuna sobre os significados associados à fauna para as populações indígenas às margens do rio São Francisco.

Embora não tenham sido explanados neste trabalho, percebeu-se que os sepultamentos infantis indicam uma proximidade com os indivíduos adultos. Os dados etnográficos apontam este traço como um meio de proteção às crianças e um auxílio durante a passagem do mundo dos vivos para o dos mortos. Portanto, embora não seja possível

confirmar este aspecto aos contextos arqueológicos, torna-se concebível essa provável ligação entre povos do presente e do passado. No que tange a temática de gênero nas etnografias trabalhadas, alguns dados apontam a atribuição de papéis e comportamentos a partir do sexo biológico. Porém, os aspectos levantados não foram suficientes para aplicá-los durante a análise do sítio Justino.

A discussão de gênero aplicada ao sítio Justino, ainda que tenha sido abordada em trabalhos anteriores (LIMA, 2012; OLIVEIRA, 2018), não chegou ao esgotamento. Logo, é essencial que sejam propostas novas perspectivas e metodologias, além de reanálises tanto do material arqueológico quanto da documentação, haja vista a discrepância de informações entre os primeiros trabalhos que apresentam o sítio. Dessa forma, há mais enterramentos a serem trabalhados, bem como outras áreas do sítio, a exemplo do Justino II, que carece de análises e descrições. Por fim, ratifica-se a relevância de pesquisas que englobem não somente a temática de gênero e/ou feminista, mas também sobre os aspectos sociais que tangem as populações do Baixo São Francisco pré-colonial e que repensem os modelos de relações sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. O homem dos terraços de Xingó. Cadernos de Arqueologia, Aracaju: UFS / CHESF - Petrobrás / PAX, Documento 6, 1997.

ALCÂNTARA, E. V. G. T. **Cachimbos do Xingó: análise técnica e primeiras interpretações.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

ALMEIDA, F. O. de; KLOKLER, D. M. **Do sertão para o mar: a fluidez de pessoas, ideias e estilos tecnológicos na história das populações ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE).** Projeto de pesquisa, 2016.

ARNOLD, B. Gender and archaeological mortuary analysis. In: NELSON, S.M. (Ed.), **Women in antiquity: Theoretical approaches to gender and archaeology.** Lanham, Altamira Press, 2007.

BECKER, I. I. B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, 1994.

BERROCAL, M. C.; Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica. **Trabajos de Prehistoria**, Madrid: CSIC. v. 62, n. 2, 2009.

BINFORD, Lewis. Mortuary practices: their study and their potential. In: **Memoirs of the Society for American Archaeology: Approaches to the social dimensions of mortuary practices**, Washington D.C., v. 25, 1971.

BOMFIM, L. F. C. Projeto cadastro da infraestrutura hídrica do nordeste: estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Canindé do São Francisco. BOMFIM, L. F. C.; COSTA, I. V. G. DA; BENVENUTI, S. M. P. – Aracaju: CPRM, 2002.

CAIUBY NOVAES, S. Funerais entre os Bororo, imagens da refiguração do mundo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, 2006.

\_\_\_\_\_. Tranças, cabaças e couros no funeral Bororo: a propósito de um processo de constituição de identidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 24, 1981.

CÂMPERA, L. M. F. **O lago encantado e o caminho da chuva: noções de corpo, cura e cosmologia no Médio Solimões.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

CAROMANO, C. F.; GASPAS, M. V.; PEREIRA, E. R.; LIMA, M. N.; LIMA, J. C. F. Nem todas são Betty ou Anna. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, 2017.

CARVALHO, F. L. de. **A pré-história sergipana.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003.

CARVALHO, O. A. de. **Contribution a l'archeology bresilienne: etude paleoanthropologique de deux necropoles de la region de Xingo, etat de Sergipe, Nordest, du**

Bresil. These (Docteur ès sciences, mention anthropologique) – Universite de Geneve, Geneve, 2006.

CARVALHO, O. A.; QUEIROS, A. N.; VERGNE, C. A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com ossos de animais no sítio Justino (Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil). **Revista Canindé**, Xingó, n. 2, 2002.

CHAPMAN, R. Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices. **Mortality**, v. 8, n. 3, 2003.

CONKEY, M. W.; GERO, J. Tensions, pluralities, and engendering archaeology: an introduction to women and prehistory. **Engendering Archaeology: women and prehistory**. Oxford, UK: Blackwell. 1991.

CONKEY, M. W.; SPECTOR, J. D. Archaeology and the study of gender. SCHIFFER, M. (ed.). **Advances in archaeological method and theory**. New York: Academic Press, n. 7, 1984.

DANTAS, E. N. **As escolhas do tempo na cerâmica arqueológico no sítio Vitória Régia I, Xingó**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

FAGUNDES, M. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise intra-sítio do Sítio Justino, Baixo São Francisco – As fases de ocupações. **Revista de Arqueologia**, v. 23 – n.2, 2010.

FIDALGO, D. F.; RODRIGUES, R.; BONFANTE, R. Contextos funerários, espólios votivos e remanescentes humanos Kaingang no estado de São Paulo. **Revista de Arqueologia**, v. 32, n. 1, 2019.

GILCHRIST, R. The Archaeology of sex and gender. In: CUNLIFFE, B.; GOSDEN, C.; JOYCE, R. (ed.), **The Oxford Handbook of Archaeology**, Oxford University Press, 2009.

GIRALDIN, O. A morte, o morrer e o morto entre os Timbira. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 28., 2012, São Paulo, **Anais...** São Paulo: ABA, 2012.

GOWLAND, R. Ageing the past: examining age identity from funerary evidence. In: **Social Archaeology of Funerary Remains**, Oxbow Books, v. 1, 2009.

GRUBITS, S.; DARRAULT-HARRIS, I.; PEDROSO, M. Mulheres indígenas: poder e tradição. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, 2005.

IBGE. São Francisco: o rio que resiste. Retratos – A Revista do IBGE, n.13, nov. de 2018.

JACOMINE, P. K. T. A nova classificação brasileira dos solos. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica**, Recife, vols. 5 e 6, 2009.

JESUS, L. B. O. **Um som no Justino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.

KLOKLER, D. M.; GASPAR, M. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., Esse sambaqui é uma estrutura funerária!. In: GASPAR, M.; SOUZA, S. M. de (ed.). **Abordagens Estratégicas em Sambaquis**. Erechin: Editora Habilis, 2013.

LANDA, B. S. Arqueologia Guarani e Gênero. **Revista do CEPA**, v. 23, n.2, 1999.

LIMA, D. V. R. **Sobre morte e gênero**: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos Sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LIMA, T. A. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v.3, n.1, 1995.

LIMA, T. A. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v.5, n.1, 1997.

LUNA, S. C. A. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco, Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

MAPA Etno-histórico de Curt Nimuendaju. Escala: 1:2.500.000. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

MARTIN, G. O povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco. In: Universidade Federal de Sergipe. (Org.). **Salvamento Arqueológico de Xingó**: Relatório Final. Xingó, 1998.

NELSON, S. M.; ROSEN-AYALON, M. **In pursuit of gender**: worldwide archaeological approaches. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002.

OLIVEIRA, L. **Gênero e suas nuances**: abordagem através dos contextos funerários do sítio Justino- SE. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

PASSOS, L. P. **Da beira ao fundo**: Uma análise bibliométrica feminista da arqueologia brasileira a partir de dois estudos de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia com Habilitação em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PEARSON, M. P. Mortuary Practices, society and ideology: An ethnoarchaeological study. In: HODDER, I. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

QUEIROZ, A. N; CARDOSO, C. E.; CARVALHO, O. A. Animais como psicopompos nas sepulturas do sítio arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco - Sub-região de Xingó-Sergipe, Brasil). **Antipoda**: Revista de Antropología y Arqueología, n.28, 2017.

QUEIROZ, A. N.; GUÉRIN, C.; SILVA, J. A.; FAURE, M.; CARVALHO, O. A. Os adornos em osso de *mazama* na sepultura 118, Cemitério B, sítio arqueológico Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 33, n. 1, 2018.

RAPP PY-DANIEL, A. Práticas funerárias na Amazônia: A morte, a diversidade e os locais de enterramento. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016.

RIBEIRO, L. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: Sobre resistir na ciência. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, 2017.

RIBEIRO, L.; SILVA, B. S. R.; SCHIMIDT, S. K. S.; PASSOS, L. P. A saia justa da Arqueologia Brasileira: Mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, 2017.

ROCHA, R. P. **A questão de gênero na etnologia Jê**: a partir de um estudo sobre os Apinajé. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RODRIGUES, A. D. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 4, n. 2, 2012.

RODRIGUES-CARVALHO, C.; SOUZA, S. M. Uso de adornos labiais pelos construtores de sambaqui de Cabeçada, Santa Catarina, Brasil: uma hipótese baseada no perfil dentopatológico. **Revista de Arqueologia**, v. 11, 1998.

SANTANA, P. A.; FEITOSA, A. M. Os sítios arqueológicos. In: Universidade Federal de Sergipe. (Org.). **Salvamento Arqueológico de Xingó**: Relatório Final. Xingó, 1998.

SCHEEL-YBERT, R. Considerações sobre o método de datação pelo carbono-14 e alguns comentários sobre a datação de sambaquis. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 9, 1999.

SCHUSTER, A. J. **Variabilidade cerâmica do sítio Cipó – AL, Xingó**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 32, 1979.

SENE, G. A. M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira**: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social – o sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA DOS SANTOS, V. As fogueiras do sítio Justino: (Re)construindo uma arqueologia do fogo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SILVA, F. A.; NOELLI, F. S. História indígena e arqueologia: Uma reflexão a partir dos estudos sobre os Jê Meridionais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 27, 2016.

SILVA, J. A. **Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas:** Adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

SILVA, J. A. **O corpo e os adereços:** Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

SILVA, J. C.; VERGNE, C.; POZZI, H. A. reflexões sobre as técnicas de confecção dos artefatos líticos do sítio Justino, Canindé do São Francisco-SE. **Revista Canindé**, Xingó, n. 1, 2001.

SILVA, S. F. S. M. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

URBAN, G. 1992. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In: **História dos Índios no Brasil**. Org. CUNHA, M. C. – São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1ª ed., 1992.

VEIGA, J. Contribuição da etnografia dos Jê Meridionais à Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 27, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VERGNE, M. C.; NASCIMENTO, A. C. O Desenvolvimento do projeto. In: Universidade Federal de Sergipe. (Org.). **Salvamento Arqueológico de Xingó:** Relatório Final. Xingó, 1998.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do Baixo São Francisco:** Estruturas funerárias do sítio Justino – região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIDAL, L. B. **Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira:** os Kayapó-Xikrin do rio Cateté. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1977.

VIERTLER, R. B. **A refeição das almas:** Uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo, Mato Grosso. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991.

WÜST, I.; VAZ, L. J. M. Grafismos de ação no Alto São Lourenço, sudeste do Mato Grosso. **Revista do Museu Antropológico**, v. 2, 1998.

WYLIE, A. Os que conhecem, conhecem bem: teoria do ponto de vista e arqueologia de gênero. **Scientiae Studia**, v. 15, n. 1, 2017.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Amostra inicial dos sepultamentos adultos com sexo estimado

SÍTIO JUSTINO - SEPULTAMENTOS ADULTOS COM SEXO ESTIMADO														
Sep.	Decapagem	Unidade	Sexo	Faixa etária	Deposição	Patologia	Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmento)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre	
Cemitério A	1	6	AE 16/20	M	-	Primária	-	-	-	4	-	-	7	-
	3	6	AE 16/20	F	-	Secundária	-	-	-	-	-	-	4	-
	5	6	AE 16/20	M	-	Secundária	-	1	-	2	-	-	4	-
	6	8	AE 16/20	F	40-49	Primária	Dentária	1	-	1	-	-	8	-
	9	5	AE 16/20	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	-	-	-	-	-
	10	7	FL 16/20	F	30-39	Secundária	Dentária	-	-	6	-	-	10	-
	11	5	AE 16/20	M	30-39	Secundária	-	-	-	-	-	-	-	-
	13	5	AE 16/20	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	-	-	-	7	-
	15	4	AE 21/25	M	18-29	Secundária	Dentária	-	-	-	-	-	-	-
	16	5	Aa 21/25	M	40-49	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	21	5	Aa 21/25	F	40-49	Primária	Dentária	-	-	-	-	-	11	-
	24	7	AE 16/20	M	50-59	Secundária	Dentária	-	-	6	-	-	5	-
	27	5	FL 6/10	F	30-39	Secundária	Dentária e Óssea	-	-	-	-	-	-	-
	28	6	AE 21/25	M	30-39	Primária	Dentária e Óssea	-	-	-	-	-	-	-
	33	7	FL 26/30	M	40-49	Primária	Dentária e Óssea	-	-	5	2	-	7	1
	34	6	AE 31/35	M	40-49	Primária	Dentária e Óssea	1	-	15	2	-	10	-
	35	6	FL 11/15	M	30-39	Secundária	Dentária	-	-	-	-	-	6	-
	36	6	AE 11/15	M	-	Primária	-	-	-	6	-	-	8	-
39	7	FL 26/30	M	-	Secundária	-	-	-	2	-	-	7	-	
40	7	FL 26/30	F	-	Primária	-	-	-	2	-	-	9	-	
43	6	FL 21/25	F	50-59	Primária	Dentária	1	-	2	-	-	9	2	
45	6	FL 16/20	M	18-29	Primária	Dentária e Óssea	-	-	-	-	sim	-	-	

	49	7	FL 11/15	M	18-29	Primária	Dentária	-	-	4	-	-	5	-
	50	8	FL 11/15	F	40-49	Primária	Dentária e Óssea	-	-	2	-	-	10	-
	61	7	R 23/25	M	-	Secundária	Dentária	-	-	-	-	-	3	-
	63	5	AE 21/25	M	50-59	Secundária	-	-	-	-	-	-	3	-
<b>Cemitério B</b>	18	10	AE 11/15	M	40-49	Primária	Dentária	-	-	7	1	-	7	-
	38	10	P 26/27	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	3	-	-	7	1
	44	9	FL 16/20	M	30-39	Primária	Dentária e Óssea	-	-	6	-	-	8	-
	46	10	FL 16/20	F	-	Primária	-	-	-	3	-	-	5	1
	52	10	FL 26/30	F	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	51	12	FL 11/15	F	-	Primária	-	-	-	5	-	-	6	-
	54	9	FL 31/35	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	5	-	-	7	-
	66	10	PQ 31/32	M	40-49	Primária	Dentária	-	-	6	-	-	6	-
	67	10	Q 28/28	M	40-49	-	-	-	-	3	-	-	4	-
	69	10	QR 31/35	F	40-49	Secundária	Dentária	-	-	9	-	-	6	-
	70	10	QR 31/35	F	18-29	Primária	Dentária	-	-	6	-	-	5	-
	72	10	QR 35/36	M	-	Primária	-	-	-	3	-	-	4	1
	73	11	QR 28	M	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	75	11	PQ 28/29	F	15-19	Primária	-	-	-	3	-	-	7	-
	76	9	RS 25/26	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	4	-	-	14	-
	81	10	R 26/27	M	18-29	Primária	Dentária e Óssea	-	-	3	-	-	5	-
	85	10	PQ 33/34	M	18-29	Primária	Dentária e Óssea	-	-	3	-	-	5	-
	86	11	PQ 27/28	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	6	-	-	7	-
	87	11	R 29/30	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	3	-	-	6	-
	90	9	FL 31/35	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	5	-	-	5	-
91	9	FL 31/35	M	-	Primária	-	-	-	4	-	-	3	-	
93	9	FL 31/35	M	18-29	Primária	Dentária	-	-	6	-	-	11	-	
95	9	FL 31/35	M	40-49	Primária	Dentária	-	-	2	-	-	4	-	
99	10	S 24/25	M	30-39	Secundária	-	-	1	-	-	-	-	-	-

Cemitério C	103	12	Q 26	F	30-39	Secundária	Dentária	-	-	4	-	-	5	-
	109	10	FL 41/45	M	50-59	Primária	Óssea	1	-	2	1	-	5	-
	111	11	VX 26/27	M	30-39	Primária	Dentária	1	-	7	-	-	7	1
	112	12	TU 24/25	F	30-39	Primária	Dentária	1	-	7	-	-	7	-
	113	12	TU 24/25	M	30-39	Primária	Dentária e Óssea	sim	-	5	-	-	6	-
	114	13	ST 23/24	F	18-29	Primária	Dentária	1	-	15	-	-	7	1
	116	13	FL 41/45	F	18-29	Primária	Dentária e Óssea	sim	-	4	1	-	8	-
	118	14	FL 41/45	M	50-59	Primária	Dentária e Óssea	1	-	7	2	sim	8	-
	119	13	ST 23	M	50-59	Primária	Dentária e Óssea	-	-	-	1	sim	6	-
	131	13	SX 7/11	M	-	Primária	-	1	-	12	1	-	11	-
	132	10	SX 5/10	M	30-39	Primária	Dentária e Óssea	-	-	3	2	-	5	-
	137	10	MR 11/15	M	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	139	10	MR 1/5	M	18-29	Primária	Dentária	-	-	1	-	-	4	-
Cemitério C	83	18	AE 16/20	M	18-29	Secundária	Dentária	-	-	4	-	-	4	-
	96	19	FL 31/35	M	50-59	Secundária	Óssea	-	-	7	-	-	4	-
	97	16	FL 26/30	M	40-49	Secundária	Óssea	-	-	9	-	-	4	-
	105	19	FL 31/35	M	30-39	Secundária	-	-	6	-	-	4	-	
	107	19	FL 31/35	M	50-59	Secundária	Dentária e Óssea	-	-	8	-	-	4	-
	108	16	FL 51/55	M	18-29	Primária	Dentária	-	-	3	-	-	8	-
	123	21	AE 21/25	F	50-59	Primária	Dentária e Óssea	-	-	10	-	sim	12	1
	126	20	FL 46/50	F	-	Primária	-	-	-	5	-	-	8	-
	128	18	FL 31/35	M	30-39	Primária	-	-	-	3	-	-	11	2
	134	19	AE 21/25	F	18-29	Primária	Dentária	-	-	5	-	-	8	-
	144	19	R 31	M	-	Primária	-	-	1	3	-	-	7	-
	149	21	Q 40/45	F	18-29	Secundária	Dentária	-	1	3	1	-	9	-
152	14	FL 6/10	M	30-39	Primária	Dentária	-	-	8	-	-	9	-	
156	14	FL 6/10	M	40-49	Primária	Dentária e Óssea	-	-	-	-	-	-	-	
Cemitério C	158	43	AE 41/45	M	40-49	Primária	Dentária	-	-	-	-	-	16	1

159	52	AE 21/25	M	30-39	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
160	48	AE 21/25	F	40-49	Primária	Dentária	-	-	-	-	-	-	-
161	51	FL 41/45	F	-	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
163	47	AE 46/50	M	18-29	Secundária	-	-	-	-	-	-	-	-

Apêndice B – Amostra inicial dos sepultamentos infantis

SÍTIO JUSTINO - SEPULTAMENTOS INFANTIS													
Sep.	Camada	Unidade	Faixa etária	Deposição	Patologia	Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmento)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre	
Cemitério A	4	6	AE 16/20	5 a 9	Primária	-	-	-	4	-	-	2	-
	26	7	AE 11/15	1 a 4	Primária	-	-	-	4	-	-	2	-
	29	6	AE 21/25	10 a 14	Primária	-	-	-	-	-	-	5	-
	30	7	FL 16/20	1 a 4	Primária	-	-	-	-	-	-	4	-
	53	5	AE 11/15	5 a 9	Primária	-	-	-	-	-	-	6	-
	89	7	FL 41/45	1 a 4	Primária	-	-	-	1	2	-	3	-
Cemitério B	48	9	AE 11/15	5 a 9	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	56	9	FL 31/32	5 a 9	Primária	-	-	-	2	-	-	4	-
	58	10	FL 31/32	1 a 4	Primária	-	-	-	3	-	-	4	-
	68	10	QR 31/35	5 a 9	Primária	Dentária	-	-	4	-	-	3	-
	110	9	U 26/27	5 a 9	Primária	-	-	-	4	-	-	3	-
	140	9	MR 6/10	-	Secundária	-	-	-	3	1	-	2	-
	164	10	MN 6/10	5 a 9	Secundária	-	-	-	-	1	-	-	-
	165	10	MN 1/6	0 a 1	Secundária	-	-	-	5	1	-	3	-
Cemitério C	79	19	FL 11/15	1 a 4	Primária	-	-	-	5	-	-	6	-
	106	20	FL 31/35	1 a 4	Primária	-	-	-	16	-	-	7	-
	115	20	AE 31/35	1 a 4	Primária	-	-	-	3	1	-	3	-
	121	19	AE 21/25	1 a 4	Primária	-	-	-	5	-	-	10	1
	124	21	AE 21/25	0 a 5	Primária	-	-	-	3	-	-	2	-
	133	23	FL 31/35	5 a 9	Primária	-	-	-	-	-	-	-	-
	136	23	AE 31/35	5 a 9	Primária	Dentária	-	1	4	-	-	9	-
	147	15	FL 6/10	5 a 9	Primária	Dentária	1	-	2	-	sim	11	1
	148	20	P 37/38	5	Primária	-	-	-	6	-	-	6	-
	157	22	Q 42/43	1 a 4	Primária	-	-	-	6	-	-	7	-

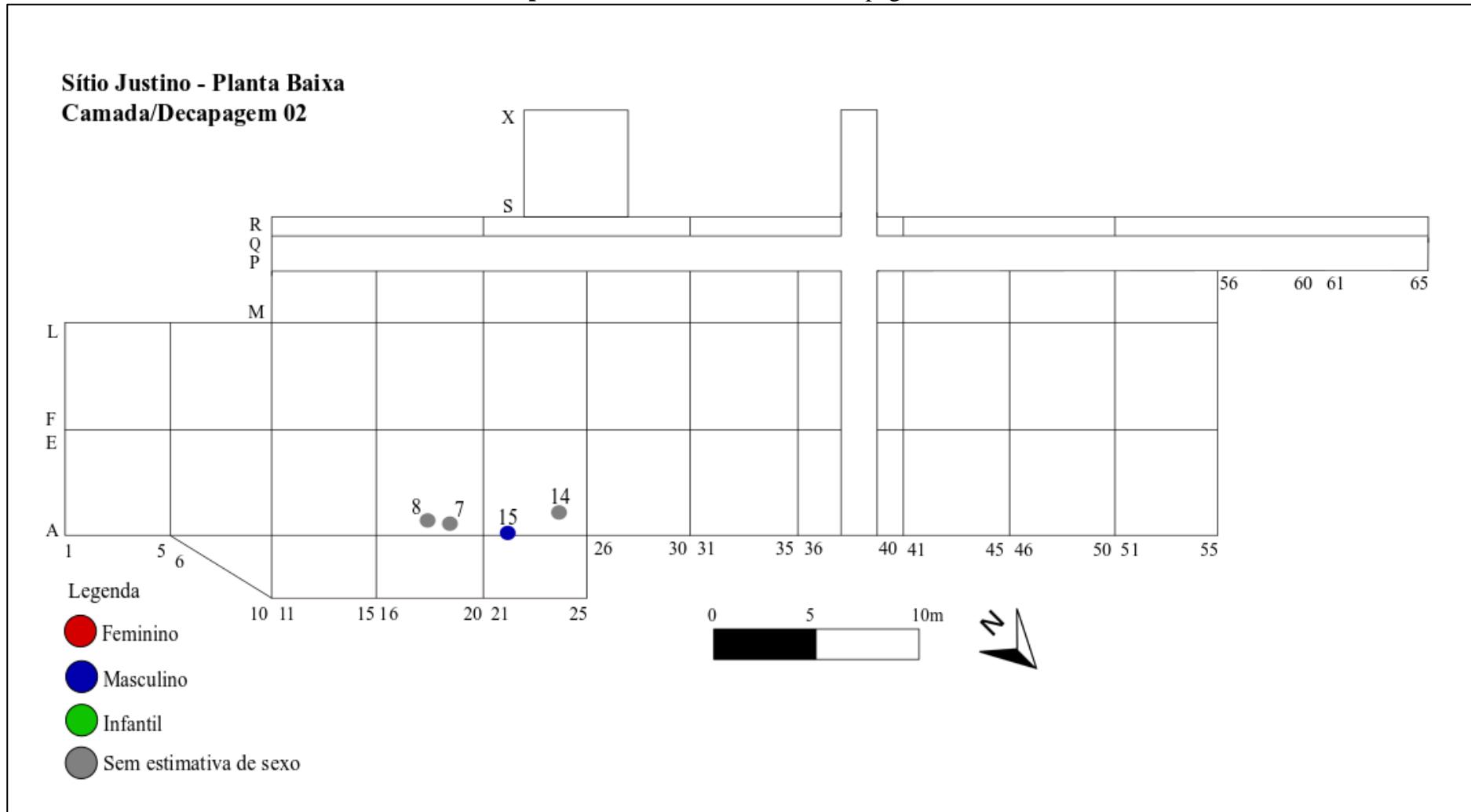
162	28	AE 26/30	5 a 9	-	-	-	-	-	-	-	6	-
-----	----	----------	-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Apêndice C – Amostra final dos sepultamentos

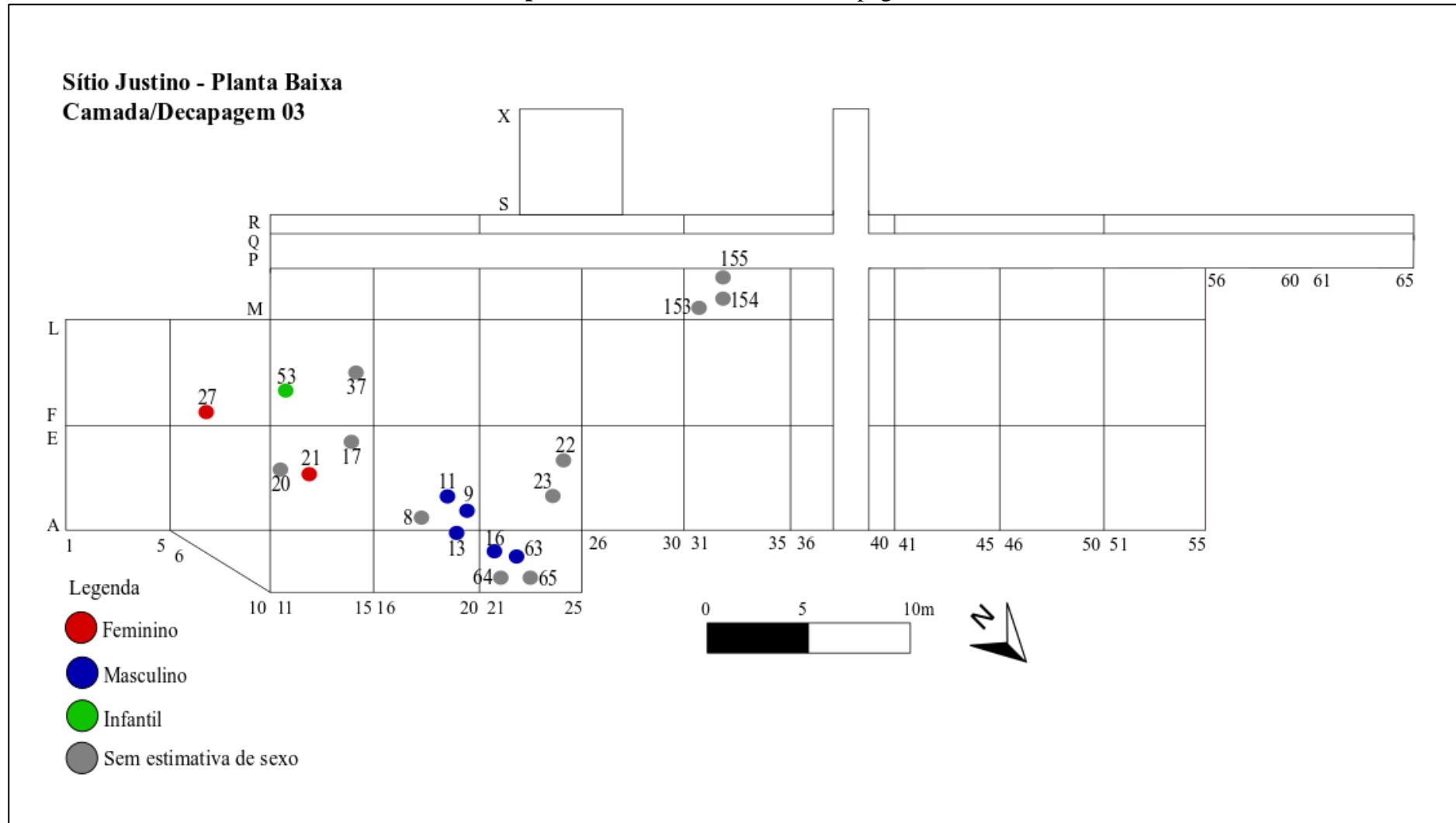
SÍTIO JUSTINO - AMOSTRA FINAL															
Decapagem		Sepultamento	Unidade	Sexo biológico	Faixa etária	Deposição	Patologia	Mobiliário funerário							
								Adorno	Cachimbo	Cerâmica (fragmento)	Cerâmica (vasilhame)	Fauna	Lítico	Ocre	
MAX	Vergne														
Cemitério A	2	4	15	AE 21/25	M	18-29	2	D	-	-	-	-	-	-	-
	3	5	9	AE 16/20	M	30-39	1	D	-	-	-	-	-	-	-
	3	5	11	AE 16/20	M	30-39	2	-	-	-	-	-	-	-	-
	3	5	13	AE 16/20	M	30-39	1	D	-	-	-	-	-	7	-
	3	5	16	Aa 21/25	M	40-49	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	3	5	21	AE 11/15	F	40-49	1	D	-	-	-	-	-	11	-
	3	5	27	FL 6/10	F	30-39	2	OD	-	-	-	-	-	-	-
	3	5	53	FL 11/15	-	5 a 9	1	-	-	-	-	-	-	6	-
	3	5	63	Aa 21/25	M	50-59	2	-	-	-	-	-	-	3	-
	4	7	10	FL 16/20	F	30-39	2	D	-	-	6	-	-	10	-
	4	6	28	AE 21/25	M	30-39	1	OD	-	-	-	-	-	-	-
	4	6	29	FL 16/20	-	10 a 14	1	-	-	-	-	-	-	5	-
	4	6	34	AE 31/35	M	40-49	1	OD	1	-	15	2	-	10	-
	4	6	35	FL 11/15	M	30-39	2	D	-	-	-	-	-	6	-
	4	6	36	FL 11/15	M	-	1	-	-	-	6	-	-	8	-
	4	6	43	FL 21/25	F	50-59	1	D	1	-	2	-	-	9	2
	5	7	24	AE 11/15	M	50-59	2	D	-	-	6	-	-	5	-
	5	7	26	AE 11/15	-	1 a 4	1	-	-	-	4	-	-	2	-
	5	7	30	FL 16/20	-	1 a 4	1	-	-	-	-	-	-	4	-
	5	7	39	FL 26/30	M	-	2	-	-	-	2	-	-	7	-
	5	7	40	FL 26/30	F	-	1	-	-	-	2	-	-	9	-
	5	6	45	FL 16/20	M	18-29	1	OD	-	-	-	-	sim	-	-
	5	7	49	FL 21/25	M	18-29	1	D	-	-	4	-	-	5	-
	6	8	50	FL 11/15	F	40-49	1	OD	-	-	2	-	-	10	-
	6	7	61	QR 21/25	M	-	2	D	-	-	-	-	-	3	-
	7	8	6	AE 16/20	F	40-49	1	D	1	-	1	-	-	8	-
	7	9	48	FL 11/15	-	5 a 9	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	7	7	89	FL 41/45	-	1 a 4	1	-	-	-	1	2	-	3	-
7	9	90	FL 31/35	M	30-39	1	D	-	-	5	-	-	5	-	
7	9	91	FL 31/35	M	-	1	-	-	-	4	-	-	3	-	
7	9	93	FL 31/35	M	18-29	1	D	-	-	6	-	-	11	-	
Cemitério B	9	10	18	AE 11/15	M	40-49	1	D	-	-	7	1	-	7	-
	9	10	46	FL 26/30	F	-	1	-	-	-	3	-	-	5	1
	9	12	51	FL 26/30	F	-	1	-	-	-	5	-	-	6	-
	9	10	52	FL 26/30	F	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	9	10	58	FL 31/32	-	1 a 4	1	-	-	-	3	-	-	4	-

	9	10	66	PQ 31/32	M	40-49	1	D	-	-	6	-	-	6	-
	9	10	67	Q 28	M	40-49	-	-	-	-	3	-	-	4	-
	9	10	68	Q 31/35	-	5 a 9	1	D	-	-	4	-	-	3	-
	9	10	69	PQ 31/35	F	40-49	2	D	-	-	9	-	-	6	-
	9	10	70	QR 31/35	F	18-29	1	D	-	-	6	-	-	5	-
	9	10	72	QR 31/35	M	-	1	-	-	-	3	-	-	4	1
	9	11	73	QR 28	M	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	9	9	76	RS 25/26	M	30-39	1	D	-	-	4	-	-	14	-
	9	10	81	R 26/27	M	18-29	1	OD	-	-	3	-	-	5	-
	9	10	85	PQ 33/34	M	18-29	1	OD	-	-	3	-	-	5	-
	9	11	87	R 29/30	M	30-39	1	D	-	-	3	-	-	6	-
	9	9	95	FL 31/35	M	40-49	1	D	-	-	2	-	-	4	-
	9	10	99	S 24/25	M	30-39	2	-	1	-	-	-	-	-	-
	9	10	109	FL 41/45	M	50-59	1	OD	1	-	2	1	-	5	-
	9	9	110	U 26/27	-	5 a 9	1	-	-	-	4	-	-	3	-
	9	11	111	VX 26/27	M	30-39	1	D	1	-	7	-	-	7	1
	9	12	112	TU 24/25	F	30-39	1	D	1	-	7	-	-	7	-
	9	13	119	ST 27	M	50-59	1	OD	-	-	-	1	sim	6	-
	10	11	75	PQ 28/29	F	15-19	1	-	-	-	3	-	-	7	-
	10	11	86	PQ 27/28	M	30-39	1	D	-	-	6	-	-	7	-
	10	12	103	Q 26	F	30-39	2	D	-	-	4	-	-	5	-
	11	12	113	ST 24/25	M	30-39	1	OD	sim	-	5	-	-	6	-
	11	13	114	ST 23/24	F	18-29	1	D	1	-	15	-	-	7	1
	12	13	116	FL 41/45	F	18-29	1	OD	sim	-	4	1	-	8	-
	12	14	118	FL 41/45	M	50-59	1	OD	1	-	7	2	sim	8	-
Cemitério C	17	19	96	FL 31/35	M	50-59	2	OD	-	-	7	-	-	4	-
	17	18	128	FL 31/35	M	30-39	1	-	-	-	3	-	-	11	2
	17	19	134	AE 21/25	F	18-29	1	D	-	-	5	-	-	8	-
	17	19	144	R 31	M	-	1	-	-	1	3	-	-	7	-
	18	19	107	FL 31/35	M	50-59	2	OD	-	-	8	-	-	4	-
	18	19	121	AE 21/25	-	1 a 4	1	-	-	-	5	-	-	10	1
	19	20	115	AE 31/35	-	1 a 4	1	-	-	-	3	1	-	3	-
	19	21	123	AE 21/25	F	50-59	1	OD	-	-	10	-	sim	12	1
	20	20	106	FL 31/35	-	1 a 4	1	-	-	-	16	-	-	7	-
	20	20	148	PQ 36/40	-	5	1	-	-	-	6	-	-	6	-
	20	20	126	FL 46/50	F	-	1	-	-	-	5	-	-	8	-
	21	21	124	AE 21/25	-	0 a 5	1	-	-	-	3	-	-	2	-
	21	21	149	Q 41/45	F	18-29	2	D	-	1	3	1	-	9	-

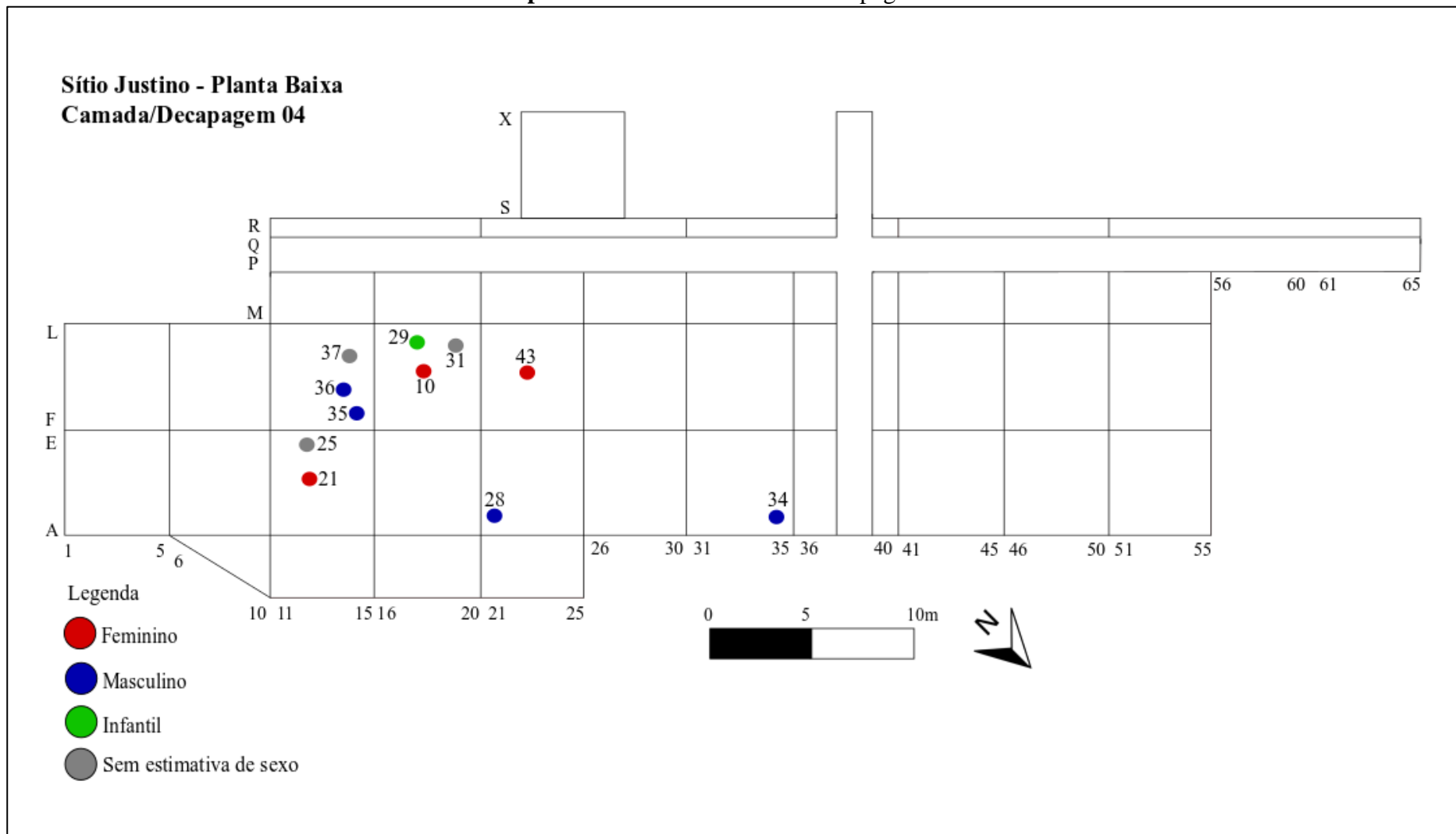
Apêndice D – Planta baixa da decapagem 02



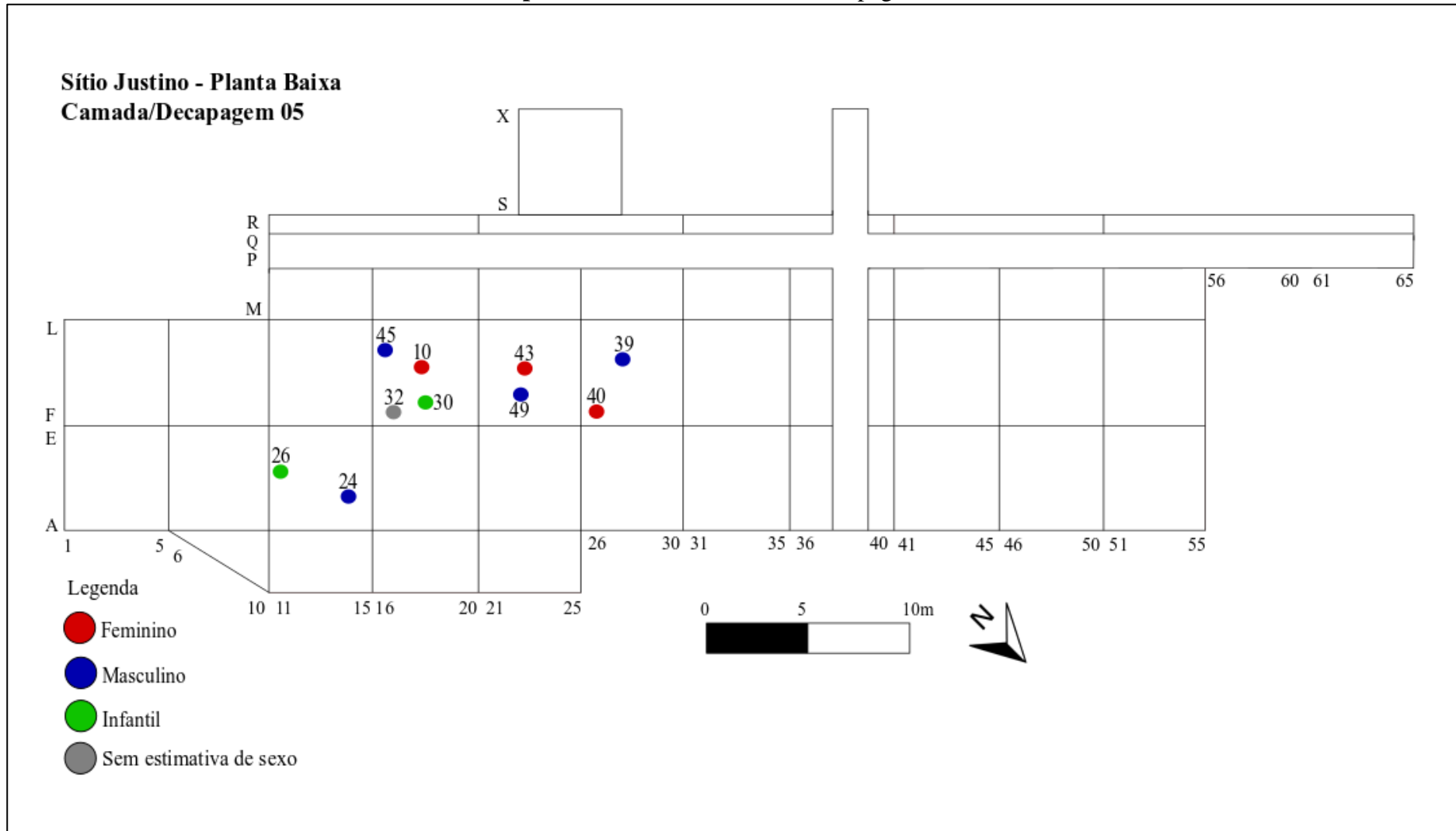
### Apêndice E – Planta baixa da decapagem 03



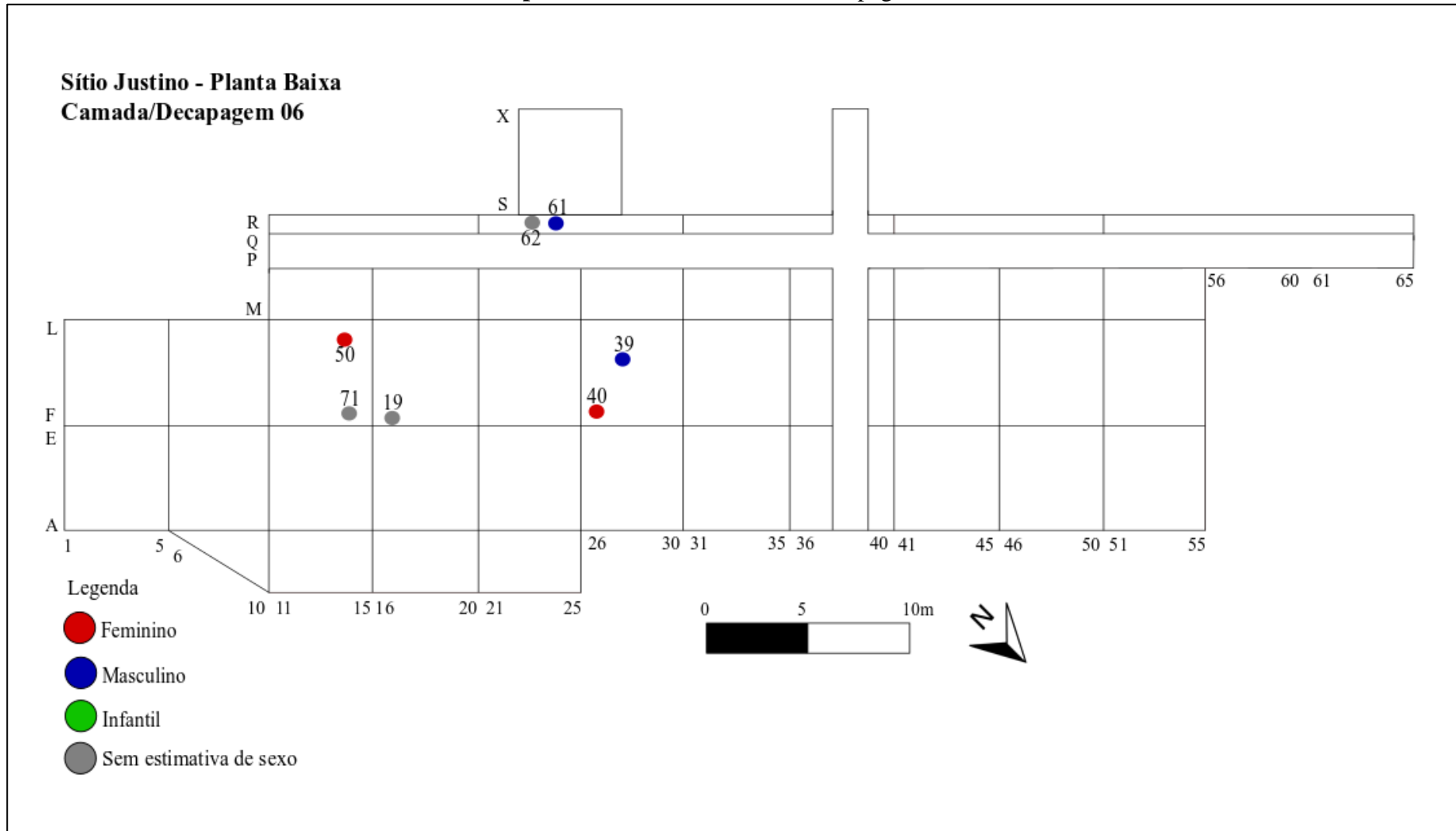
### Apêndice F – Planta baixa da decapagem 04



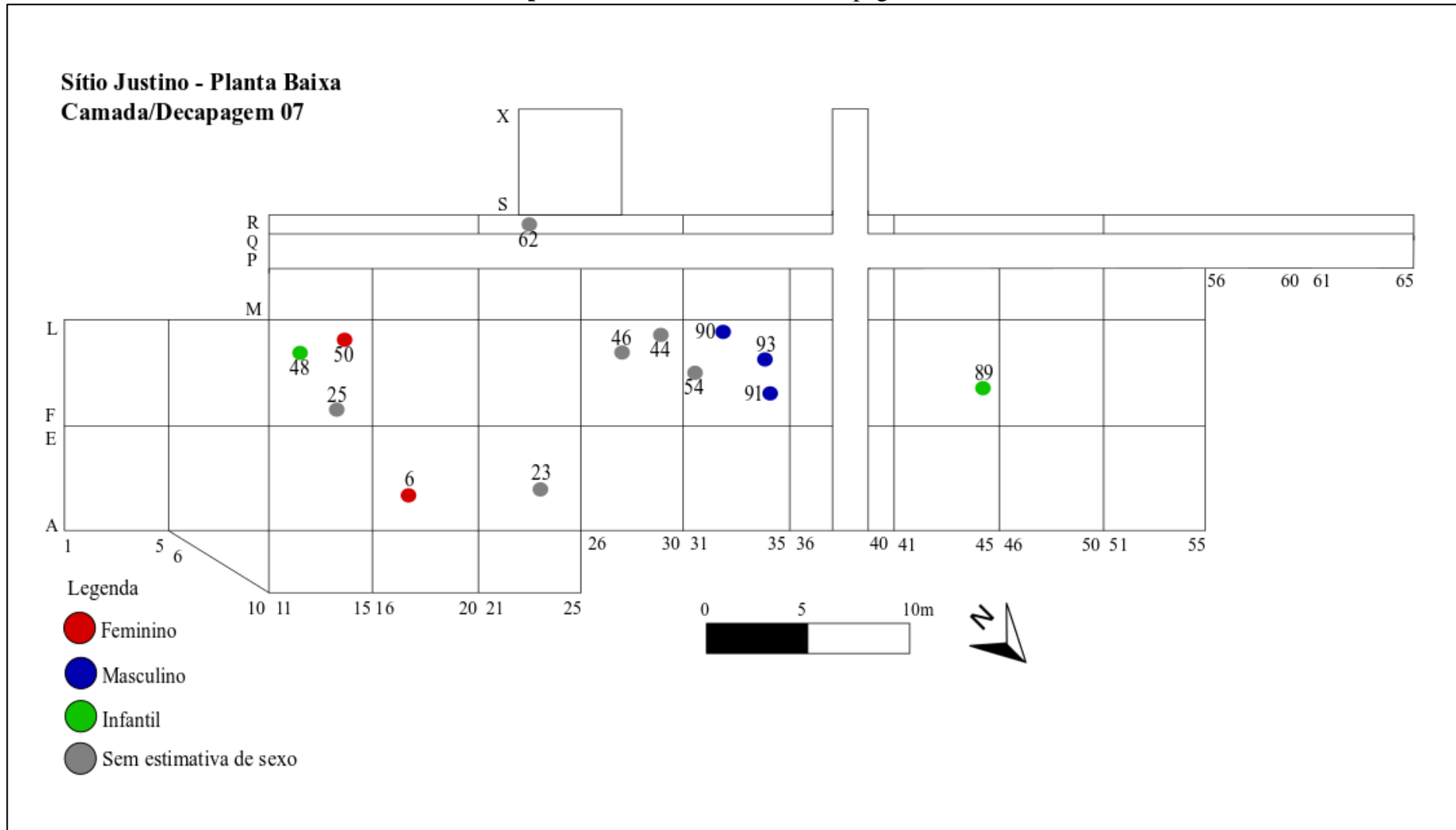
### Apêndice G – Planta baixa da decapagem 05



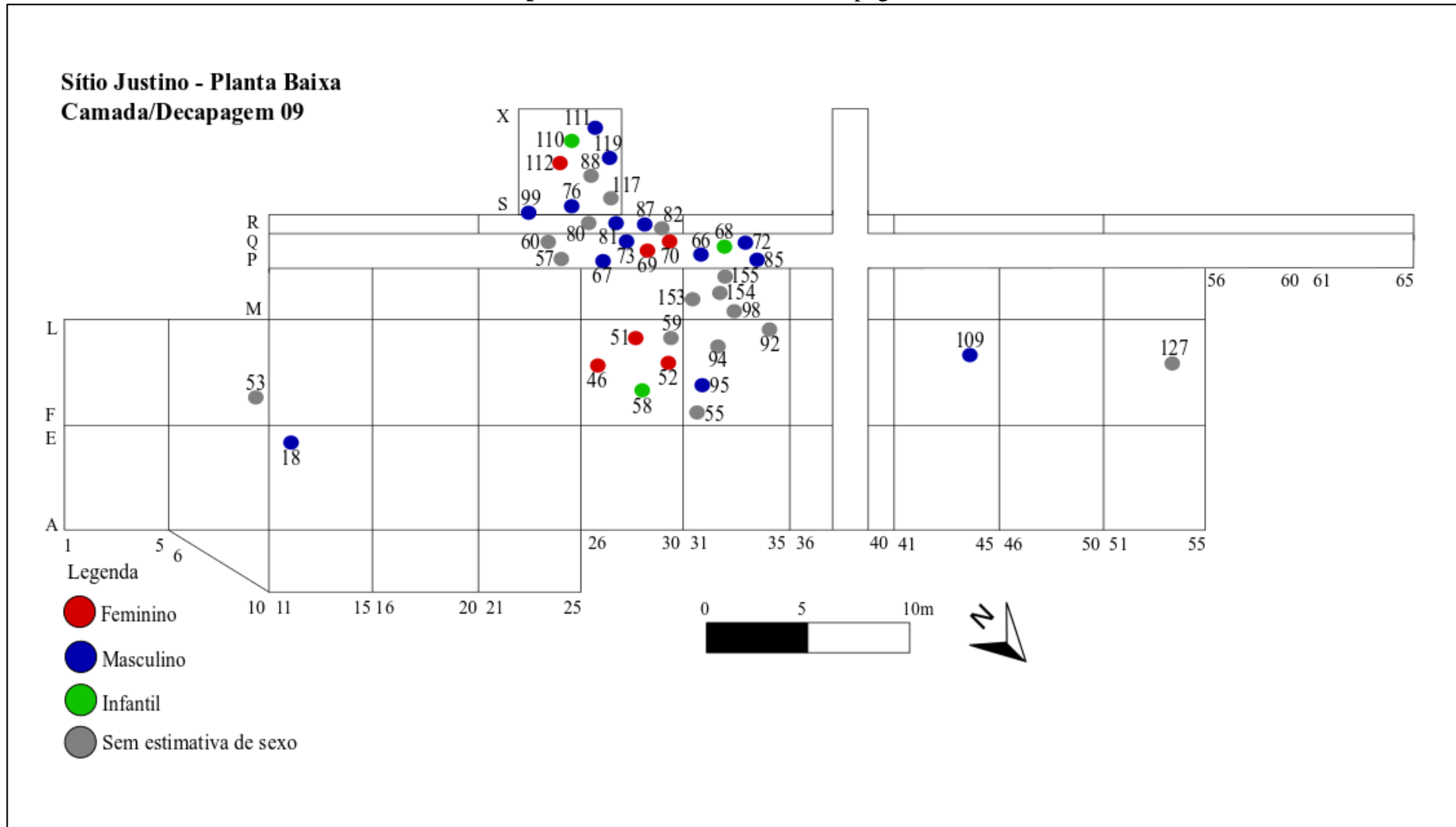
Apêndice H – Planta baixa da decapagem 06



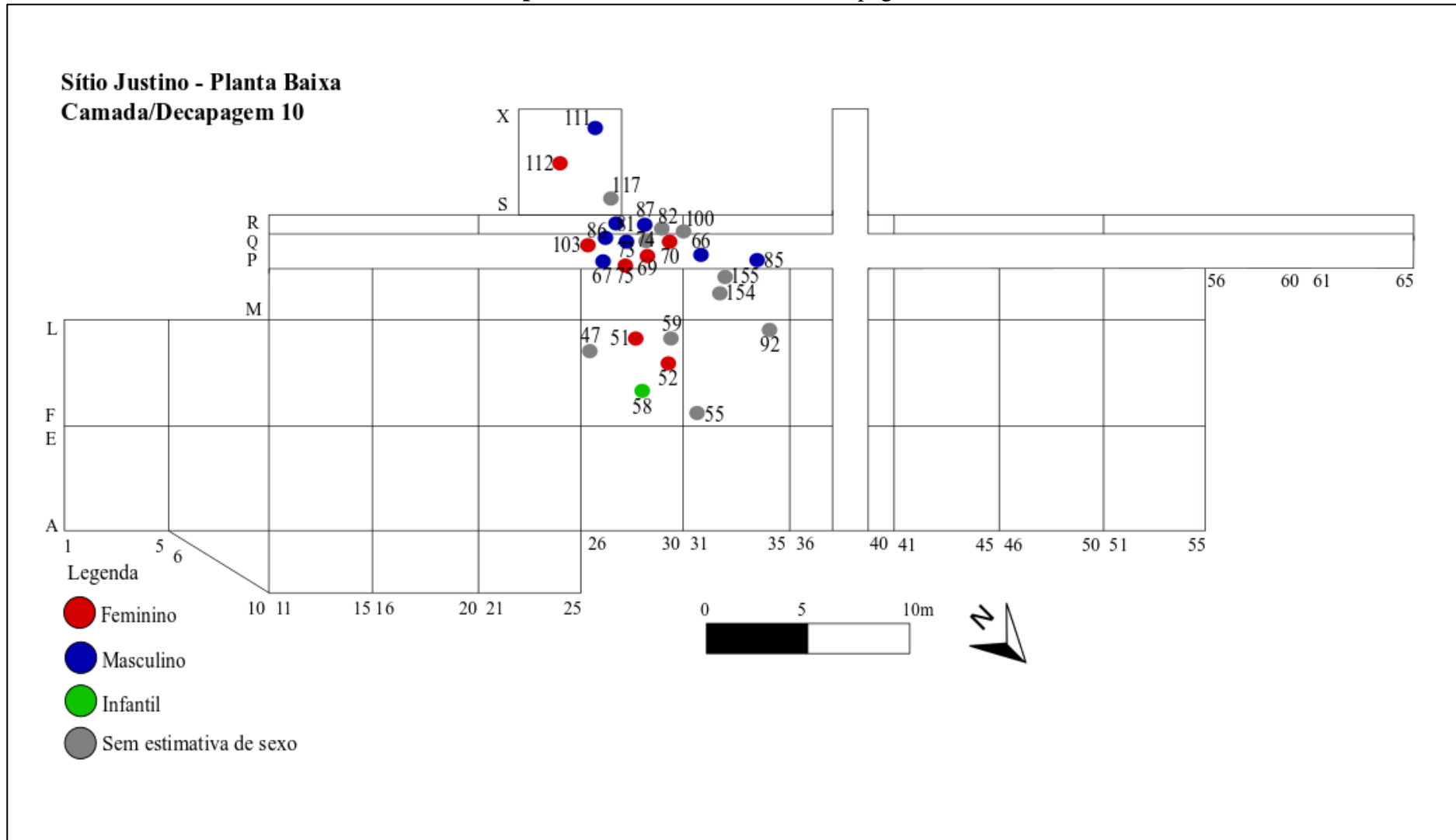
Apêndice I – Planta baixa da decapagem 07



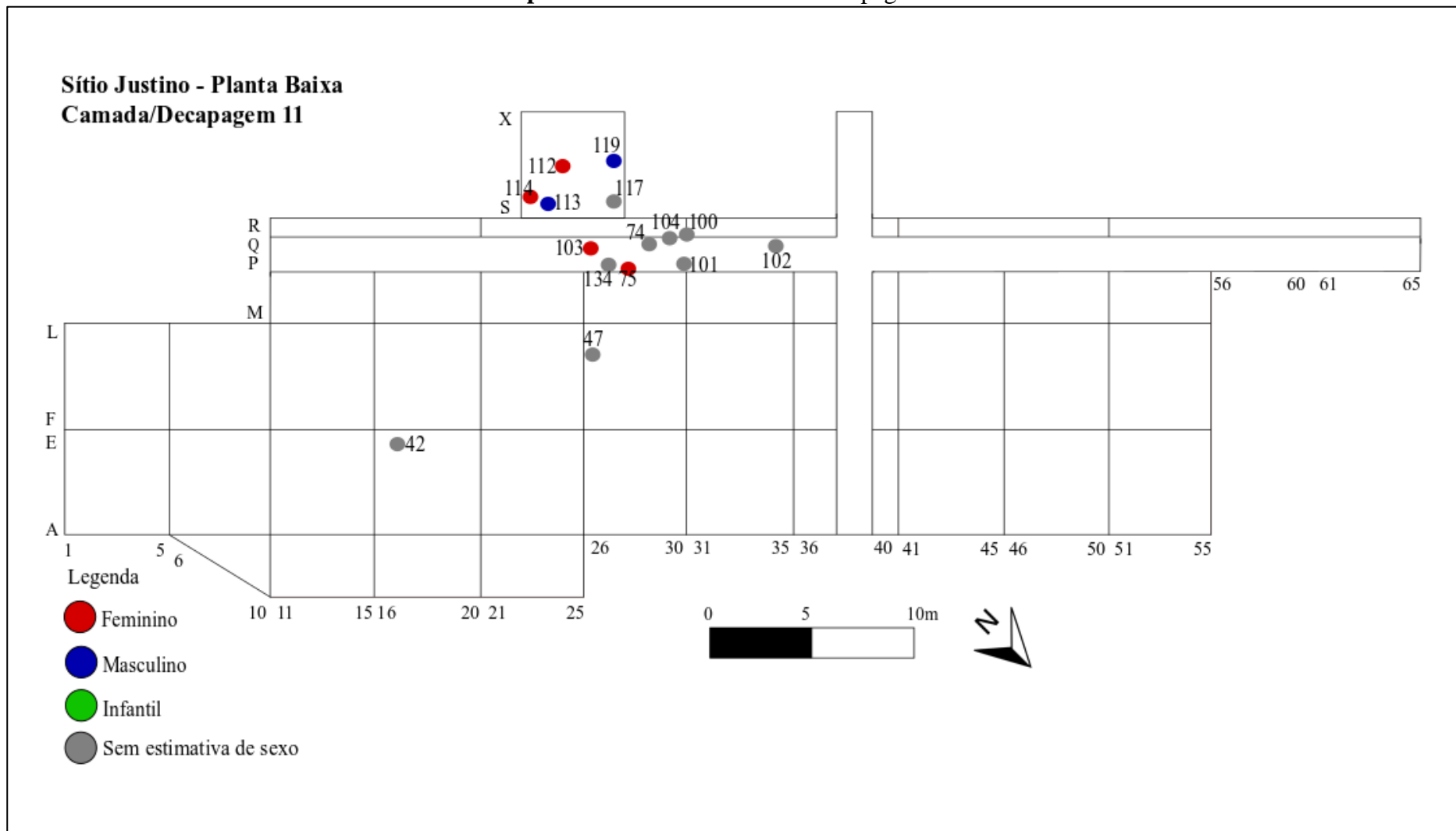
Apêndice J – Planta baixa da decapagem 09



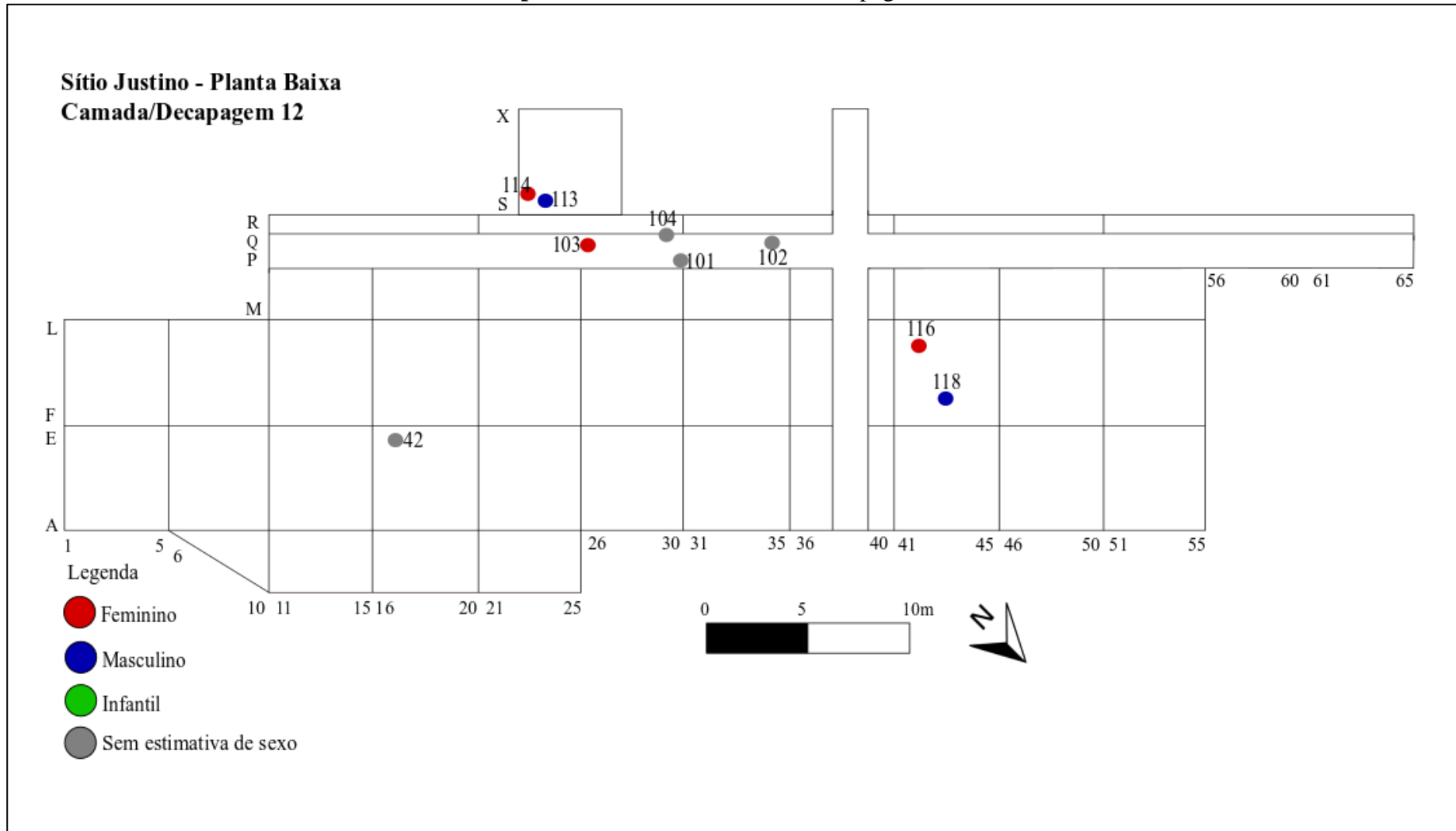
### Apêndice K – Planta baixa da decapagem 10



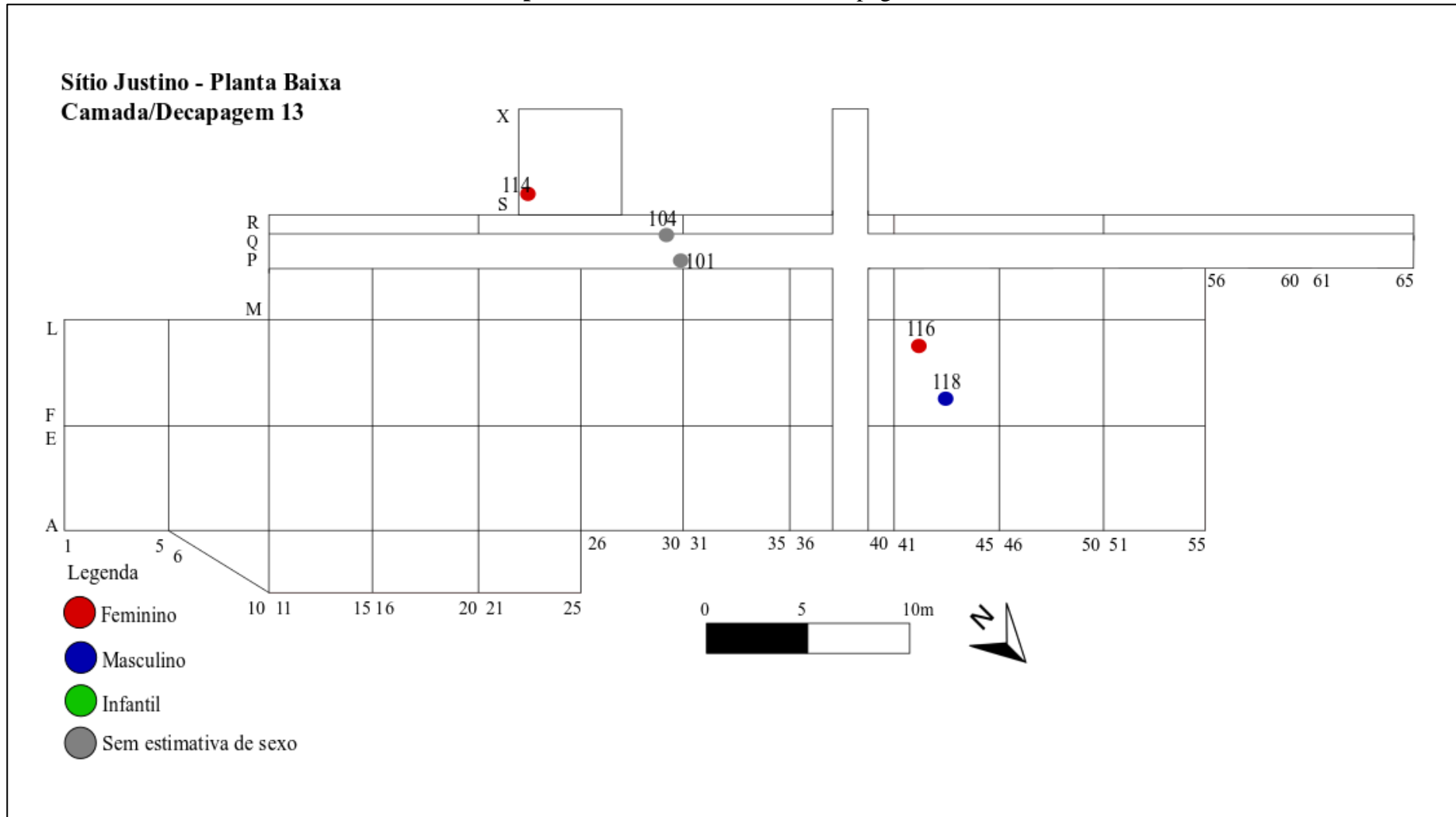
### Apêndice L – Planta baixa da decapagem 11



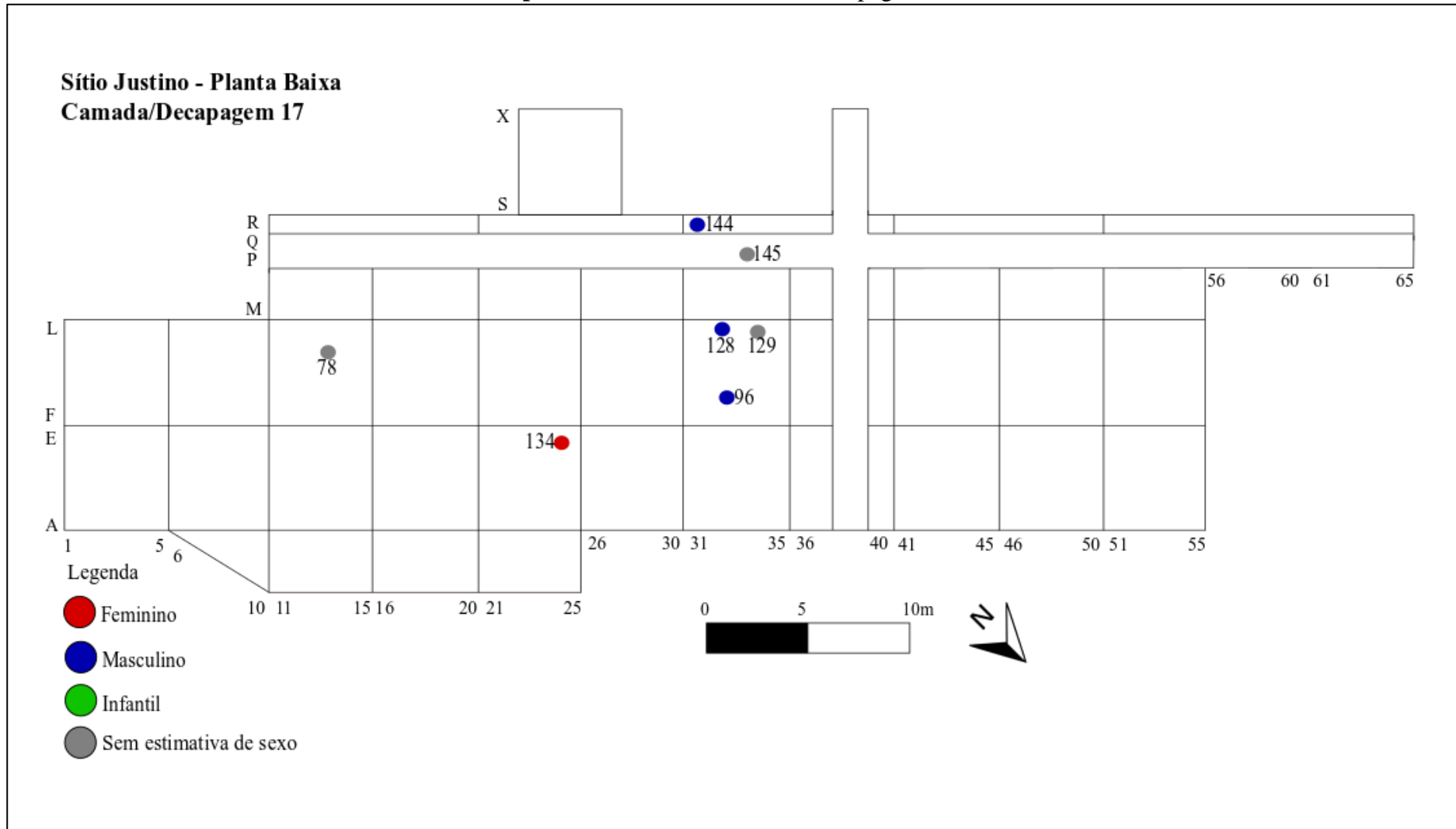
### Apêndice M – Planta baixa da decapagem 12



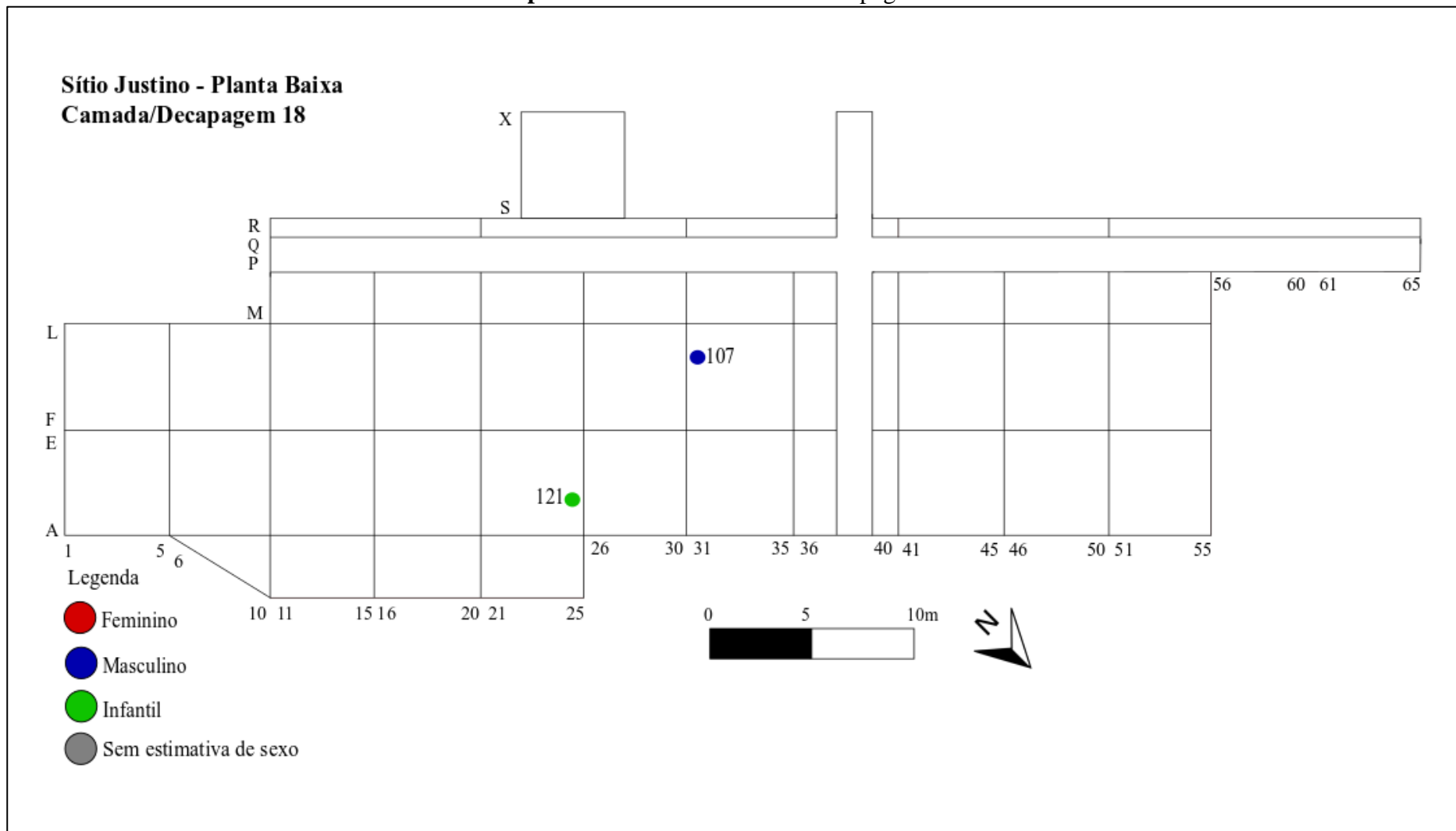
### Apêndice N – Planta baixa da decapagem 13



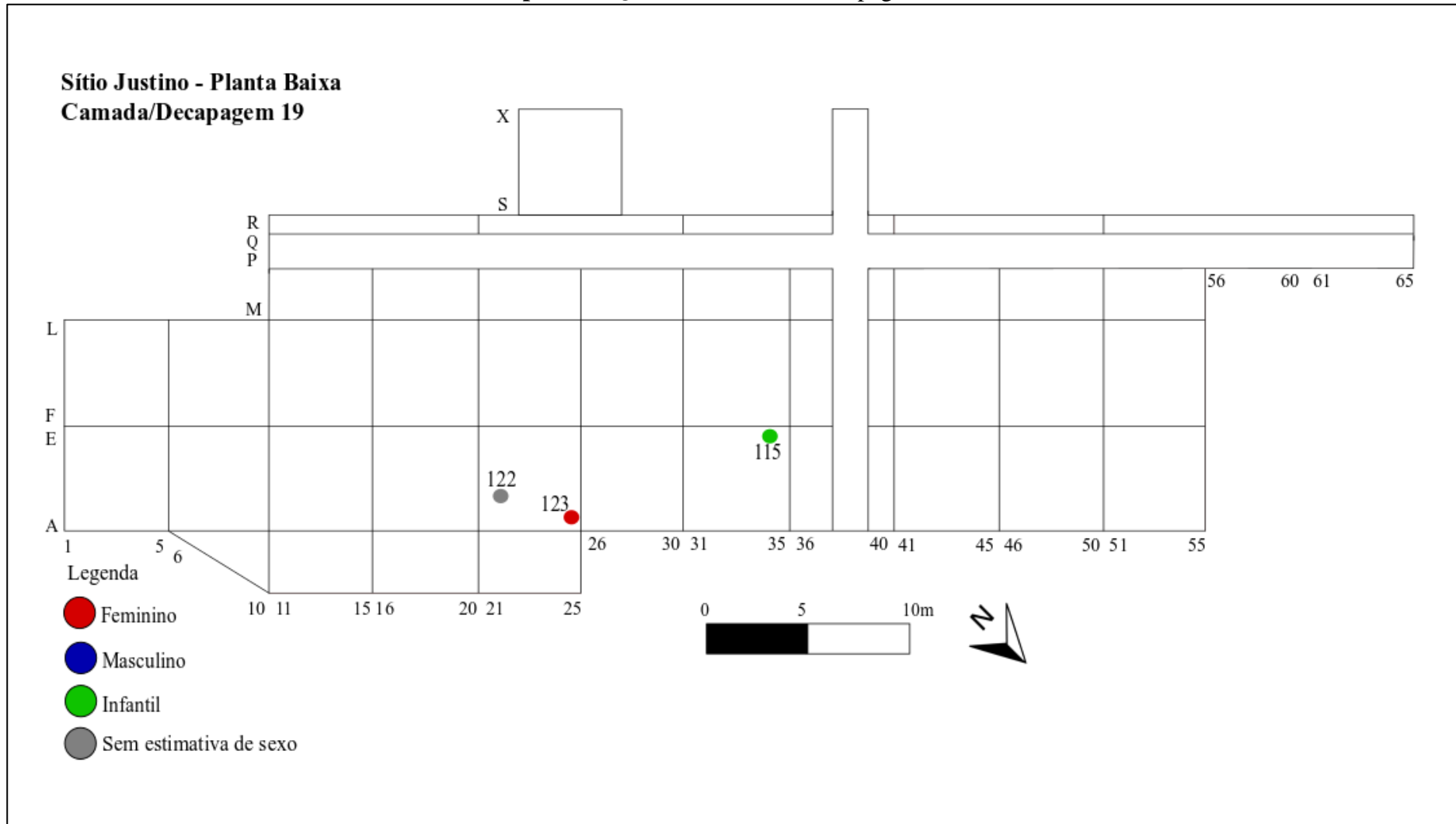
Apêndice O – Planta baixa da decapagem 17



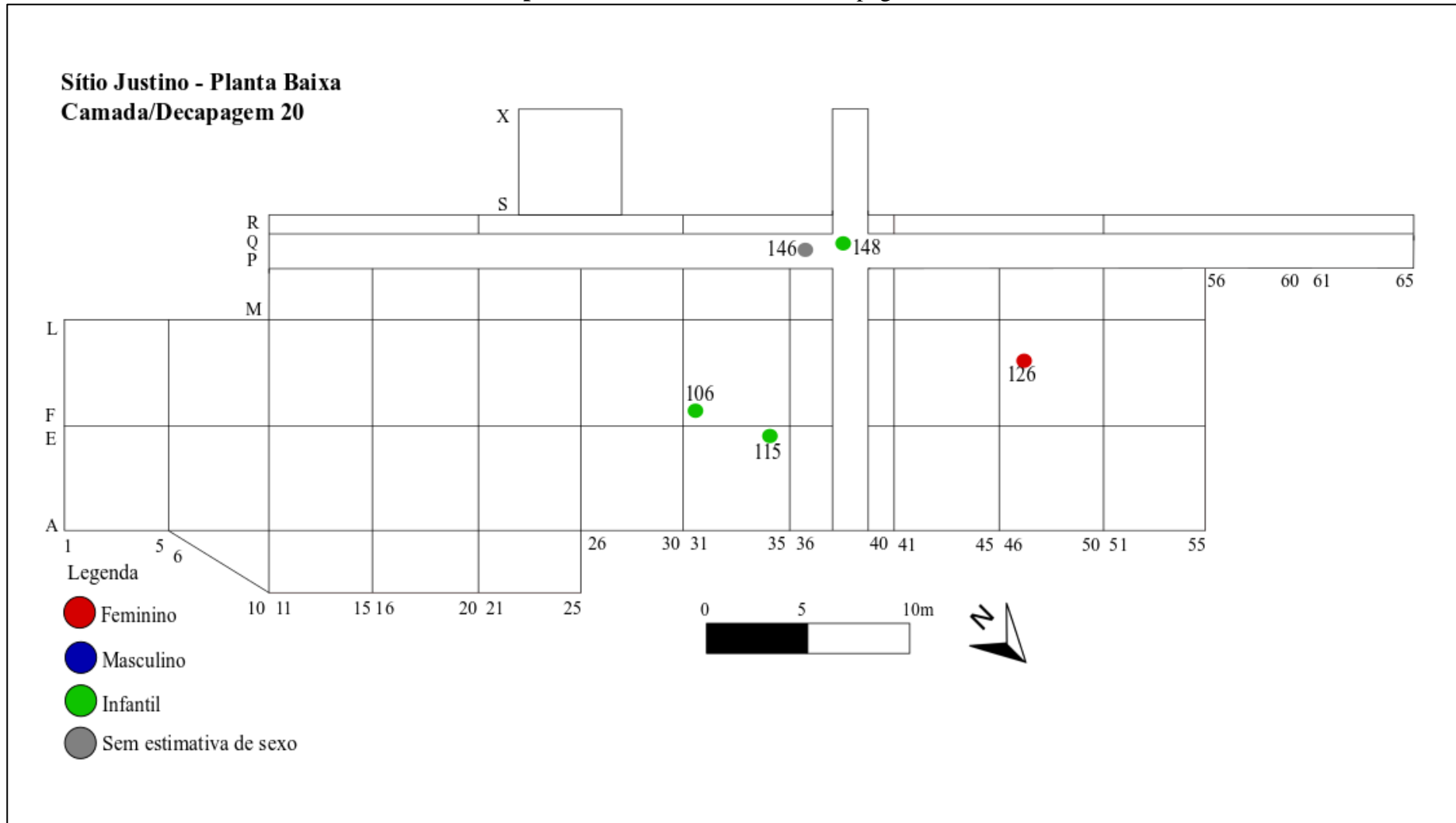
Apêndice P – Planta baixa da decapagem 18



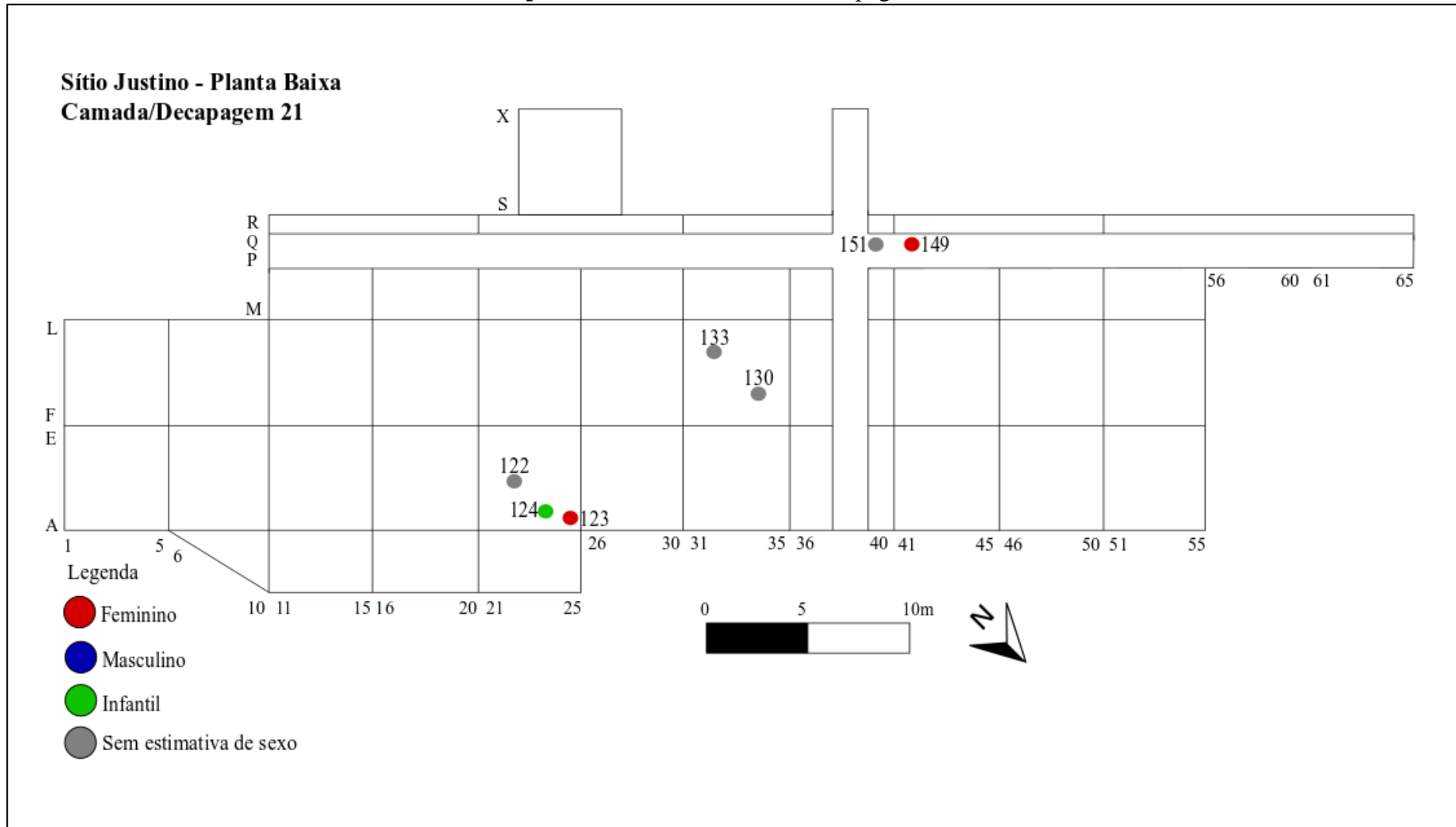
Apêndice Q – Planta baixa da decapagem 19



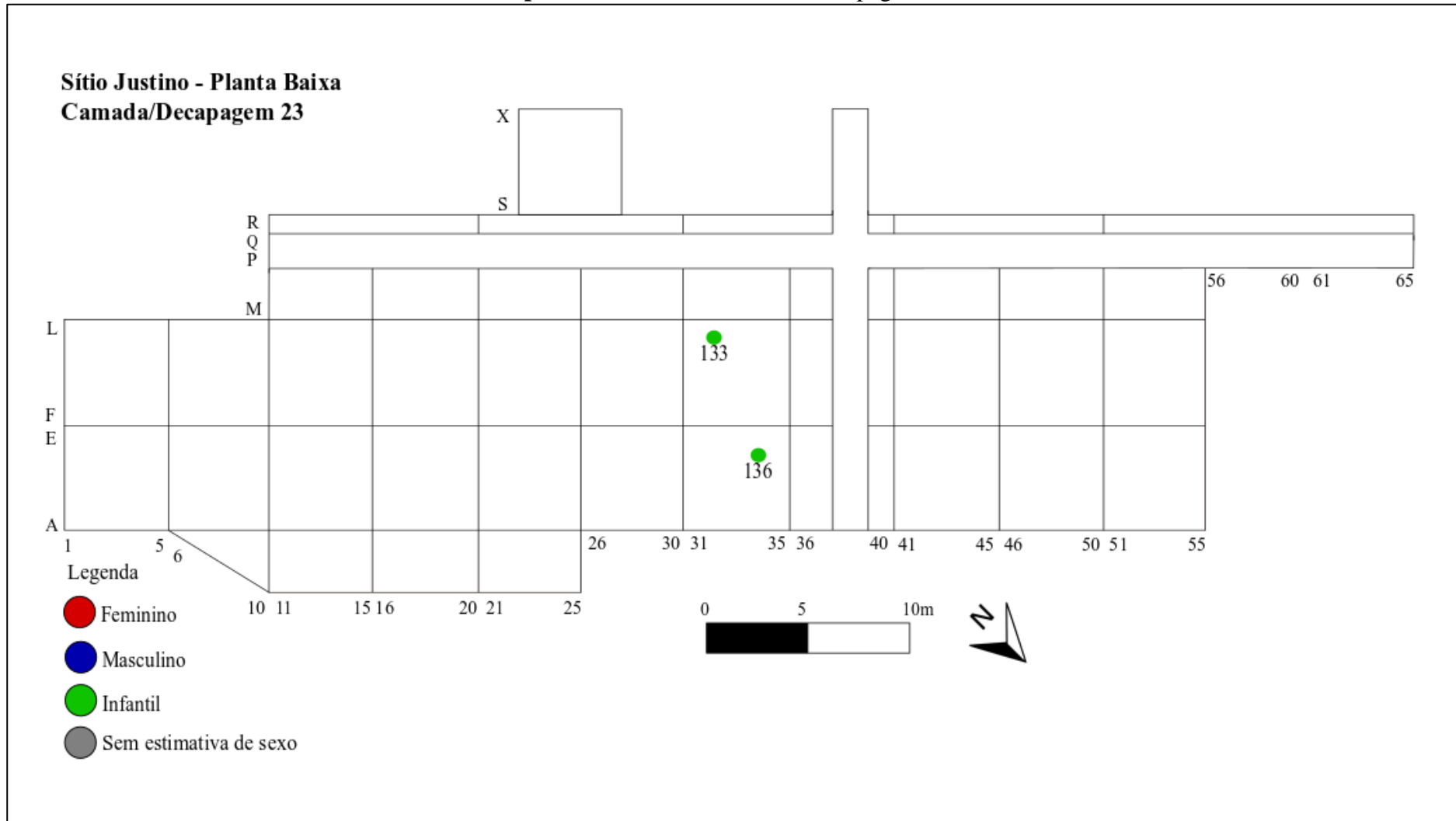
### Apêndice R – Planta baixa da decapagem 20



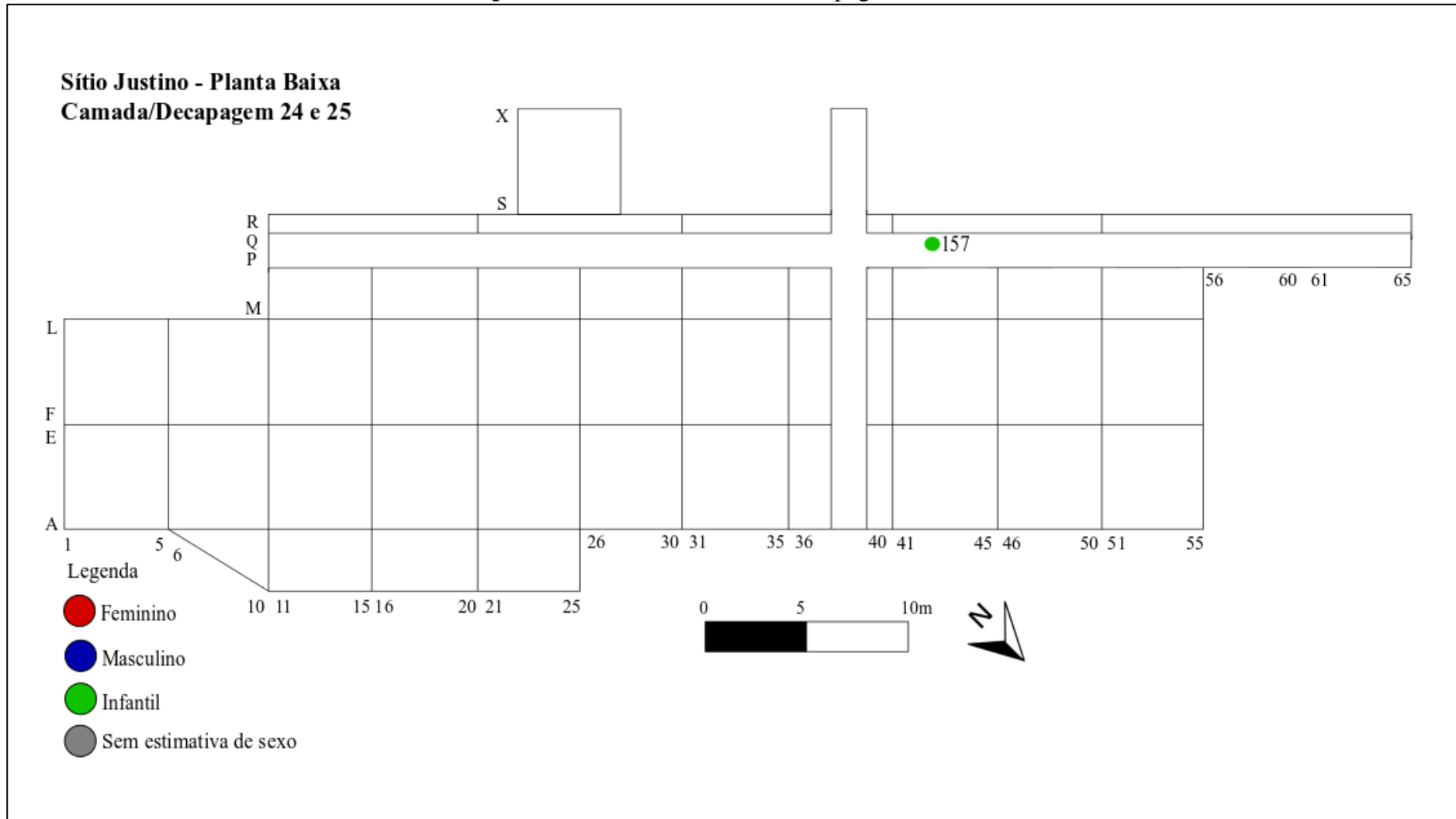
### Apêndice S – Planta baixa da decapagem 21



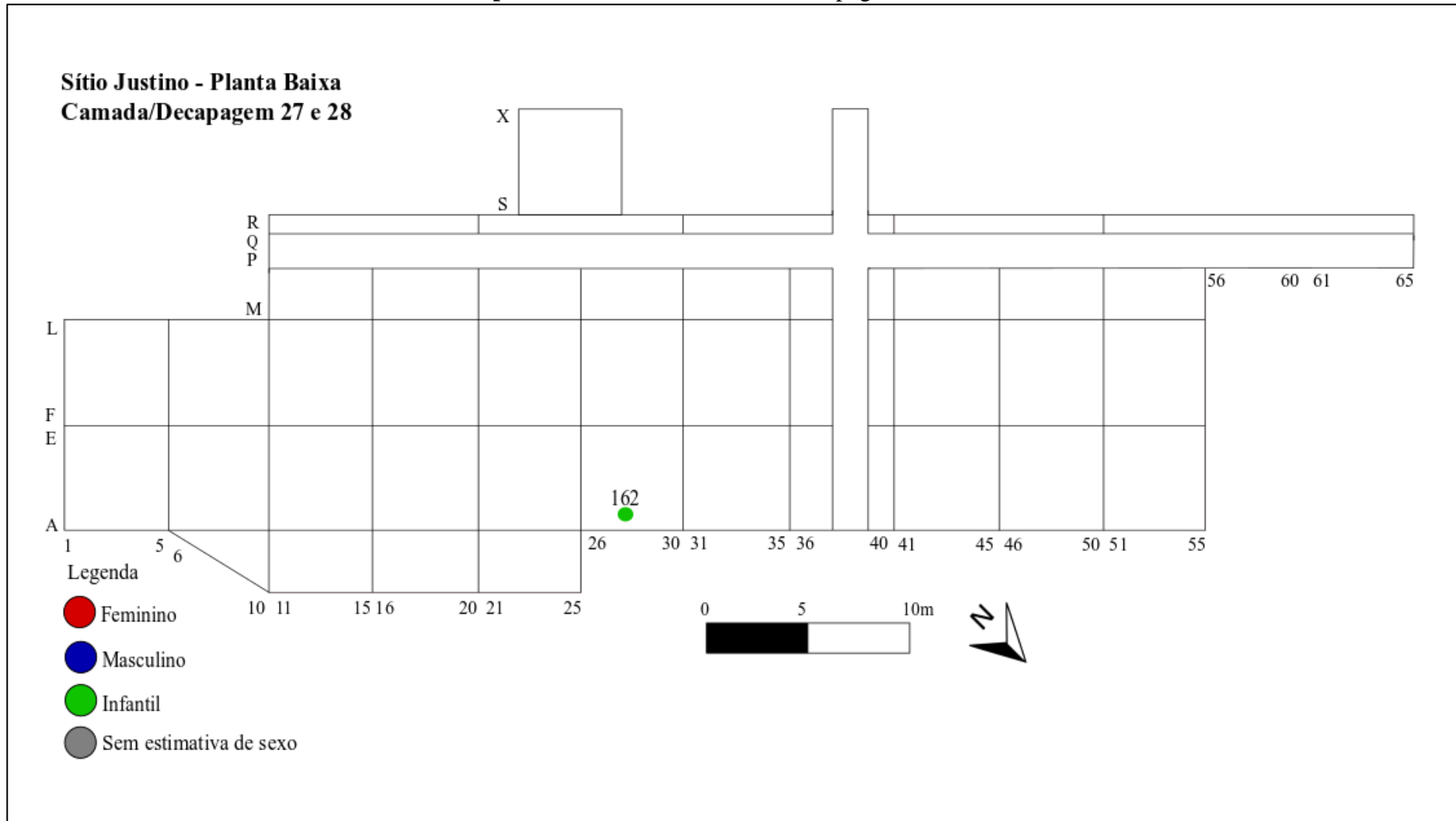
### Apêndice T – Planta baixa da decapagem 23



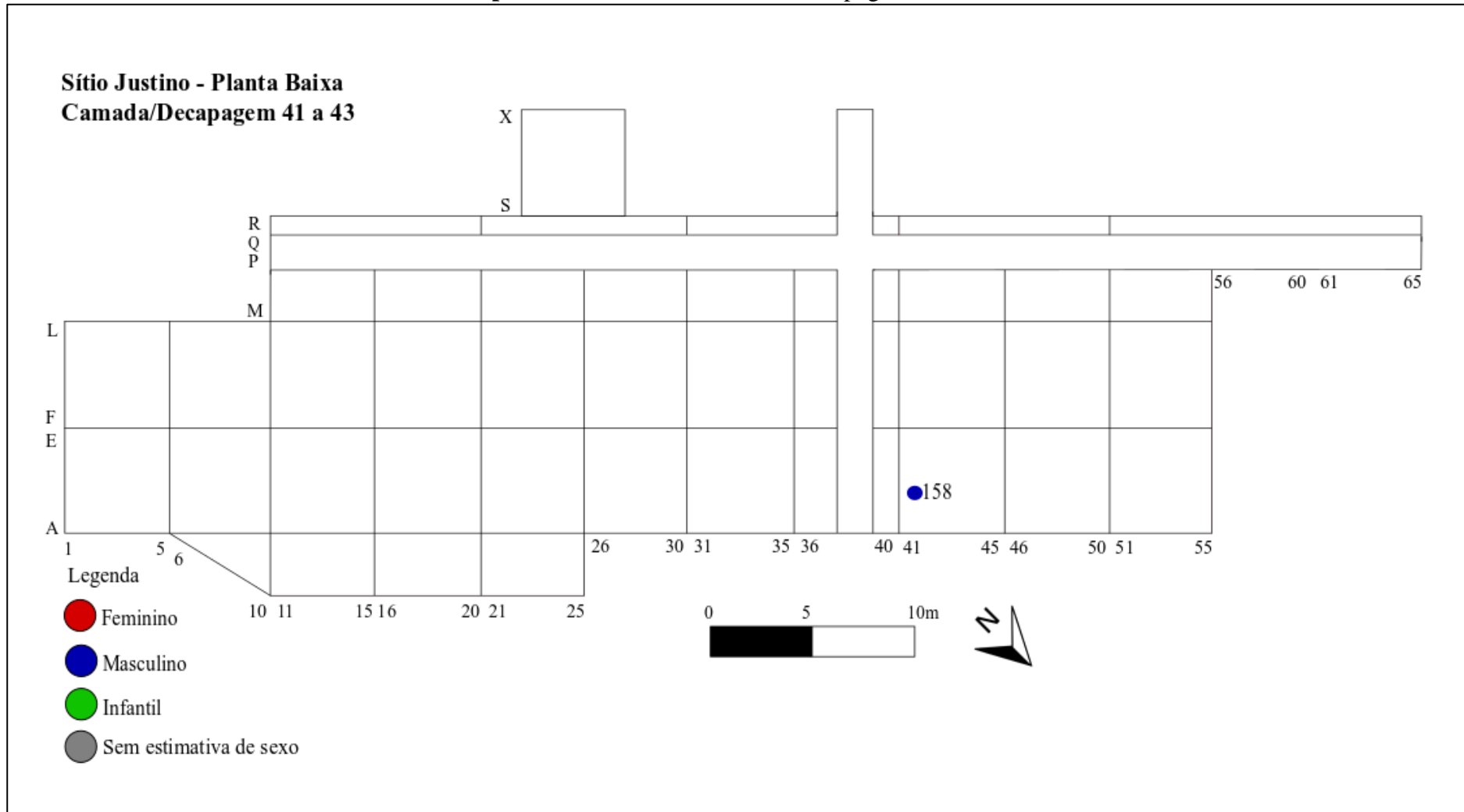
Apêndice U – Planta baixa das decapagens 24 e 25



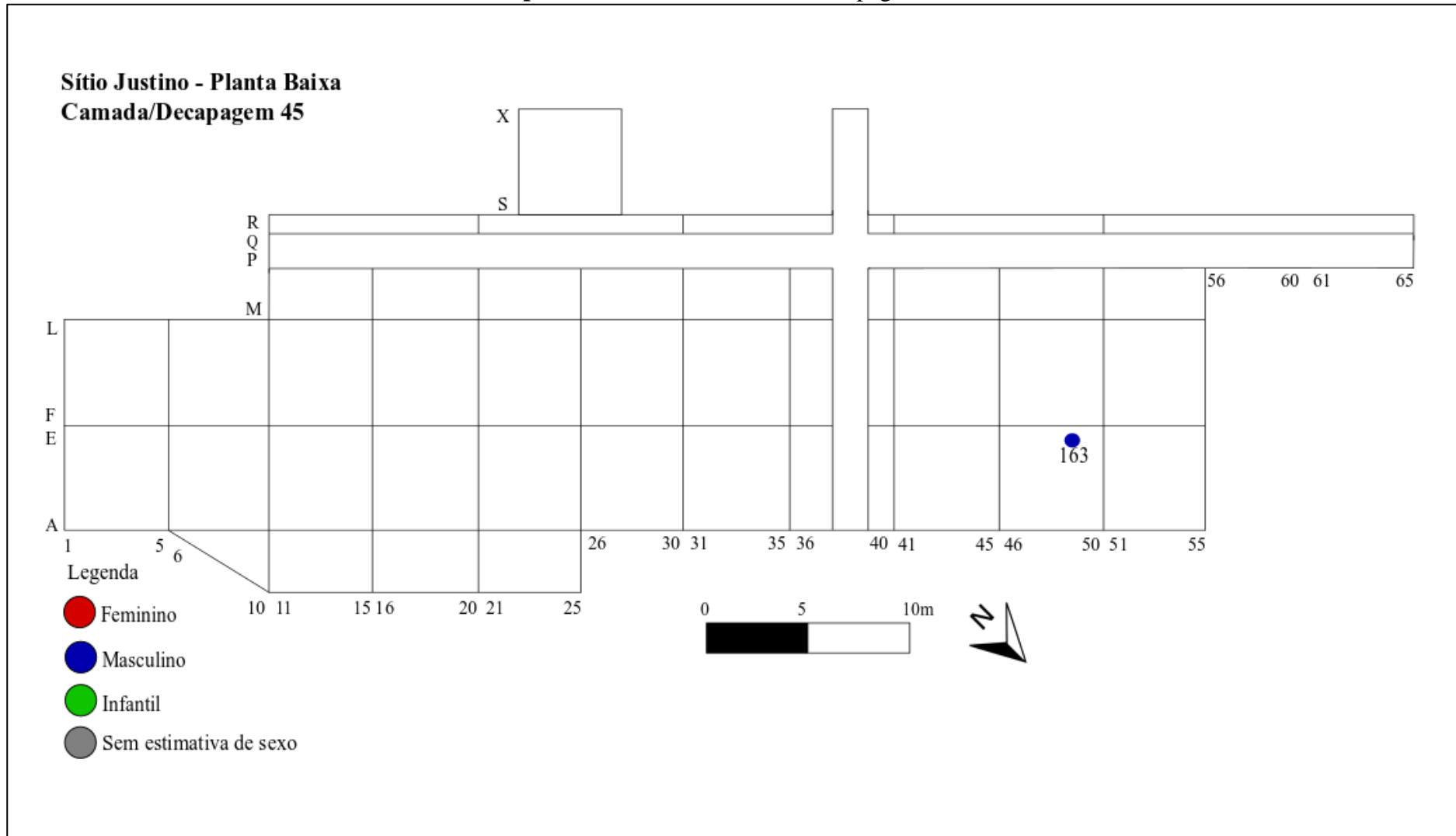
Apêndice V – Planta baixa das decapagens 27 e 28



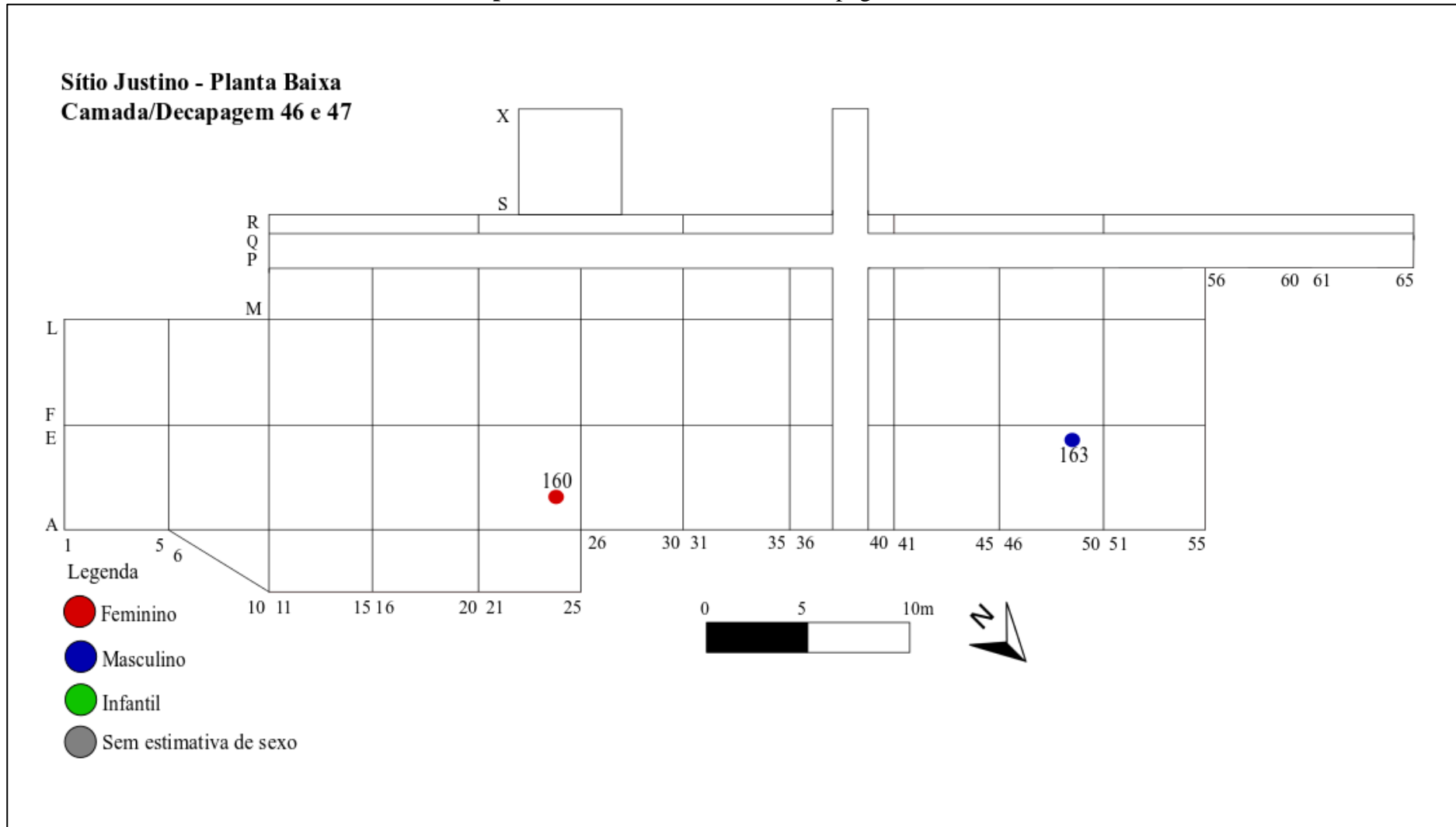
Apêndice W – Planta baixa das decapagens 41 a 43



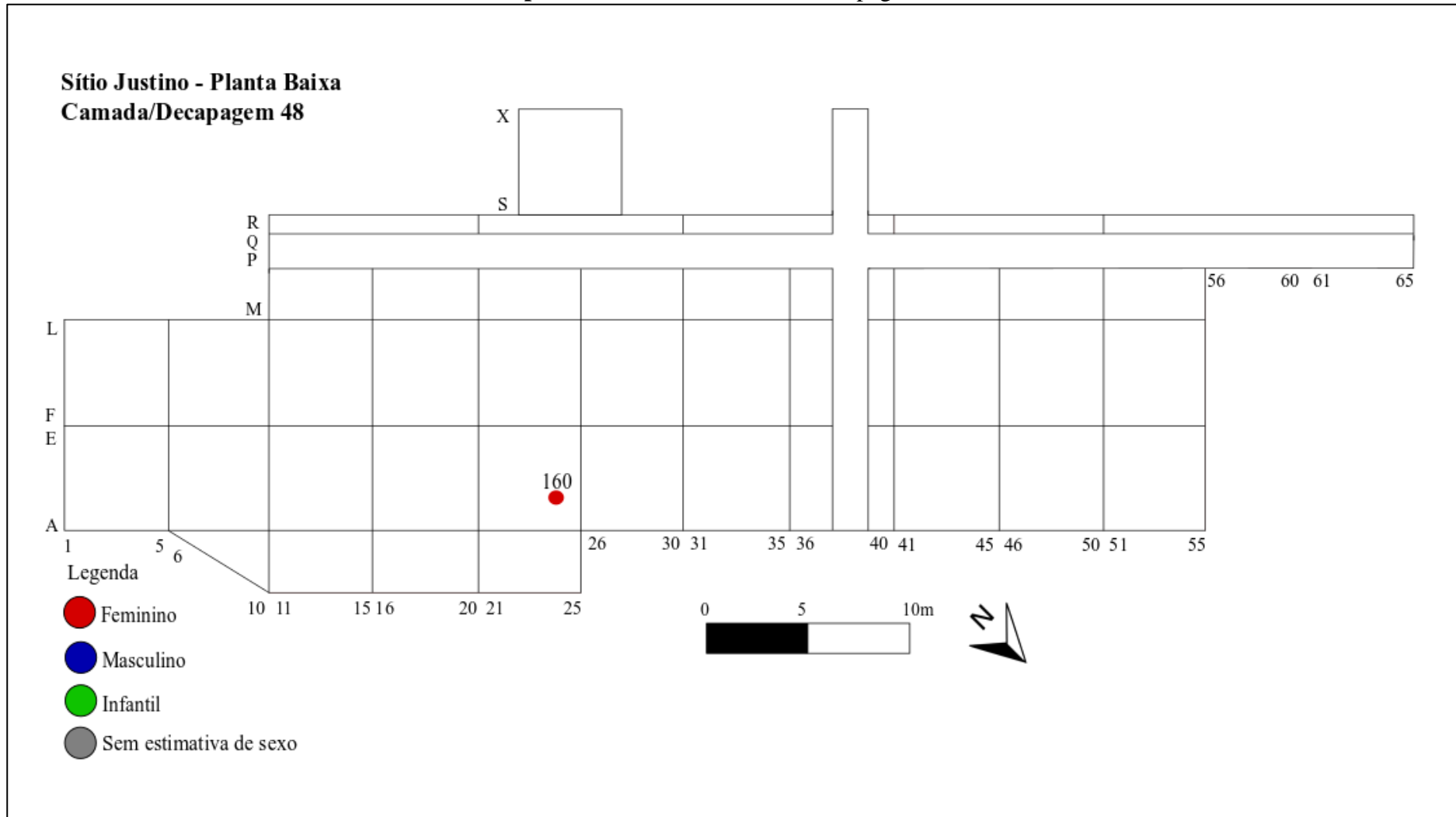
Apêndice X – Planta baixa da decapagem 45



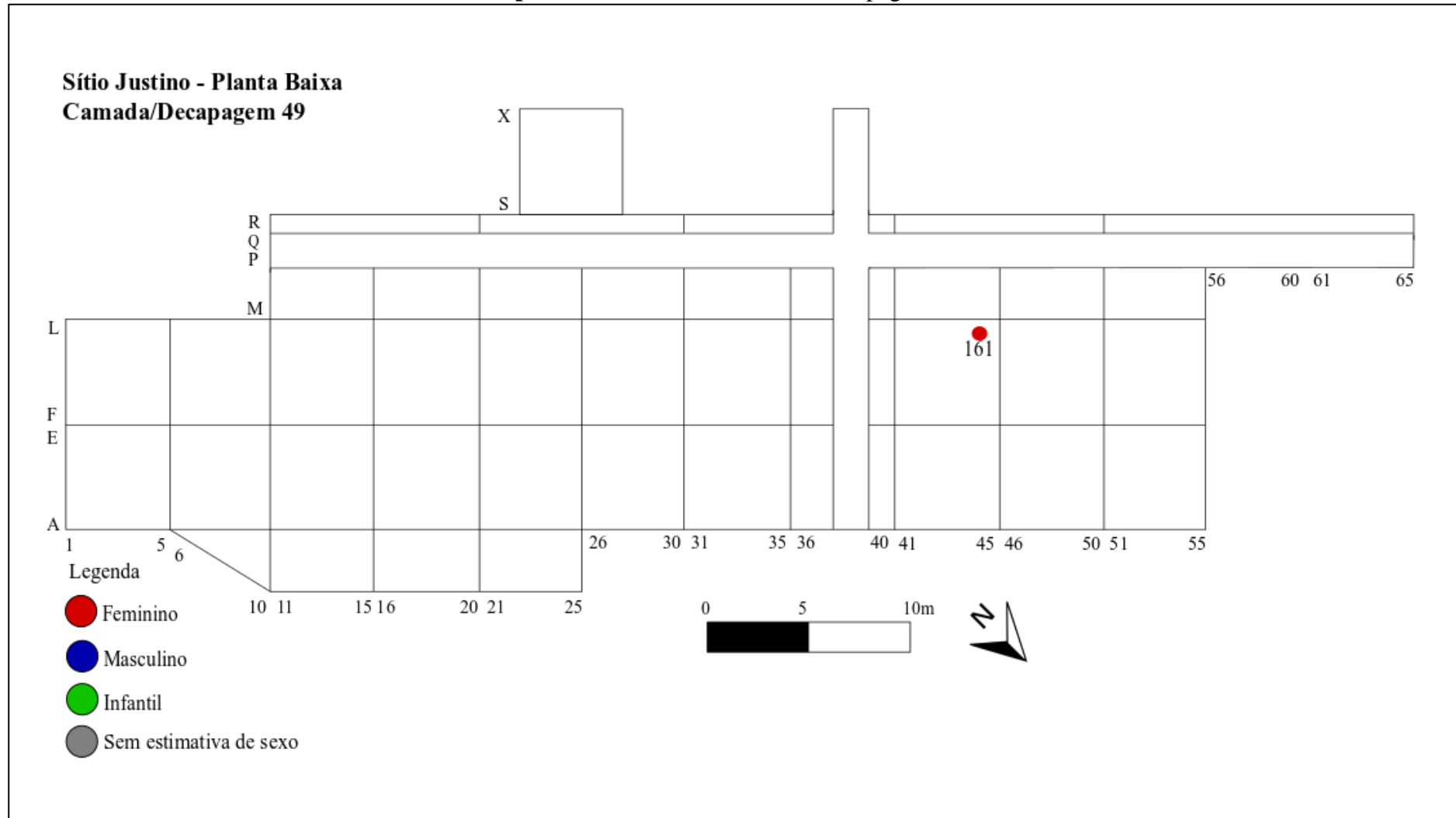
Apêndice Y – Planta baixa das decapagens 46 e 47



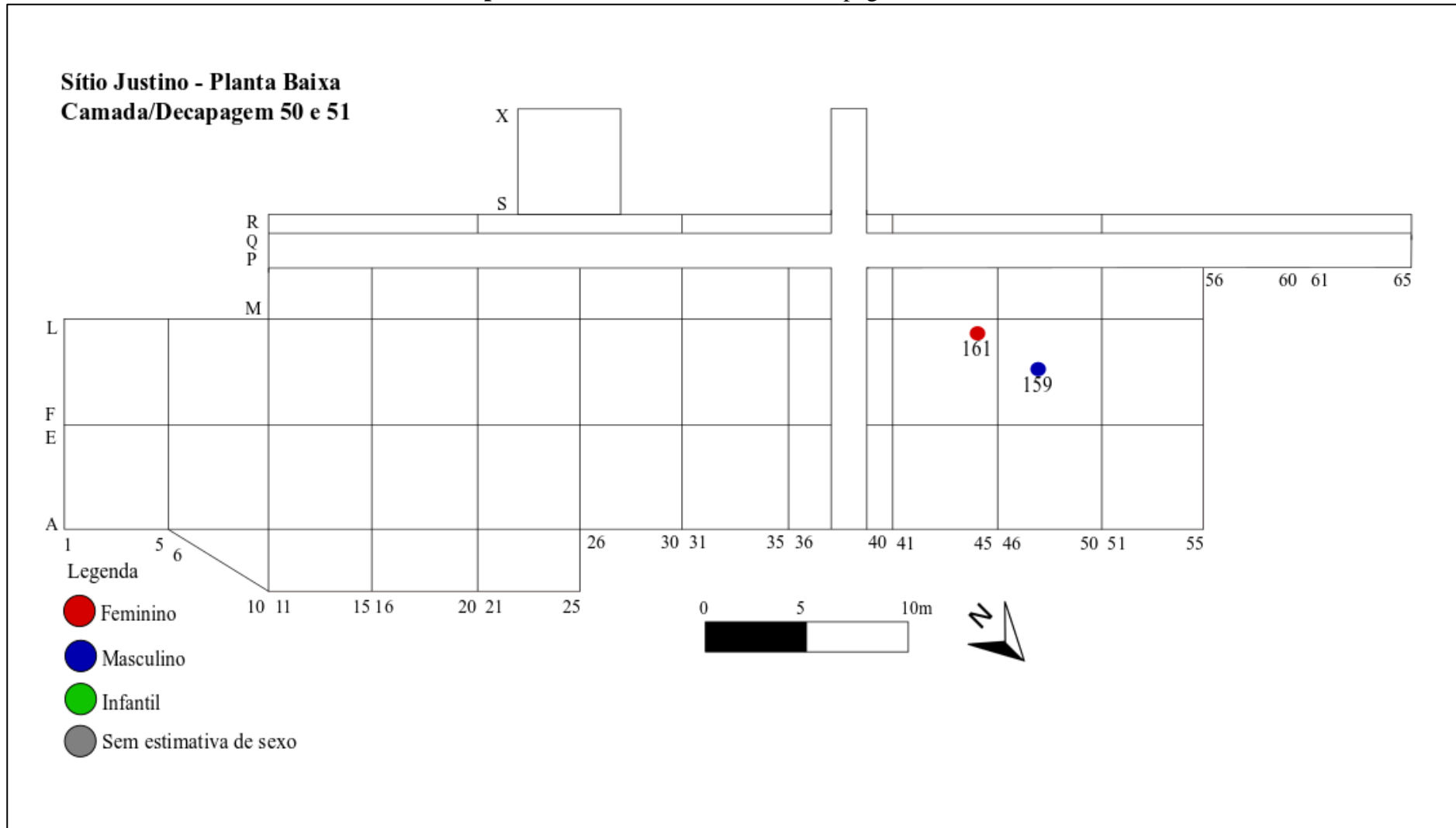
Apêndice Z – Planta baixa da decapagem 48



### Apêndice AA – Planta baixa da decapagem 49



Apêndice AB – Planta baixa das decapagens 50 e 51



### Apêndice AC – Planta baixa da decapagem 52

